

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Edson Segamarchi dos Santos

HISTÓRIA DOS JOGOS ESCOLARES DO MUNICÍPIO DE
SOROCABA EM MEADOS DO SÉCULO XX

Sorocaba/SP
2006

EDSON SEGAMARCHI DOS SANTOS

**História dos Jogos Escolares do Município de Sorocaba em meados do
século XX**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, pela Banca Examinadora formada pelos seguintes Professores:

Orientador: Professor Doutor Luiz Carlos Barreira

1º Exam.: Prof. Dr. Fernando Renato Cavichioli

2º Exam.: Prof. Dr. Fernando Casadei Salles

Sorocaba, ____/____/____

Ficha Catalográfica

S234h Santos, Edson Segamarchi dos
História dos jogos escolares do Município de Sorocaba em meados do século XX / Edson Segamarchi dos Santos. -- Sorocaba, SP, 2006.
98 f.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2006.
Inclui bibliografias e anexos.

1. Jogos escolares – Sorocaba – História. 2. Educação – História e historiografia. 3. Educação física - Historiografia. 4. Educação física – Brasil - História. 5. Práticas escolares. I. Barreira, Luiz Carlos, orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

DEDICATÓRIAS

A minha esposa e companheira Cláudia, que soube compreender as ausências necessárias, pelo apoio a essa empreitada, sabendo dividir, da mesma maneira, os momentos de alegria e angústia, dessa importante passagem de nossas vidas.

A minha mãe (i.m.), pelo incondicional apoio demonstrado em todos os momentos da minha vida.

Ao amigo, técnico, e professor Renato Yonamine (i.m.), que nos anos 1980, foi um grande incentivador para iniciar os estudos acadêmicos.

Agradecimentos

- Ao Professor Doutor Luiz Carlos Barreira, pela dedicação, seriedade e incentivo que demonstrou em sua orientação, na busca à qual empreendi para ampliar meus conhecimentos.
- Aos professores do Programa de Mestrado da Uniso, que com muita competência e erudição contribuíram na minha formação de pesquisador.
- Ao amigo Flavio Benedito, pelo incentivo e pelas contribuições, que permitiram explorar o melhor das minhas possibilidades na produção desse estudo.
- Ao Gabinete de Leitura, pela preservação dos acervos, e pela permissão concedida para consultar os periódicos: Cruzeiro do Sul e Diário de Sorocaba.
- Aos entrevistados: professores Newton Corrêa da Costa Júnior, Otto Wey Netto, e José Carlos de Almeida, pela valiosa participação que tiveram na pesquisa.
- Aos colegas de mestrado, pelo fraterno convívio compartilhado nos últimos anos.

A explicação histórica não pode tratar de absolutos e não pode apresentar causas suficientes, o que irrita muito algumas almas simples e impacientes. Elas supõem que, como a explicação histórica não pode ser Tudo, é portanto Nada, apenas uma narração fenomenológica consecutiva. É um engano tolo. A explicação histórica não revela como a história *deveria* ter se processado, mas porque se processou dessa maneira, e não de outra; que o processo não é arbitrário, mas tem sua própria regularidade e racionalidade; que certos tipos de acontecimentos (políticos, econômicos, culturais) relacionaram-se, não de qualquer maneira que nos fosse agradável, mas de maneiras particulares e dentro de determinados campos de possibilidades; que certas formações sociais não obedecem a uma “lei”, nem são os “efeitos” de um teorema estrutural estático, mas se caracterizam por determinadas relações e por uma lógica particular de processo.

EDWARD PALMER THOMPSON

RESUMO

Este estudo tem por objetivo recuperar uma das possíveis histórias das primeiras edições das competições escolares ocorridas no município de Sorocaba, os Jogos Escolares. Concentramos nossos esforços em retratar o período histórico referente ao início dessas competições, que foi a partir dos anos 40 do século anterior. Para produzir a pesquisa, recorremos a fontes documentais, escritas e, principalmente, orais. Encontramos nos depoimentos – de alguns agentes envolvidos nesses eventos – informações, que permitiram identificar os personagens, e os fatores que determinaram o início desse processo, tendo em vista que as competições escolares estão presentes até os dias atuais. Também realizamos um diálogo, com alguns dos autores da produção historiográfica dos anos 1980 e 1990, da Educação Física brasileira. Tendo-se como base as informações colhidas nas fontes, procuramos questionar as teses apresentadas por alguns desses autores, através, principalmente, dos depoimentos. Ao analisar o conteúdo das falas, foi possível refutar as afirmações apresentadas por alguns autores, segundo as quais, a Educação Física e o esporte escolar teriam sido manipulados e teriam se tornado, inclusive, um dos “braços operacionais” do regime militar instalado no Brasil a partir de 1964. Inquirimos os agentes quanto à questão política, e da sua possível interferência no âmbito do esporte escolar. Os depoentes não estabeleceram relação alguma entre esporte escolar e políticas oficiais de cunho conspiratório, em qualquer momento na história dessas atividades no município de Sorocaba. Encontramos no decorrer da pesquisa consistentes informações que nos permitiram concluir que as demandas sociais locais e a iniciativa de pessoas simpatizantes das atividades esportivas, na década de 1940, determinaram o surgimento das primeiras competições entre escolas da cidade.

Palavras-chave: História e historiografia da Educação brasileira; História da Educação Física no Brasil; Práticas escolares; Jogos escolares; Sorocaba.

ABSTRACT

This study aims to retrieve one of the possible “stories” of the first publishing of the school competitions which took place in Sorocaba, i.e. The School Games. We concentrated our efforts to portray the historical period referring to the beginning of these competitions, started from the 40’s of the previous century. To produce this research, we examined some documental sources, both written and oral ones. We found in the speeches – of some agents involved in these – valuable information which permit to identify the characters and the factors which lead to the beginning of this process, since the school competitions are present until today. We also had a dialogue with some authors of the historiography production, from 1980 and 1990 years, of the Physical Education. Having to base the information’s collected in the chosen sources, we tried to asking for the thesis presented for some authors. By means of this we refuted some statements made by authors, as the declaration of having been the Physical Education (likewise the School Games) an instrument (an “operational branch”) of political manipulation used during 1960-1970’s military dictatorship in Brazil. We inquired the agents on this political issue, and on its possible interference in the school’s everyday life. The agents considered no relations — at any moment in Sorocaba — between school competitions and official actions that could hide purposes of conspiracy. We also found in the course of our research consistent information that allowed us to conclude that both local demands and the initiative of sport enthusiastic people in 1940’s engendered the first competitions between schools in the Sorocaba city.

Key- words: History and Historiography of Brazilian Education; History of Brazilian Physical Education, School Practices, School Games, Sorocaba.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO 1 EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO NA PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA RECENTE DO BRASIL.....	16
1.1 Políticas públicas em educação (1964-1985).....	18
1.2 Educação física, esportes e agentes: uma perspectiva estruturalista.....	20
CAPÍTULO 2 MEMÓRIA HISTÓRICA DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM SOROCABA.....	37
2.1 História oral.....	37
2.2 A escolha dos entrevistados.....	40
2.3 As vozes dos agentes.....	43
2.4 Jornal Cruzeiro do Sul.....	66
CAPÍTULO 3 JOGOS ESCOLARES: HERANÇA CULTURAL.....	69
3.1 A singularidade do esporte infantil sorocabano.....	70
3.2 Equivocaram-se os historiadores?.....	75
3.3 Competições escolares como resultado de demandas sócio-culturais.....	80
4 CONCLUSÃO.....	83
REFERÊNCIAS.....	88
APÊNDICE A – Transcrições das Entrevistas.....	00
APÊNDICE B – CD-ROM.....	00

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema dos **jogos¹ escolares**, a que dedicamos esta pesquisa, foi-nos despertado pela reflexão que têm suscitado, há tempos, nossas vivências e experiências no meio esportivo, mormente com o **esporte estudantil²**. Nossa participação, ainda como aluno, em competições interescolares iniciou-se em meados da década de 1970, e deixou-nos marca tais que, avivando o interesse pela Educação Física, nos levaria, em anos seguintes, à decisão de tornar-nos um profissional especialista dessa área. As experiências acumuladas, na condição de aluno-atleta, e posteriormente, como professor, permitiram-nos confirmar a prática pedagógica, no interior da escola, das atividades esportivas voltadas às competições colegiais. Vale lembrar que essas competições escolares firmaram-se definitivamente no calendário oficial dos órgãos representativos da Educação Física, ocorrendo o mesmo com o treinamento esportivo como prática permanente nas unidades de ensino. Essas atividades, iniciadas em período mais remoto, conquistaram espaço no meio escolar, e estão significativamente presentes nos dias atuais.

Exatamente em razão da crescente relevância da atividade esportiva no cotidiano escolar, é que nos decidimos a fazer dela objeto de uma interpretação histórica que investigasse mais detidamente a ocorrência desses eventos esportivos. Elegemos, para isso, o município de Sorocaba como seu âmbito de realização. Essa delimitação espacial deve dar, supomos, uma dimensão suficiente para a investigação do assunto nos limites da pesquisa que nos propomos

¹ O termo *jogos* possui vários significados; em geral, é utilizado como definição de atividades de natureza recreativa ou de entretenimento. Nesta pesquisa, entendemo-lo como sinônimo de *disputas* e *competições* (regulamentadas por regras esportivas correspondentes às modalidades esportivas) *entre escolares*. Permanecemos assim próximo da acepção que lhe atribuíram as fontes consultadas neste trabalho.

² A expressão esporte estudantil, recorrente neste texto, é considerada por alguns autores como sinônimo de *atividade esportiva voltada ao treinamento e às competições escolares*.

realizar, sem ferir a integridade do tema nem nos obrigar a compulsar um cabedal de fontes documentais demasiado amplo. Os limites temporais da pesquisa, por seu turno, abrangem os anos das primeiras edições das competições esportivas interescolares, ou seja, mais precisamente a partir de 1948.

Procuramos identificar em nossa pesquisa quais foram os aspectos determinantes das primeiras edições, das referidas competições esportivas realizadas no município, bem como quais pessoas estiveram envolvidas neste processo, quais medidas e com que motivações deram início àquilo que se tornaria, ao longo do tempo, uma prática tão comum nas unidades de ensino. Para tanto, realizamos a necessária coleta de dados em fontes escritas (jornais, decretos, leis, livros, teses); mas privilegiamos as informações extraídas de fontes orais, a saber, os depoimentos de pessoas envolvidas na elaboração e realização das primeiras jornadas esportivas colegiais na cidade. O intuito, pois, a que nos propusemos na pesquisa foi o de recuperar a memória dos personagens que fizeram parte da história da Educação Física de Sorocaba, em particular no que diz respeito à criação dos Jogos Escolares. Igualmente, buscamos verificar **quais representações sobre os Jogos Escolares foram produzidas por aqueles que os idealizaram e os realizaram**, pois entender os **significados** dados aos jogos pelos profissionais que os planejaram e executaram é de suma importância para a reconstrução do papel histórico que as competições desempenharam no cenário político-cultural daqueles anos.

É digno de nota que, no início da pesquisa, não encontramos fontes escritas que tratassem com a propriedade desejada o tema do desporto estudantil interescolar. A nossa busca por fontes mais abrangentes frustrou-se, em função de que alguns setores da administração pública, não deram o merecido cuidado necessário à preservação de inúmeros documentos produzidos que, posteriormente, foram destruídos. Essa dificuldade foi, inclusive, corroborada por dois dos nossos

entrevistados, que encontraram o mesmo problema na produção de seus respectivos trabalhos de pesquisa histórica, voltadas ao esporte sorocabano.

Encontramos na literatura vários temas relacionados à Educação Física, mas nenhum deles contemplou, especificamente, o fenômeno do esporte competitivo no âmbito escolar. Assim, decidimos optar pelo método da história oral temática, por entendermos que dessa maneira poderíamos nos aproximar da realidade vivida por seus agentes históricos, através da narração de suas memórias, evocadas em parte por questões a serem feitas em entrevistas. Essas entrevistas foram programadas tendo como ponto de partida um roteiro previamente elaborado, com tópicos a serem abordados nos encontros. Entendemos que a tarefa de reconstruir o passado tem nos depoimentos e lembranças fornecidos oralmente por agentes históricos um valioso meio para produzir — através do cruzamento de informações com outras fontes — nossa própria interpretação das competições realizadas em Sorocaba, a partir do final da década de 1940. Ante a carência de trabalhos específicos sobre as competições escolares, buscamos nas pesquisas dos historiadores da área da Educação Física elementos que pudessem nos auxiliar em nossas análises.

No primeiro capítulo (*Educação Física e desporto na produção historiográfica recente do Brasil*), objetivamos discutir os principais trabalhos da historiografia brasileira recente da Educação Física. Esta historiografia reúne duas correntes distintas de pensamento: uma delas é constituída por autores que, ao analisarem somente fontes escritas, afirmaram ter as práticas escolares sido uma resultante das políticas públicas direcionadas à área. Estudiosos como Castellani Filho, Ghiraldelli Jr., Palafox, Betti e Beltrami produziram trabalhos com enfoque de caráter global, e nos quais prevalecem análises estruturalistas. As críticas elaboradas por esses autores tiveram uma expressiva importância na historiografia da Educação Física nos anos 1980 e 1990. Segundo as análises dessa corrente, nas ações implementadas nas áreas da Educação física

e dos esportes, em geral, predominou incontestavelmente **o ideário oficial do governo**. Isso teria significado o uso sistemático das atividades esportivas pelo regime militar pós-1964 com o propósito precípua de, escusa e arditosamente, desviar as atenções da sociedade quanto aos graves problemas sociais e políticos daquele momento. Para os críticos mais exaltados dessa corrente, a Educação Física se teria tornado, inclusive, um dos “braços operacionais do Regime”, destinado tanto a anestesiar as consciências dos jovens estudantes, como a controlar e mascarar a realidade conflituosa do país. Essa estratégia oficial de governo previa: 1) o incentivo à formação dos grêmios escolares, voltados sobretudo à participação de atividades lúdicas, culturais e esportivas; 2) a realização de competições esportivas interescolares. Através das atividades desenvolvidas, os estudantes se estariam distanciando das atividades de cunho político-reivindicatório, atividades que foram marcantes na década de 1960 até o fechamento do regime, em fins de 1968.

Outra alegação desses críticos é que a regulamentação da Educação Física, a partir da década de 1970, deu impulso ao seu desenvolvimento no meio escolar, ao tornar obrigatória a sua prática. A implantação de inúmeras faculdades de Educação Física no Brasil teria logrado suprir a demanda que crescera desde a década de 1960. Os dados encontrados na pesquisa indicam que essa atividade era exercida por professores leigos, pois até o início da década de 1970, havia no estado de São Paulo, por exemplo, somente cursos de Educação Física nas cidades de São Paulo e Bauru. De acordo com essa visão, havia uma interferência maniqueísta por parte do governo ditatorial, que buscava de todas as maneiras ocupar espaços na sociedade, e em relação à Educação Física, ele teria obtido êxito manipulando politicamente os profissionais da área, transformando-os em verdadeiras marionetes, num período em que a área ganhava, historicamente, o seu maior relevo.

Entretanto, autores mais recentes, pertencentes à outra corrente, discordaram frontalmente dessas teses então correntes. E para fundamentar suas críticas, valeram-se do cruzamento de variadas fontes documentais, além das escritas: as orais, através de coleta de entrevistas (depoimentos e história de vida) e as iconográficas (fotografias, filmes). Para a nova corrente, a história não é analisada como simples reprodução das estruturas da sociedade, mas tratada como um *processo*, como alerta Eduard Palmer Thompson (1981) — teórico freqüentemente utilizado por autores dessa corrente — segundo o qual “*a história não conhece verbos regulares*” (p.57). Nesta corrente de pensamento, incluem-se autores como Marcus Aurélio Taborda de Oliveira, Vitor Andrade de Melo e Roberto Gondim Pires. Entre eles, Oliveira (2001) é o autor que produziu a mais elaborada crítica da visão estruturalista da história, em seu trabalho *A revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968 – 1984) e a experiência cotidiana da rede Municipal de Ensino de Curitiba: entre a adesão e a resistência*. Oliveira afirma que “*a história é um campo de possibilidades*”, e que o conhecimento histórico é uma construção elaborada pelo historiador, através de um cruzamento de variadas fontes. O autor refuta as categorias explicativas de grandes esquemas ou modelos de investigação, próprios da historiografia dos anos 1980 e 1990. Segundo ele, esse procedimento parece:

[...] corroer por dentro o próprio processo de produção do conhecimento histórico. Esse processo de produção pressupõe um movimento, no sentido de refutação/confirmação permanente de hipóteses, que são sempre provisórias, o que confere um grau de provisoriedade à *verdade* histórica, que é sempre parcial. Provisoriamente que não representa relativização das possibilidades de objetivação do conhecimento histórico. Apenas aponta para o movimento de compreensão, apreensão, pensamento e superação. Aponta para a própria dinâmica contraditória da história. (OLIVEIRA, 2001, p. 28)

Quanto à historiografia produzida nos anos 1980 e 1990, Oliveira assevera ainda:

Ao longo da década de 1980, a produção historiográfica da Educação e da Educação Física no Brasil orientou-se basicamente por uma prática baseada em extrair dos documentos aquilo que eles traziam de forma bastante clara, sem se preocupar com suas possibilidades não manifestas. Fez-se uma leitura um tanto açodada do que *pareciam* ser os documentos, sem levar em consideração o que eles realmente *podiam* ser ou efetivamente *eram*. Assim, enquadrou-se a história em esquemas predeterminados, orientados por uma compreensão determinista do processo histórico, em que os sujeitos aparecem como meros coadjuvantes e vítimas de *maquinações* engendradas fora da concretude das relações humanas. Essa tradição abstracionista, muitas vezes orientada por um materialismo de tipo economicista, imputou às estruturas sociais a ação dos homens na história, esquecendo-se do duplo movimento de constituição da cultura: homens que produzem história que produz cultura que produz homens. (OLIVEIRA, 2001, p. 30)

Nossa abordagem firma-se em considerar o homem concreto — situado num contexto cultural, político, econômico — como o sujeito real das ações sociais, que comumente são submetidas às interferências de determinações estruturais. Mas ao mesmo tempo, permitem-lhe agir e reagir frente às determinações, e a única maneira de compreender-se a complexidade do real produzida por ele, **é olharmos para os indivíduos que fizeram a história**. Tendo isso em conta, procuramos investigar quais teriam sido as determinações, os fatores que resultaram nas realizações das primeiras competições escolares em Sorocaba, bem como das ações empreendidas pelos agentes envolvidos nesse processo. Esses agentes vivenciaram nas suas práticas cotidianas, no decorrer de anos, a atmosfera dos Jogos, e certamente teriam algo a narrar, algo de relevante a contar-nos, a respeito dos fatos que se fixaram em suas memórias. Consideramos essas narrativas a base sobre a qual levantamos nossa interpretação, numa tentativa de nos aproximarmos da realidade vivida pelos profissionais envolvidos nos Jogos Escolares daquela época. E para realizarmos este trabalho procuramos fazê-lo sempre à luz de procedimentos e conceitos firmados em trabalhos historiográficos consagrados, como os de Paul Thompson (*A voz do passado*), Ferreira e Amado (*Usos e Abusos da História Oral*), Walter Benjamin (*O Narrador*), dentre outros.

No segundo capítulo (*Memória histórica dos profissionais da Educação Física em Sorocaba*), reservamos espaço para os depoentes apresentarem suas narrativas, mantendo com eles um diálogo livre. Vale lembrar que esses colaboradores se dispuseram a contribuir da maneira mais solícita possível, respondendo a todas as inquirições feitas, e sempre acrescentando novas informações e sugestões que tornaram mais fácil a pesquisa das fontes escritas. Há que se destacar também a freqüente clareza, precisão e lucidez das falas dos depoentes, ao narrar fatos concernentes às suas participações nos eventos escolares. Os depoentes ofereceram-nos, inclusive, algumas valiosas fotos e documentos (alguns dos quais poderão ser consultados nos anexos deste trabalho). Reservamos, ainda, no final do capítulo um espaço especial ao jornal *Cruzeiro do Sul*, que constituiu a principal fonte escrita consultada nesta pesquisa. Consultamos também o jornal *Diário de Sorocaba*; mas foi no *Cruzeiro do Sul* que encontramos inúmeras reportagens dirigidas às competições ocorridas em Sorocaba, a partir da década de 1940.

Dedicamos o terceiro capítulo (*Jogos Escolares: herança cultural*), a realizar uma síntese da pesquisa, promovendo um cruzamento de informações das fontes escritas, orais, e da historiografia da Educação Física abordada ao longo do texto. Procuramos realizar neste capítulo, fundamentados então, nas afirmações colhidas nos depoimentos, o que Oliveira (2001) definiu como a “*crítica da crítica*”, ou seja, a crítica de parte dos trabalhos historiográficos produzidos nas décadas de 1980 e 1990. Procuramos travar um diálogo com esses historiadores, pois nosso estudo dos depoimentos nos possibilitou apresentar conclusões, em parte, **divergentes** das apresentadas por eles.

É esse, em linhas gerais, o caminho que percorremos neste trabalho, cujo tema, ainda pouco explorado, deve merecer a atenção de futuros pesquisadores. Apesar das deficiências que não pudemos superar, esperamos que nossa pesquisa possa contribuir para uma maior elucidação dele.

CAPÍTULO 1 EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO NA PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA RECENTE DO BRASIL.

A historiografia recentemente produzida no Brasil na área da Educação Física acumula uma significativa quantidade de trabalhos publicados, situação auspiciosa resultante de uma tendência que, no âmbito acadêmico, começou a ganhar fôlego nas décadas de 1980 e 1990. Alguns desses trabalhos, aliás, lograriam transformar-se em importantes referências para outros estudos que viriam posteriormente. Segundo Melo (1999 *apud* PIRES, 2001, p.5-6), a pesquisa histórica em Educação Física apresentou, ao longo de sua produção, três fases distintas. Na primeira, essa produção foi basicamente elaborada a partir da utilização de livros importados, e Laurentino Lopes Bonorino destacou-se como a principal figura brasileira. Sua primeira publicação foi em 1931, tornando-se a primeira publicação específica em historiografia brasileira, e contou com a colaboração de Fernando Azevedo.

Na segunda fase, a historiografia encontrou em Inezil Penna Marinho o estudioso de maior influência, em grande medida devido à preocupação voltada para a história da Educação Física e do esporte no Brasil, construída a partir de uma documentação essencialmente brasileira. Sua produção apresentava critérios metodológicos mais consistentes, utilizando-se de várias fontes, tais como: leis, teses, livros, súmulas de resultados de competições esportivas, jornais e periódicos. A importância de sua obra para a Educação Física brasileira, levou Pires (2001, p.8) a julgar que *“sua obra foi profundamente de caráter marcante e de importância singular no aprofundamento a valorização dos estudos ligados à história no interior da Educação Física brasileira”*.

A terceira fase — ainda consoante Melo — assumiu a feição de uma etapa, sobretudo de críticas aos estudos desenvolvidos por Inezil Penna Marinho, e tinha como pano de fundo

uma “inspiração metodológica marxista”. A ênfase teórica dos autores dessa fase recaía mais no empenho em se fazer uma crítica ideológica à Educação Física, e menos em se seguir um padrão metodológico rigoroso, naturalmente necessário a todo estudo histórico. Sinteticamente, nas palavras do autor:

A periodização continua a se submeter a especificidades exteriores ao objeto, além de referendarem uma impressão de continuidade e linearidade sempre tão presente em todas as fases anteriores; a história é entendida como responsável por explicar linearmente o presente, fato agravado por uma compreensão que parte do presente com hipóteses traçadas já basicamente confirmadas, o que praticamente faz forjar no passado os elementos necessários para provar a hipótese inicial; a exasperação da crítica ao caráter documental-factual das obras anteriores fundou-se por muitas vezes no dispensar de datas, fatos e nomes, tão importantes em qualquer estudo historiográfico. (MELO, 1999 *apud* PIRES, 2001, p.9)

Nosso intuito, neste capítulo, será o de abordar parte dessa produção historiográfica — particularmente a da terceira fase — destacando os principais referenciais de análise que seus autores apresentaram, e que, por conseguinte, possam auxiliar-nos no estudo das referências teóricas que contemplaremos.

Alguns trabalhos interpretaram a Educação Física como um elemento integrante das políticas públicas no campo educacional, segundo uma visão característica de análises macroestruturais. A abordagem, neste caso, foi global, o que significa dizer que, conforme essa visão, o contexto econômico e político (interno e externo) interferiu de forma decisiva nos rumos tomados pela educação, em geral, e por aqueles que seriam, em particular, seu campo privilegiado de atuação: a Educação Física e o desporto. Essa interferência teria ocorrido da maneira mais marcante durante o período do regime militar no Brasil (ou seja, entre 1964 e 1985), *através da internacionalização da economia e da dependência estrutural do Brasil em relação aos países capitalistas centrais, nomeadamente os Estados Unidos*. As transformações ocorridas no campo da produção econômica, nos países centrais, alteraram concomitantemente as orientações no âmbito da educação. Estas mudanças, por seu turno, afetaram diretamente as orientações da educação no Brasil, o que se materializou,

propriamente, nas reformas de que foi então alvo o ensino no país. A seguir, apresentaremos breves considerações sobre esse assunto. Nossa discussão pretende, sucintamente, mostrar as mudanças ocorridas na educação, e que foram estudadas pelos teóricos da Educação Física, em suas análises nas décadas de 1980 e 1990. Cumpre advertir que o faremos de maneira apenas introdutória, pois o tema das políticas públicas voltadas à educação naquele período, embora em si importante, constitui questão apenas secundária para nosso estudo.

1.1 Políticas públicas em educação (1964-1985)

No que concerne à educação, os anos do regime militar patentearam-se por uma assinalável e franca intervenção do Estado, que, com a ajuda de agências norte-americanas, promoveu importantes mudanças no ensino de 1º e 2º graus, bem como no ensino superior. As reformas empreendidas vieram num momento de pleno controle do Estado sobre a sociedade, a qual, paulatinamente, experimentaria em duas décadas a desorganização e a eliminação da maioria de seus mais renhidos movimentos. Como observa Germano (1993, p.104), estas reformas surgiram no auge do regime, e o Estado, numa “manobra pelo alto”, encetou-as no Ensino Superior (em 1968), para, em seguida, implementá-las nos ensinos primário e médio (em 1971).

Havia, da parte dos governantes militares, um interesse manifesto em valorizar a educação como meio de equalização social; contudo, esse interesse acabou por restringir-se ao discurso, porquanto, na realidade objetiva, a lógica que vigorou foi a da exclusão de boa parte da população do acesso à educação, principalmente a de nível superior. Outro aspecto importante a notar-se foi a falta de recursos adequados ao prosseguimento daquilo que as reformas previam. As mudanças na educação, engendradas pelo Estado autoritário, tinham por regra fundamental **a manutenção da hegemonia de grupos que ocupavam e se serviam**

dos privilégios e das benesses do governo: grupos ligados ao setor privado da educação foram os mais favorecidos pela nova política educacional.

A respeito disso, consideramos esclarecedoras as seguintes asserções feitas por Germano, ao apontar os fios condutores da política educacional no período 64-74:

- 1) Controle político e ideológico da educação escolar em todos os níveis. Tal controle, no entanto, não ocorre de maneira linear, porém, é estabelecido conforme a correlação de forças existentes nas diferentes conjunturas históricas da época. Em decorrência, o Estado militar e ditatorial não consegue exercer o controle total e completo da educação. 2) Estabelecimento de uma relação direta e imediata, segundo a “teoria do capital humano”, entre a educação e produção capitalista e que aparece de forma mais evidente na reforma do ensino de 2º grau, através da pretensa profissionalização. 3) Incentivo à pesquisa vinculada à acumulação de capital. 4) Descomprometimento com o financiamento da educação pública e gratuita, negando na prática, o discurso de valorização da educação escolar e concorrendo decisivamente para a corrupção e privatização do ensino, transformando em negócio rendoso e subsidiado pelo Estado. Dessa forma o Regime delega e incentiva a participação do setor privado na expansão do sistema educacional e desqualifica a escola de 1º e 2º graus, sobretudo. (1993, p.105-106)

Para a concretização desta política no país, o governo realizou acordos, a partir de 1964, com os Estados Unidos. Foram acordos firmados entre o MEC e USAID¹, e envolviam todos os níveis do ensino. É de assinalar-se, ademais, que foi no ensino superior que ocorreram as mais veementes manifestações contrárias às mudanças impostas. A intenção do governo era, claramente, adaptar a universidade aos moldes empresariais, racionalizando as atividades, procurando disciplinar a vida acadêmica, controlando manifestações contrárias, e promovendo a hierarquia e a autoridade em seu interior.

Com a ocupação do poder político pelos militares, importantes órgãos governamentais

¹ Nome de um acordo que incluiu uma série de convênios realizados a partir de 1964, durante o regime militar brasileiro, entre o Ministério da Educação (MEC) e a United States Agency for International Development (USAID). Os convênios, conhecidos como acordos MEC/USAID tinham o objetivo de implantar o modelo norte americano nas universidades brasileiras através de uma profunda reforma universitária. Segundo estudiosos, pelo acordo MEC/USAID, o ensino superior exerceria um papel estratégico porque caberia a ele forjar o novo quadro técnico que desse conta do novo projeto econômico brasileiro, alinhado com a política norte-americana. Além disso, visava a contratação de assessores americanos para auxiliar nas reformas da educação pública, em todos os níveis de ensino. (*Dicionário Interativo da Educação Brasileira – EducaBrasil*)

passaram a ser ocupados por diretores e administradores por eles nomeados: um procedimento que se tornou usual foi a nomeação preferencial de membros oriundos da caserna². A Educação Física e o desporto não ficaram incólumes à influência militar do Estado, quer no que se refere à ideologia, quer no campo das práticas escolares. Podemos considerar exemplos dessa interferência na área: o respeito à autoridade, disciplina, valorização da moral e do civismo³, bem como o desenvolvimento de marchas e evoluções e os desfiles cívicos com bandas e fanfarras.

1.2 Educação Física, esporte e agentes: uma perspectiva estruturalista.

O objetivo de nossa pesquisa é investigar a natureza e as particularidades históricas das competições esportivas interescolares no município de Sorocaba, no decorrer das décadas de 1960 e 1980. Nossa atenção deve-se voltar especialmente para os pressupostos que determinaram a criação e a realização das primeiras participações. Considera-las-emos, antes de tudo, dentro de um contexto *local*, embora nos esforcemos para não perder de vista sua inserção no contexto geral da Educação Física brasileira. Tendo isso em conta, e pretendendo possibilitar um melhor entendimento do que representou a Educação Física no período, recorreremos a diversos teóricos que a estudaram, abordando as atividades esportivas escolares relacionadas tanto numa dimensão nacional (ou mesmo internacional), como em realidades locais, particulares e singulares.

Consideramos os teóricos mais representativos da corrente de caráter global, na qual prevalecem análises estruturalistas, os seguintes autores: Castellani Filho (1988), Ghiraldelli

² São exemplos importantes ligados à área esportiva o Conselho Nacional de Desportos (CND) e Comitê Olímpico Brasileiro (COB), dirigidos por quadros do oficialato militar.

³ Este relevante aspecto valorizado pelos militares no pós-64, também esteve presente na cultura esportiva brasileira no período Vargas. A orientação voltada para a moral e o civismo aparecia nos objetivos do Conselho Nacional de Desportos (CND), criado em 1941. Para (MANHÃES, 1986, p.77) o CND tinha por função “tornar dos desportos um eficiente processo de educação física e espiritual da juventude”.

Jr. (1988), Palafox (1990), Betti (1991), Beltrami (1992), todos pesquisadores que se valeram exclusivamente de fontes documentais escritas (como leis, decretos, revistas, periódicos e publicações literárias diversas). Por sua vez, os autores que se dedicaram a investigar realidades de limites mais restritos, o fizeram atentos às particularidades locais da Educação Física, ainda que a inserissem também num contexto global. E para realizar uma investigação mais apurada, fazendo a mediação com a totalidade, lançaram mão de fontes diversas: além das fontes escritas, utilizaram entrevistas (depoimentos e história de vida) e fontes iconográficas (fotografias, filmes). Nesta corrente, incluem-se autores como Oliveira (2001), Melo (1999) e Pires (2001).

O diálogo com esses autores permitirá, como presumimos, compreender melhor o que ocorreu nesta específica área da educação escolar daquele período, e, por extensão, nas práticas relacionadas às competições interescolares, que a partir de então ganharam maiores incentivos governamentais. Vale lembrar, contudo, que não encontramos na literatura nenhum trabalho que abordasse especificamente o tema das competições escolares, o que nos obrigou a caminhar em terreno pouco firme, amparando-nos nos trabalhos consultados em busca de indícios e evidências que permitissem proceder-se a análises a partir do universo de informações que estas fontes apresentassem.

A historiografia dos anos 1980 e 1990 sustentam, em geral, que no período da ditadura militar no Brasil, a Educação Física conheceu uma ampliação do número de praticantes de atividades esportivas no ambiente escolar. Tal dilatação deveu-se, principalmente, à regulamentação específica⁴ da área, o que tornava obrigatória a prática destas atividades no currículo escolar. Dessa forma, o regime militar passou a dar grande importância à prática de esportes; conseqüentemente isto significou a ocupação de setores estratégicos da Educação Física e Desporto no país, através, sobretudo, de nomeações de militares para os cargos

⁴ Segundo Oliveira (2001, p.33), o Decreto 69.450/71 regulamentou e impôs padrões de referência para a obrigatoriedade da prática de Educação Física no interior da escola. Esta obrigatoriedade estava presente no artigo n.º 7 da Lei 5.692/71.

dirigentes dessas áreas, como notamos acima. O governo passou a seguir uma **orientação internacionalista** para nortear as ações na Educação Física nacional. A prática de algumas modalidades esportivas tornou-se a base da Educação Física. Esse fenômeno ocorrera também nos países desenvolvidos, e foi, então, assimilado pelos militares brasileiros. Em alguns trabalhos acadêmicos, apresenta-se a tese de que a Educação Física tornou-se sinônimo de **treinamento**, com a predominância da técnica motora voltada ao domínio dos fundamentos de algumas modalidades esportivas. Assim, as escolas desenvolviam atividades a exemplo dos clubes esportivos, e tinham por finalidade a **performance**, isto é, o rendimento na preparação dos alunos. Com relação a esses trabalhos, Oliveira adverte:

[...] o esporte tornava-se referência praticamente exclusiva para a prática de atividades corporais no plano mundial, seja dentro ou fora da escola. Isso teria ocorrido em parte, porque numa certa perspectiva o esporte codificado, normatizado e institucionalizado pode responder de forma bastante significativa aos anseios de controle por parte do poder, uma vez que tende a padronizar a ação dos agentes educacionais, tanto do professor quanto do aluno; noutra, porque o esporte se afirmava como fenômeno cultural de massa, contemporâneo e universal, afirmando-se, portanto, como possibilidade educacional privilegiada. (2001, p.33)

Betti (1991) assevera que a interferência ocorrida na Educação Física brasileira se deu através do internacional “Método Desportivo Generalizado”. O método tinha por finalidade tornar as aulas de Educação Física mais prazerosas aos alunos, e superar a orientação, ainda presente, de aulas com conteúdos predominantemente ginásticos, oriundos da tradição militar⁵. Consoante Oliveira (2001), essa orientação internacional encontrou na Revista Brasileira de Educação Física — publicação oficial, no período de 1968 a 1984, da Secretaria de Educação Física e Desportos do Ministério de Educação e Cultura (SEED-MEC) — um importante espaço de publicação de artigos produzidos em outros países, difundindo o esporte como fundamental elemento de Educação Física escolar.

⁵ Para uma melhor compreensão da influência dos militares na Educação Física brasileira em período anterior ao golpe de 1964, recomendamos o trabalho de Goellner (1992), *O Método francês e a Educação Física no Brasil: da caserna à escola*.

A corrente de pensamento estruturalista interpreta as orientações do Estado como orientações determinantes das práticas dos sujeitos, e que os tornavam vítimas das circunstâncias impostas pelo regime autoritário de 1964. As análises de autores dessa corrente apresentam características generalizantes, que incorreram numa interpretação equivocada da realidade, pois lhes faltou investigar como se deram, efetivamente, as práticas dos profissionais nas atividades cotidianas.

De acordo com essa visão estrutural-determinista, as Leis e Decretos editados pelo regime continham “letra e espírito”, ou seja, havia, subjacente às determinações contidas nos textos um pensamento ideológico. O sentido desse pensamento era o da manutenção do poder e das forças hegemônicas no governo, através, principalmente, do controle ideológico das classes subordinadas. O exercício desse controle se fazia por meio do convencimento (“*bastava seguir as orientações*”), ou por meio da franca repressão policial, recurso, como é notório, bastante utilizado nos anos de fechamento do regime⁶.

Para esta corrente de pensamento, a Educação Física e os esportes deveram alinhar-se ao pensamento político hegemônico. Igualmente, haviam-se tornado um dos “braços operacionais” do regime, para atender aos interesses do poder de Estado. A idéia corrente para autores como Beltrami (1992), Castellani Filho (1988), Ghiraldelli Jr. (1988), e Palafox (1990) é a de que a Educação Física foi vítima da manipulação do governo durante aqueles anos sombrios. Em vista disso, e para conhecermos melhor o trabalho dos autores, apresentaremos algumas considerações do “olhar” por eles produzido em relação à Educação Física e os desportos no período.

⁶ “O período 1964-1969 traz um progressivo endurecimento do regime, com a conseqüente eliminação dos escassos espaços liberalizantes. Esse processo de endurecimento pode ser encarado como uma reação às mobilizações sociais; à ofensiva do movimento estudantil, notadamente em 1968, a tropeços eleitorais; a eventuais conflitos entre o Executivo e o Legislativo e ao surgimento de grupos armados de oposição ao Regime...” (Germano, 1993, p.58). Com relação às ações desses grupos armados, importantes obras podem ser consultadas para um maior esclarecimento, das organizações que fizeram oposição ao regime e também das vítimas que foram eliminadas pela repressão: Jacob Gorender (*Combate nas Trevas*); Nilmário Miranda e Carlos Tiburcio (*Dos Filhos deste Solo: mortos e desaparecidos políticos durante a Ditadura Militar*); Daniel Aarão Reis Filho (*A Revolução faltou ao Encontro: os comunistas no Brasil*) e Nelson Werneck Sodré (*A Fúria de Calibã: memórias do Golpe de 64*).

Dalva Marim Beltrami, com seu trabalho *A Educação Física no Âmbito da Política Educacional no Brasil Pós – 64*, proporcionou notável contribuição ao reconhecimento da importância de algumas das determinações do Estado no âmbito da política educacional e da Educação Física de então. Ela o fez através do levantamento e da discussão que produziu em torno da legislação específica desta área de atuação educacional. Para ela, a ocupação estratégica promovida pelo regime na área da Educação Física tornou-a uma das vítimas da intervenção do autoritarismo vigente:

Não fosse a realidade brasileira tão difícil naquele momento para a maioria da população, a intenção dos idealizadores da nova proposta de Educação Física teria significativa relevância, no que se refere à contribuição que ela poderia dar ao indivíduo. No entanto, o uso dos conhecimentos da Educação Física serviria para contribuir para a formação de mão de obra fundada na teoria do capital humano e [...] porque estava em sintonia com o novo modelo econômico. Como a história demonstrou [...]: o uso dos conhecimentos da Educação Física serviu ao Regime Militar para a prática repressiva, na medida em que se atribuiu a função de substituir o movimento estudantil e propor outros horizontes para a juventude. Com isso tentou provocar o imobilismo estudantil através de eventos desportivos. (BELTRAMI, 1992, p.106)

Com este e outros argumentos, Beltrami expressou seu posicionamento crítico, de que o governo, ao ocupar estrategicamente a área da Educação Física, planejou ardilosamente manipular a população estudantil e desviar suas atenções das questões políticas mais candentes.

Lino Castellani Filho (1988) segue a mesma linha de pensamento em seu trabalho *Educação Física no Brasil: A História que não se conta*. Segundo ele, verificou-se uma ação reducionista da Educação Física a seu aspecto meramente biológico, e isto teria ocorrido para compreender os fenômenos da **performance** (ou rendimento) humana, o esportivo, e o da produtividade e eficiência do gesto esportivo.

Ressalta ainda este autor que, no âmbito escolar, a orientação que os órgãos oficiais davam, com vistas a se incentivar a prática de esportes, era no sentido de se formarem os grêmios estudantis, a fim de organizar a preparação e a participação dos alunos para as

competições entre as escolas. Acreditava-se que com esta prática os alunos estariam ocupados com atividades lúdicas, e não com atividades de cunho político reivindicatório. Estava, portanto, preparado pelo regime o expediente manipulador, obediente à intenção de “*anestésiar as consciências*”, de mascarar os conflitos sociais e políticos que se faziam presentes no país. Nas palavras do estudioso:

[...] colaborar, através de seu caráter lúdico-esportivo, com o esvaziamento de qualquer tentativa de rearticulação do movimento estudantil. Evidenciava-se, dessa forma, os traços alienados e alienantes absorvidos pela personagem vivida pela Educação Física.

[...] Em troca, a juventude, silenciosa e bem comportada, ganharia alguns bombons: os Diretórios Acadêmicos seriam transformados em alegres centros recreativos ou, na melhor das hipóteses, em clubes esportivos, cujos atletas envergariam, com orgulho, camisas olímpicas com a inscrição ‘University of Brazil’ no peito [...] (CASTELLANI FILHO, 1988, p.121)

Pires (2001) considera que a obra de Castellani Filho é, ainda hoje, uma das mais lidas na área, porque simbolizou um marco inovador, uma referência das discussões ocorridas na década de 1980. Porém, essa obra estava “*muito mais preocupada em fazer uma crítica ideológica da Educação Física do que seguir o rigor necessário que o estudo histórico requer*” (Pires, 2001, p.8). Este autor volta sua crítica à linearidade do raciocínio de Castellani Filho, ao tratar os acontecimentos históricos, tendência que esteve sempre presente nos trabalhos historiográficos anteriores. Diz o autor:

Castellani Filho (1988) propõe romper com a forma exclusiva de se fazer o conhecimento histórico na Educação Física no Brasil. Assim, tendo como referencial teórico o livro *História e verdade* de Adam Schaff, objetiva apresentar uma versão da história da Educação Física brasileira. Este estudo pode ser considerado um marco, uma vez que abre possibilidade para novas pesquisas sob orientação da concepção marxista da história. (PIRES, 2001, p. 8-9)

Outro importante estudioso do assunto é Paulo Ghuiraldelli Júnior, que apresenta algumas correntes adjacentes da história da Educação Física no Brasil, em seu livro *Educação Física progressista*.

Ghiraldelli Jr. afirma que a Educação Física passou por uma transformação, saindo de uma tendência *pedagogicista* (1945-64) para entrar num período “*competitivista*”. Conforme o autor, a Educação Física pedagogicista:

[...] estava impregnada de teorias psicopedagógicas de Dewey e da sociologia de Durkheim e intimamente ligada ao crescimento da rede de ensino público nos anos 50 e 60, em decorrência do desenvolvimento industrial e da urbanização acelerada do Brasil. (1988, p.19)

A ideologia nacional-desenvolvimentista do governo JK (1956-60) teria dado, segundo Ghiraldelli Jr., impulso e vitalidade a esta concepção, no anseio de atender às camadas populares, que cada vez mais chegavam à escola pública. No início da década de 60, teria acentuado, ainda, o processo de tecnicização da Educação Física, já iniciada na década anterior. Isto teria ocorrido em virtude de novos estudos sobre Educação Física Comparada e de publicações de revistas brasileiras dedicadas à área. A leitura que esse autor faz da Educação Física no período é a de que ela teria sido reduzida ao “*desporto de alto nível*”, pelo qual a “*massificação*” da prática esportiva poderia proporcionar o aparecimento de atletas expoentes, capazes de brindar o país com medalhas olímpicas. Tal crítica dirige-se à forma como o regime militar teria se apropriado do fenômeno educacional-esportivo. Nas palavras do autor:

O sustentáculo ideológico dessa concepção é a própria ideologia disseminada pela tecnoburocracia militar e civil que chegou ao poder em março de 1964. A ideologia do “desenvolvimento com segurança”, produzida e divulgada na Escola Superior de Guerra - ESG -, deu o tom principal para a idéia de uma tecnificação da Educação e da Educação Física no sentido de uma racionalização despolitizadora, capaz de aumentar o rendimento educacional do país e, na área da Educação Física, promover o desporto representativo capaz de trazer medalhas olímpicas para o país [...] Segundo o governo ditatorial, fazia-se necessário eliminar as críticas internas e deixar transparecer um clima de prosperidade, desenvolvimento e calma. A Educação Física se alinhou facilmente a esses desígnios. (GHIRALDELLI JR, 1988, p.30)

A Educação Física e a prática competitiva de esportes, ainda segundo Ghiraldelli Jr., serviram e foram, ao mesmo tempo, manipuladas pelo regime militar, servindo como instrumentos de dominação. Tratava-se de um movimento de cunho conspiratório, visando atingir, em particular, a população estudantil.

Nossa proximidade teórica com as idéias de Ghiraldelli Jr.⁷, permite-nos afirmar, hoje, que o aspecto ideológico predominou no discurso daquele momento, e estava desprovido de uma confirmação positiva pela realidade prática. A significativa intervenção do Estado nas políticas voltadas à educação e à Educação Física era por si só evidente naquele tempo, como já afirmamos; porém, a discussão predominante não ultrapassava a linha das teorizações generalizantes e “autoconfirmadoras”, como nota com propriedade Oliveira (2001). A Educação Física e os esportes conquistavam importante *status* na sociedade, e passavam a ser cada vez mais divulgados pela mídia. Isto excitava os ânimos ao se abordar o tema, nas discussões realizadas. Entretanto, a pesquisa e as teorizações produzidas abstiveram-se de ir além do acervo documental levantado, ou seja, fontes escritas.

A não verificação das teses de Ghiraldelli Jr. no cotidiano escolar — particularmente por não haver ele investigado as práticas desenvolvidas por professores de Educação Física enquanto profissionais atuantes naquele momento — comprometeu, inevitavelmente, grande parte do teor de suas afirmações. Ao tratar da Educação Física segundo a corrente competitivista, Ghiraldelli Jr. sustenta que ela se reduzira ao treinamento e às competições escolares com vistas a produzir expoentes para o “esporte de alto nível”; ou seja, a prioridade na década de 1970, teria sido a preparação de futuros atletas para representar o país em competições internacionais. Ora, apesar de ter havido muitos professores que incentivaram seus alunos a praticar esportes, a treiná-los para as competições escolares com muito entusiasmo — como verificaremos adiante — se tais argumentos encontrassem respaldo na

⁷ Explicável, em parte, por termos participado ativamente de debates nos grupos de estudos, coordenados por este autor, na condição de estudante de graduação em Educação Física na Unesp de Rio Claro na década de 1980.

realidade daquele tempo, possivelmente o Brasil seria hoje uma potência olímpica. E a ditadura, quanto à Educação Física, teria então atingido seus objetivos. No entanto, o que se verifica historicamente é, ao contrário, o país amargar poucos resultados em Jogos Olímpicos.

Tradicionalmente, no Brasil, observa-se atingirem alguns atletas o “estrelato” no esporte, amiúde em razão de um imenso talento pessoal, e quase sempre após enfrentarem vicissitudes de toda ordem, como por exemplo, a tão comum falta de incentivos materiais e financeiros. A perseverança aparece como uma característica marcante na biografia dos poucos brasileiros que conseguiram ganhar uma medalha olímpica, ou mesmo daqueles que apenas chegaram a competir internacionalmente em suas modalidades. Tais circunstâncias denunciam, claramente, o equívoco das teses apresentadas por Ghiraldelli Jr., pois se realmente tivesse havido, durante a ditadura militar, um planejamento nacional sustentado para a área, as trajetórias da Educação Física e do desporto teriam sido bem diferentes. É de fácil observação o fato de ser muito comum encontrarmos, em nossos dias, escolas desprovidas de espaço adequado (como quadras esportivas) à prática de atividades físicas, desprovidas ainda do material minimamente necessário para o desenvolvimento de treinamento de modalidades esportivas olímpicas. Se considerarmos a realidade escolar vivida pelos professores de Educação Física há três décadas, na região de Sorocaba, ser-nos-á possível apontar as similitudes, quanto à precariedade das condições de trabalho que Oliveira (2001) apresentou para boa parte das escolas do município de Curitiba (como foi relatado por alguns dos depoentes⁸ em sua pesquisa).

Diante do que foi exposto, é possível inferir o seguinte: se a realidade atual de alguns espaços escolares é patentemente problemática, será que, trinta anos atrás, a realidade vivida no espaço escolar pelos professores de Educação Física não teria sido ainda mais “dramática”? Iremos discutir este tema adiante. Entendemos que, com essas considerações,

⁸ A fim de verificar se na prática o ideário oficial da Educação Física, durante o regime militar, fora assimilado pelos professores da prefeitura de Curitiba, Oliveira entrevistou 16 profissionais que atuaram naquele período.

refutamos a idéia de que a Educação Física e o esporte escolar foram usados mecanicamente como instrumentos de manipulação política, como procuraram afiançar as teses apresentadas por Ghiraldelli Jr.

Gabriel Humberto Muñoz Palafox, em seu trabalho *Educação Física no Brasil: Aspectos Filosófico – Pedagógicos Subjacentes à Política Nacional de Ciência e Tecnologia para esta Área no Período 1970 – 1985*, estabelece uma relação entre Educação Física e Esporte, e o conteúdo ideológico presente nas políticas de ciência e tecnologia do regime. Diz o autor o seguinte:

No Brasil, tanto os Planos como as políticas ligadas a C & T, Educação e Cultura têm cumprido o papel ideológico de formar recursos humanos qualificados para manter os interesses da classe dominante e do capital estrangeiro no país empreendendo, geralmente, pesquisas para implantar a tecnologia trazida do exterior. E neste caso, a C & T gerada pela pesquisa em Educação Física e Esporte (fundamentada nesses Planos e Políticas em C & T), tem sido preferencialmente utilizada pela indústria brasileira ligada a este setor para satisfazer o consumo interno de grupos restritos da população, mostrando grande desinteresse por atingir a maioria da sociedade.

[...] a Educação Física brasileira, é retomada como importante atividade após o golpe de 64, e convergindo com a orientação conservadora a que a Educação Moral e Cívica foram submetidas neste período, é enfatizada junto à organização sistemática da estrutura utilizada para promover a realização de pesquisa científica nesta área. A idéia força da Educação Física era a seguinte: o estudante, cansado e enquadrado nas regras de um esporte, não teria disposição para entrar na política. A técnica de controle que os militares estabeleceram, fez com que fossem abrindo caminho nas organizações voltadas para Educação Física e os Desportos, na burocracia do Ministério da Educação a que esta área esta afeta e fora dela. Em todos esses órgãos havia a presença maciça de militares em cargos de direção. (PALAFOX, 1990, p.7- 8)

Importa ressaltar aqui, como fizemos acima, que a interpretação de Palafox, ao lembrar que os órgãos ligados à Educação Física no período foram dirigidos por militares, procura fazer desta área uma extensão do que acontecia na caserna, sobretudo no que se refere à hierarquização e à autoridade exercida na relação com os profissionais que atuavam nas instituições de ensino e de práticas desportivas. Também esse estudioso apresenta um discurso próprio dos teóricos de sua época, pois considera o Estado autoritário como o todo-poderoso da sociedade, a compelir as pessoas a uma posição de refém de suas imposições. Ao

profissional de Educação Física, Palafox (1990, p.60) reserva o seguinte pensamento: “*O docente em Educação Física, como outros profissionais nesta sociedade de classe, tem sido também vítima das mais diferentes formas de violência ideológica do Sistema sócio-econômico vigente*”. E, citando Do Carmo (1982), conclui:

A formação acrítica, apolítica e submissa dos professores, parece levar estes trabalhadores da Educação a ter uma Pseudo-Consciência da realidade imediata a sua prática e função social. Os inumeráveis mecanismos ideológicos da classe dominante parecem impedir que a ‘cortina de fumaça’ colocada entre a aparência e a essência dos fenômenos seja retirada. (PALAFOX, 1990, p. 60)

Tais asserções nos parecem impelir a aceitar o seguinte: os professores de Educação Física não tiveram uma formação acadêmica que os levasse a se posicionar criticamente em relação à própria formação, bem como em relação à atividade profissional, desprovida de qualquer formação política. Dessa maneira, agiam sem oferecer resistência às determinações do poder autoritário. Ora, mais uma vez encontramos afirmações carentes de uma autêntica comprovação positiva, pois ao consultar a obra do autor, não encontramos evidências de procedimentos na pesquisa que pudessem corroborar tais afirmações: **a opinião das “vítimas” do sistema não aparece no trabalho do autor em nenhum momento!**

Relativamente ao tema dos **efeitos sociais das opções ideológicas do Estado brasileiro subjacentes à política nacional de ciência e tecnologia (1970-1985)**, Palafox ressalta a interferência ideológica do governo na política voltada à pesquisa em Educação Física, demonstrando que as tendências adotadas por esta área de conhecimento foram o produto acabado desta política. Quanto ao pesquisador, afirma ele que:

[...] quando o cientista procura desvendar e compreender um fenômeno sem levar em consideração o universo de determinantes que o permeiam, surge a possibilidade dele cair na realização de uma análise ingênua e mecanicista, muitas vezes descompromissada ou irrelevante para a realidade social. (1990, P.60)

E continua:

Neste caso, a prática da Ciência oficial ligada à Educação e especificamente à Educação Física nos moldes em que foi projetada a partir dos anos 1970, ao contrário de tentar procurar argumentar, ou seja, descobrir a realidade assim como ela é, se voltou para a justificativa de posições elitistas visando, dentre outros, desencorajar os alunos e pesquisadores para o estudo de abordagens mais amplas e diversificadas, como poderia ser o próprio questionamento da ideologia subjacente às Políticas de Ciência e Tecnologia. (PALAFOX, 1990, p.60-1)

Mauro Betti traça, em *Educação Física e Sociedade*, um histórico bem abrangente das leis e regulamentações da Educação Física brasileira. Refere-se às décadas do regime militar como o período em que se desenvolveu o “Método Desportivo Generalizado”, sob influência do método criado pelo Instituto Nacional de Esportes da França. O intuito desse método, segundo o MEC, era o de substituir o exercício (ginástico) feito por obrigação pelo exercício realizado por prazer ou necessidade imperiosa. Presumia-se ser necessário mudar os métodos ginásticos e militarizados do período anterior. O Jogo Esportivo foi contemplado como o meio mais adequado e agradável para atingir as finalidades do método. A propósito disso, Betti tece as seguintes considerações:

[...] o Método Desportivo Generalizado visa proporcionar uma atividade física prazerosa e que englobe o indivíduo como um todo, numa ação psico-morfo-físio-sociológica. Desejava-se, tendo em vista ‘A experiência, a psicologia da juventude e os conhecimentos filosóficos e científicos atuais’, substituir o exercício ‘feito por obrigação, pelo exercício executado por prazer ou por necessidade imperiosa’. Para atingir estas finalidades o jogo foi percebido como mais agradável para os adolescentes, proporciona prazer e alegria, e porque, jogando, o aluno manifesta plenamente sua personalidade, descobre suas aptidões e gostos, adquire conhecimento de si próprio, exercita sua iniciativa e responsabilidade, trabalha cooperativa e coletivamente. (1991, p.108)

No trabalho deste autor, não existem evidências expressas do interesse do regime militar por manipular a atividade esportiva escolar, como forma de controle e mascaramento da realidade. Em virtude de haver esse autor apontado o cunho ideológico oficial, ao estudar as Leis e Decretos editados durante o regime militar, foi ele duramente criticado por

estudiosos que não desvinculavam a pesquisa dos aspectos político-ideológicos inerentes às intenções do governo.

Arroladas, ainda que sucintamente, as reflexões desses autores quanto ao tema em questão, julgamos agora necessário destacar a inequívoca contribuição teórica de suas produções para uma mais pertinente compreensão do papel representado pela Educação Física e o desporto no período considerado. Entendemos que as realizações voltadas ao esporte estudantil faziam parte do contexto da época, descrito pelos pesquisadores. Relembramos que apresentam em comum um determinado “olhar” para a trajetória da Educação Física ao longo da história. Este “olhar” tem como principal referencial de análise as macroestruturas, que em alguns casos, impõem ao conjunto da sociedade determinações capazes de subjugar o homem de maneira inquestionável. Assim, o homem se torna vítima de uma série de elementos e circunstâncias inerentes à realidade do seu tempo, que lhes roubam sua própria historicidade. Já a outra corrente leva em consideração o processo histórico como resultado das ações de sujeitos concretos, que têm a capacidade de aderir ou resistir às determinações oficiais do Estado. É exatamente isto que Marcus Aurélio Taborda de Oliveira faz em *A revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968 – 1984) e a experiência cotidiana da rede Municipal de Ensino de Curitiba: entre a adesão e a resistência*. Para esse pesquisador, houve nesse período um rápido desenvolvimento da Educação Física Escolar no Brasil, visto que:

[...] emergiam os programas municipais e estaduais para a área; consolidava-se a influência do esporte sobre as práticas escolares; a Educação Física ganhava uma certa autonomia no interior da instituição escolar; debatia-se sobre o seu estatuto científico e sobre as suas implicações pedagógicas; expandiam-se as competições com um caráter pretensamente “formativo” – competições intraescolares, Jogos Escolares, Jogos Escolares Brasileiros (JEBs) e Jogos Universitários Brasileiros (JUBs). Ou seja, em um período entre aproximadamente dez e 15 anos a Educação Física brasileira conheceria uma expansão jamais vista na história brasileira. (OLIVEIRA, 2001, p.19)

Nos aspectos relativos à expansão e transformação da Educação Física (com traço marcadamente tecnicista), Oliveira (2001) concorda com Castellani Filho (1988), Betti (1991) e Ghiraldelli Jr. (1988). Porém, apresenta algumas críticas a esses trabalhos. Com relação a Castellani Filho, Oliveira adverte que a pesquisa desenvolvida por esse autor teve uma base teórica avançada para a época em que foi produzida, mas seguiu velhos modelos lineares e causais. Castellani Filho desenvolveu seu trabalho com teorizações críticas baseadas na relação de causa e efeito entre a estrutura e a superestrutura, críticas a adequação do modelo de desenvolvimento hegemônico internacional ao qual o Brasil se submetia. Essa avaliação de Oliveira também se aplica quanto a Beltrami (1992) e Palafox (1990). Em suma, Oliveira concluiu que esses trabalhos apresentaram uma tônica de denúncia e crítica, mas não exprimiram nenhuma preocupação acerca da real consolidação das políticas públicas no interior da escola.

Em relação a Betti (1991), Oliveira afirma que a análise de documentos e da legislação oficial empreendida pelo pesquisador compromete a compreensão que ele tem do processo histórico, pois ele não analisa as práticas escolares norteadas pela legislação.

No que toca a Ghiraldelli Jr., Oliveira censura o reducionismo político-ideológico que esse autor apresenta em sua análise da trajetória histórica da Educação Física durante o regime militar. Oliveira recusa-se a admitir que os sujeitos que produziram a história da Educação Física brasileira tenham-se tornado meras marionetes ou servos da legislação oficial.

É preciso destacar, ainda, que Oliveira reconhece que a orientação do ideário difundido através da Revista Brasileira de Educação Física e Desportos caminhou na tentativa do governo de submeter a prática da Educação Física ao controle social, próprio do regime

autoritário. Esse ideário fez parte do que o autor chama de “novo higienismo”⁹. Para ele, “*Certamente a Educação Física ou o esporte não atuavam isoladamente na busca desse controle; antes faziam parte de um complexo mais amplo de tutelamento da sociedade pelo poder central a um determinado ideário dominante*”(Oliveira, 2001, p.157). Outrossim, admite que o desenvolvimento de modalidades esportivas no interior da escola passou a ser predominante como prática corporal; mas essa tendência não teria sido totalmente absorvida, ou melhor dizendo, não teria ocorrido de maneira homogênea na prática dos profissionais da área, da maneira como assinala a historiografia por ele criticada.

Oliveira procede às críticas, baseando-se nas afirmações feitas por Thompson, que considera o movimento da história como processual, contrariando-se, assim, a “*visão estrutural determinista que tem sido privilegiada por uma parcela significativa da historiografia da educação e da Educação Física brasileiras*” (OLIVEIRA, 2001, p.157). Thompson recomenda que se verifiquem as evidências que o processo histórico pode demonstrar a partir do momento em que o pesquisador questiona os fatos que, para ele, tem dois atributos comuns, quais sejam:

(1) supõem que o historiador está empenhado em algum tipo de encontro com uma evidência que não é infinitamente maleável ou sujeita à manipulação arbitrária, que há um sentido real e significativo no qual os fatos ‘existem’, e que são determinantes, embora as questões que possam ser propostas sejam várias e elucidem várias indagações; (2) envolvem uma aplicação disciplinada e ponderada, e uma disciplina desenvolvida precisamente para detectar qualquer tentativa de manipulação arbitrária: os fatos não revelarão nada por si mesmos, o historiador terá que trabalhar arduamente para permitir que eles encontrem ‘suas próprias vozes’. Mas atenção: não a voz do historiador, e sim a sua (dos fatos) própria voz, mesmo que aquilo que podem ‘dizer’ e parte de seu vocabulário seja determinado pelas perguntas feitas pelo historiador. Os fatos não podem ‘falar’ enquanto não tiverem sido interrogados. (1981, p.40)

⁹ Esse “novo higienismo” é assim definido por Oliveira: “*reveste-se de elementos da tradição da Educação Física brasileira amalgamados com uma reorganização da cultura brasileira no sentido do modelo de desenvolvimento adotado pelos governos militares. Mantêm-se, assim, alguns pressupostos do higienismo de quase cem anos atrás, mas com uma ênfase muito maior – e sob novas formas – a respeito da necessária vinculação da nação brasileira ao mundo capitalista desenvolvido*”. (2001, p.163)

Portanto, para Oliveira, é necessário manter um diálogo com os profissionais da Educação Física a fim de verificar como estes sujeitos concretos da ação pedagógica e, conseqüentemente, da própria construção histórica, realmente apreenderam as determinações que lhes foram impostas pelas políticas oficiais. Cumpre compreender como foi a ação (e a reação) dos sujeitos diante da construção do real. Importa, igualmente, verificar-se o que pode ter ocorrido no interior da escola para, em seguida, compreenderem-se, efetivamente, as práticas dos professores no período. Segundo Oliveira, os professores não foram:

Nem ingênuos, nem heróis, nem sempre vítimas, essas pessoas atuavam e atuam informadas por uma carga pesadíssima de tradição, naquilo que ela tem de bom ou de ruim. Para além das fronteiras acadêmicas, os profissionais de Educação Física no interior das escolas desenvolvem o seu trabalho cotidiano em grande parte por aquilo que faço questão de chamar de uma ‘cultura primeira’, numa alusão às diferentes e múltiplas influências sofridas pelos sujeitos, durante o seu processo de desenvolvimento pessoal e profissional. Não é possível mais conceber o profissional afastado do pessoal, como intentou uma ampla historiografia da educação brasileira nos anos 1980 e 1990. Ao contrário, é necessário reafirmar que os indivíduos são resultado de um diálogo permanente entre o ser social e a consciência social, diálogo informado pela experiência histórica e concreta desses sujeitos. (2001, p.182-3)

Como fica claro na análise desse autor que, para compreender-se a história da Educação Física brasileira, enquanto um movimento processual, deve-se conhecer como foram concretizadas, dentro das instituições escolares, as recomendações do ideário propagado para esta área, nas determinações que a política oficial trazia naquele momento. Compartilhamos a preocupação do autor: a importância de realizar um cruzamento de fontes de informações históricas, e de não se ater o pesquisador somente àquilo que os documentos (sejam eles oficiais ou não) podem revelar. Ao contrário, cumpre investigar — através de depoimentos orais, no que diz respeito a esta pesquisa — como foram conduzidas as práticas dos agentes concretos da ação pedagógica no interior da escola. A investigação cuidadosa poderá mostrar se os sujeitos da prática escolar absorveram e reproduziram *mecanicamente* o “transplante cultural” (como afirma a maior parte da historiografia), ou se foram capazes de

resistir às imposições do regime político vigente, e produzir as suas próprias práticas, pautadas pela formação e pelas experiências pessoais.

CAPÍTULO 2 MEMÓRIA HISTÓRICA DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM SOROCABA

A tarefa do historiador de reconstruir o passado encontra nos depoimentos e lembranças fornecidos oralmente por agentes históricos, de alguma maneira envolvidos nele, um fecundo recurso de coleta de dados. Contudo, desse procedimento metodológico decorre talvez a contingência de que o passado, enquanto tal, só exista como uma memória histórica — que o próprio presente, afinal, forma e torna inteligível — e diante do qual o pesquisador há de resignar-se a reconhecê-lo como tal. Levando em conta esse pressuposto, neste capítulo pretendemos coligir e interpretar a memória das personagens que fizeram parte da história da Educação Física de Sorocaba, em particular no que se refere à criação dos Jogos Escolares. Em seguida, buscamos verificar quais representações foram construídas por eles, a respeito desses Jogos e das participações de professores e alunos. Para alcançar esse intento, procedemos a algumas entrevistas com professores que tiveram uma decisiva participação na elaboração e realização de competições escolares no município a partir do final da década de 1940.

2.1: História Oral

A opção que fizemos pela história oral temática se deve, em primeiro lugar, à parcimônia de documentos escritos disponíveis para uma análise criteriosa de nosso objeto de estudo. Em segundo lugar, por considerar a história como um *processo*, cremos dever verificar como foram conduzidas as práticas dos agentes concretos da ação pedagógica no interior da escola. E.P. Thompson nos auxilia entender a história como *processo*, ao afirmar que:

Ao investigar a história não estamos passando em revista uma série de instantâneos, cada qual mostrando um momento do tempo social transfixado numa única e eterna pose: pois cada um desses instantâneos não é apenas um momento do ser, mas também um momento do vir-a-ser: e mesmo dentro de cada seção aparentemente estática, encontrar-se-ão contradições e ligações, elementos subordinados e dominantes, energias decrescentes e ascendentes. Qualquer momento histórico é ao mesmo tempo resultado de processos anteriores e um índice de direção de seu fluxo futuro. (THOMPSON, 1981, p.58)

Procurar compreender como os processos de elaboração e concretização dos Jogos foram desenvolvidos, no período tratado, é o desafio ao qual nos lançamos. Dessa maneira, através da história oral podemos aproximar-nos de personagens que, normalmente, seriam desconsiderados pela história documental escrita, e que, no caso que estudamos, são, a bem dizer, os sujeitos por excelência da ação histórica. Aqueles que vivenciaram nas suas práticas cotidianas, no decurso de anos, a atmosfera dos Jogos, decerto têm algo de valioso a nos dizer, algo de relevante *a narrar e de que ajuizar*. Essas narrativas constituirão a base sobre a qual intentamos levantar nossa interpretação. Aliás, a propósito de *narrativa*, atentemos no que Benjamin diz:

A narrativa, da maneira como prospera longamente no círculo do trabalho artesanal – agrícola, marítimo e depois urbano – é ela própria algo parecido a uma forma artesanal de comunicação. Não pretende transmitir o puro ‘em si’ da coisa, como uma informação ou um relatório. Mergulha a coisa na vida de quem relata, a fim de extraí-la outra vez dela. É assim que adere à narrativa a marca de quem narra, como, à tigela de barro a marca das mãos do oleiro. A tendência dos narradores é começarem sua história com uma apresentação das circunstâncias em que eles mesmos tomaram conhecimento daquilo que segue, quando não as dão puras e simplesmente como experiência pessoal. (1980, p.62-3)

Interrogar os sujeitos das histórias aqui narradas, a fim de levantar informações que nos permitam esboçar algumas análises, requer evidentemente um método seguro. Por isso procuramos realizar as inquirições sempre à luz de procedimentos e conceitos firmados em trabalhos historiográficos consagrados, como os de Paul Thompson (*A voz do passado*),

Ferreira e Amado (*Usos e Abusos da História Oral*), Walter Benjamin (*O Narrador*) e outros. Cabe advertir, no entanto, que não discutiremos aqui questões teóricas pertinentes à história oral, pois presumimos que isso extrapolaria os limites desta pesquisa. Convencidos, pois, das contribuições que este procedimento de pesquisa pode nos trazer no que toca à história dos Jogos Escolares em Sorocaba, diligenciamos realizá-la por meio, principalmente, das narrativas contidas nos depoimentos dos agentes envolvidos nesse processo.

Convém, ainda, dar atenção às palavras de Paul Thompson, sobre o valor da história oral:

A história oral é necessariamente um instrumento de mudanças; isto depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na própria história – sejam em livros, museus, rádio ou cinema - pode devolver às pessoas que o fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. (1992, p. 22)

Em outro trecho de sua obra, Paul Thompson assinala que a história oral permite um outro tipo de julgamento a respeito da história por parte do historiador, diferente do que freqüentemente tem ocorrido:

[...] não é de admirar que o julgamento da história tenha, o mais das vezes, defendido a sabedoria dos poderes existentes. A história oral, ao contrário, torna possível um julgamento muito mais imparcial: as testemunhas podem, agora, ser convocadas também de entre as classes subalternas, os desprivilegiados e os derrotados. Isso propicia uma reconstrução mais realista e mais imparcial do passado, uma contestação ao relato tido verdadeiro. Ao fazê-lo, a história oral tem o compromisso radical em favor da mensagem social da história como um todo. Ao mesmo tempo, a história oral implica, para a maioria dos tipos de história, uma certa mudança de enfoque. Assim, o historiador de educação passa a preocupar-se com as experiências dos alunos e estudantes, bem como dos problemas dos professores e administradores. (1992, p.26)

Acrescentemos a essas reflexões gerais do historiador inglês as de Ferreira e Amado, que — deve-se destacar — nos serviram, a todo o momento, como um guia seguro em nossa pesquisa:

O uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não têm como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos. São histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas; essa característica permitiu inclusive que uma vertente de história oral se tenha constituído ligada à história dos excluídos. Na história oral, existe a geração de documentos (entrevistas) que possuem uma característica singular: são resultado do diálogo entre entrevistador e entrevistado, entre sujeito e objeto de estudo; isso leva o historiador a afastar-se de interpretações fundadas numa rígida separação entre sujeito/objeto de pesquisa, e a buscar caminhos alternativos de interpretação. (FERREIRA E AMADO, 2000, p. XIV)

Para estabelecer um diálogo tão fecundo quanto possível com os entrevistados, diligenciamos encontrar e dar voz àquelas pessoas cujas vidas houveram sido marcadas por experiências que, de alguma forma, se ligaram às atividades esportivas escolares em décadas passadas.

2.2 – A escolha dos entrevistados

Em relação à escolha dos entrevistados, procuramos identificar pessoas que pudessem ter atuado no meio esportivo e escolar no município de Sorocaba no período referente às primeiras edições. Tivemos a boa sorte de encontrar três pessoas que tiveram uma efetiva participação na organização e realização das primeiras jornadas do esporte estudantil. Com a participação deles em nosso trabalho, foi possível recuar no tempo através de suas lembranças, à época em que ocorreram as primeiras competições escolares locais.

Para tornar mais profícuo o diálogo com os professores, elaboramos um roteiro de entrevista, que procuramos seguir durante as conversas. O modelo de entrevista adotado foi o de questões semidirigidas ou semiestruturadas, que permitiu alguma flexibilidade na elaboração delas. Entendemos, ademais, que este procedimento não deve comprometer uma certa e necessária isenção do inquiridor, ao menos não num grau que desvie ou deforme a esperada lembrança livre do sujeito inquirido, que em vários momentos, é claro, misturará

aspectos e elementos de sua vida privada com os de sua trajetória profissional (Goodson, 1995). Como notamos ao final, o fato de não termos tornado o depoimento rigorosamente diretivo proporcionou ao entrevistado rememorar aspectos importantes, que muitas vezes não ocorreriam se eles não tivessem essa liberdade ao falar.

O roteiro de perguntas, contudo, não foi sempre seguido à risca, porque ao longo das entrevistas algumas questões foram respondidas durante a narração do entrevistado, antes mesmo de tocarmos no assunto, e não menos importante, pelo fato de em algumas passagens inquirirmos sobre algum assunto que surgiu espontaneamente na sua fala, e que julgamos naquele momento ser importante abordarmos com maiores detalhes. A necessidade de preencher algumas lacunas em nosso trabalho fez que elaborássemos algumas perguntas complementares (como ocorreu ao segundo e ao terceiro entrevistados). Através dessas perguntas foi possível evocar a memória do entrevistado e obter outras informações ricas de detalhes. Vale advertir que procuramos interferir o mínimo possível no decorrer dos depoimentos, mesmo quando alguma questão não havia, conforme esperávamos, sido satisfatoriamente respondida.

De maneira geral, as respostas foram consistentes, e as entrevistas, ao fim, nos permitiram alargar o conhecimento sobre a realidade escolar e esportiva daqueles anos. Isso se deu, em primeiro lugar, em razão do elevado grau de lucidez apresentado pelos entrevistados. Em segundo lugar, porque mantivemos previamente contato, via telefone, e lhes solicitamos que verificassem se poderiam consultar algumas informações preliminares que ajudassem a relembrar as experiências que tiveram no passado que evocamos. Ressaltamos que essa estratégia se mostrou acertada, pois os três entrevistados puderam oferecer informações e indicações valiosas que permitiram, num momento posterior à entrevista, sermos mais objetivos ao procurar outras informações no Jornal Cruzeiro do Sul. Além disso, contribuíram os três com outros materiais como fotos, relatórios e livros. Sobre

essas contribuições, abordaremos com mais detalhes em seguida, quando tratarmos especificamente da entrevista de cada um dos nossos colaboradores.

Segundo Ferreira e Amado (2000, p.16), através da oralidade, “*é possível proceder a interpretações qualitativas de processos histórico-sociais. A história oral procura destacar e centrar sua análise na visão e versão que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais*”. A possibilidade da construção do conhecimento histórico através das entrevistas parece, assim, evidente. Porém, Oliveira faz um alerta:

Aqui é preciso destacar que o depoimento oral não pode ser tomado como expressão inequívoca da experiência histórica. O depoimento oral tem que ser submetido ao mesmo escrutínio, às mesmas críticas às quais são submetidas as fontes escritas. Tomar o depoimento dos professores como expressão do que *foi* é um procedimento que incorre no risco de congelar o passado e naturalizar ou distorcer a sua compreensão, negando-o como processo e construção humana. Ao contrário, é preciso considerar o depoimento dos professores como expressão daquilo que *pode ter sido*, como uma leitura possível e informada de desenvolvimentos históricos, da mesma maneira que ocorre com os documentos escritos. (2001, p.217)

Nesse sentido, efetuamos o cruzamento de informações: dos depoimentos, com as fontes escritas encontradas no Jornal Cruzeiro do Sul. E não o fizemos, naturalmente, com o intuito de desqualificar as informações fornecidas nos depoimentos, mas sim para complementar o conhecimento histórico, preencher as lacunas encontradas, corrigir possíveis lapsos cometidos pela memória dos entrevistados.

O roteiro de entrevista que seguimos contempla: 1) a identificação do entrevistado e a sua participação nos Jogos Escolares; 2) quais práticas escolares desenvolveram; 3) quais foram os significados produzidos desses Jogos em relação à própria participação, em relação à participação dos professores e em relação à participação dos alunos; 4) que compreensão formou ele da presumível relação entre os Jogos Escolares e o contexto político dos anos que se seguiram a 1964; e, por fim, 5) as conclusões.

Fizemos transcrições das fitas gravadas¹, procurando preservar ao máximo o conteúdo das falas contidas nos depoimentos, embora cientes de que:

O fato de ler em vez de ouvir priva o historiador de muitas contribuições da forma oral: entonação, ênfase, dúvidas, rapidez ou lentidão nas reações, risos, repetições; e, portanto, corre-se o risco de privilegiar a leitura a ponto de renunciar à escuta. Por outro lado, toda transcrição, mesmo bem feita, é uma interpretação, uma recriação, pois nenhum sistema de escrita é capaz de reproduzir o discurso com absoluta fidelidade; de certa maneira, é uma traição à palavra. (FERREIRA E AMADO, 2000, p. 239)

No dia em que realizamos as entrevistas, pedimos aos nossos colaboradores que assinassem uma autorização que nos permitisse publicar total ou parcialmente o conteúdo das entrevistas. Justificamos que elas seriam usadas somente como elemento integrante de nosso trabalho de pesquisa. Todos assinaram sem restrições, sendo muito solícitos conosco — é preciso lembrar. Deixamos registrado, também, que ao iniciarmos nossa pesquisa não havíamos estipulado um número mínimo (nem máximo) de entrevistas a serem colhidas. Esperávamos que a necessidade de obter novas informações surgisse no decorrer da pesquisa, o que de fato aconteceu. Entretanto, a consistência e profundidade das informações colhidas nas três entrevistas foram suficientes para elaborarmos uma interpretação analítica dos resultados.

2.3 – As vozes dos agentes

A primeira entrevista realizou-se com o professor Newton Corrêa da Costa Júnior, de pseudônimo *Campineiro*. Decidimos entrevistá-lo por ter sido ele muito atuante no meio escolar e esportivo de Sorocaba, exercendo as funções de dirigente esportivo (dirigiu o Departamento Municipal de Esportes de Sorocaba por 20 anos), técnico de basquetebol,

¹ As transcrições se encontram em anexo, ao final do trabalho, tanto no formato impresso como no CD-ROM, juntamente com algumas ilustrações de reportagens encontradas no jornal *Cruzeiro do Sul* (digitalizadas), e também de algumas fotos.

professor de Educação Física escolar e diretor de escola (aposentando-se nesta função, compulsoriamente, aos 70 anos de idade). Atualmente, retirou-se de todas as atividades profissionais, e tem-se dedicado apenas a escrever suas memórias dos anos em que trabalhou com o basquetebol feminino de Sorocaba.

A segunda entrevista foi realizada com o professor Otto Wey Netto, figura muito representativa na história de Sorocaba. Ele é professor, advogado, jornalista e radialista. As principais atividades desenvolvidas pelo professor Otto foram as seguintes: ele atuou, no município, como professor, diretor de escola, e secretário de município em várias gestões; foi também dirigente esportivo (trabalhou na Federação Paulista de Futebol no departamento de Árbitros, foi um dos fundadores da ACM de Sorocaba, e presidente do E.C. São Bento); atuou como jornalista, tendo sido presidente da Fundação Ubaldino do Amaral. Atualmente, tem-se dedicado à tarefa de escritor².

O terceiro entrevistado foi o professor José Carlos de Almeida, formado em Educação Física pela USP (1949) e em advocacia. Atuou como professor de Educação Física na ACM de São Paulo, na ACM de Sorocaba, na escola Getúlio Vargas, na escola estadual Dr. Júlio Prestes de Albuquerque (“Estadão”), na Faculdade de Administração de Sorocaba (atualmente UNISO) e, como dirigente esportivo, na Delegacia Regional de Esportes e Recreação do Estado de São Paulo. Atualmente, está aposentado de todas as atividades profissionais. É de supor que o professor José Carlos tenha sido um dos primeiros professores especialistas — com formação superior em Educação Física — a atuar em Sorocaba, e conquanto não tenha sido possível obter a confirmação dessa suposição, há fortes indícios de que o foi, o que concluímos após a análise de algumas fontes.

Abordaremos em primeiro lugar a entrevista concedida pelo professor Otto Wey, porquanto encontramos nela informações que retratam o período correspondente às primeiras

² É de sua autoria o livro *As Histórias do Futebol Paulista* (Fundação Ubaldino do Amaral, s/d), que o professor gentilmente nos presenteou, e a quem aqui agradecemos.

realizações de eventos interescolares. Ao longo da análise, apresentaremos também as opiniões dos outros entrevistados em relação aos mesmos questionamentos que fizemos em comum aos três professores. Alertamos que, em alguns momentos, apresentaremos passagens um tanto longas, mas entendemos serem necessárias para a compreensão da trajetória profissional do entrevistado e do seu respectivo envolvimento com as competições escolares.

A contribuição do professor Otto Wey Netto para a nossa pesquisa foi inestimável, pois com suas informações pudemos situar de maneira precisa o início da organização e da respectiva realização de competições entre escolares no município de Sorocaba. O primeiro evento caracterizado como *competição* interescolar em Sorocaba foi a “Olimpíada Estudantil”, programada e realizada no ano de 1948. É importante apresentar a fala do entrevistado e verificarmos como tudo começou:

Em 14 de novembro de 1948 eu era vice-diretor do Getúlio Vargas, eu comecei lá como professor de didática e entrei no Getúlio Vargas em 1945, e logo depois em 1948, começo de 1948, eu assumi a vice-direção. Nas escolas de Sorocaba existiam boas equipes, principalmente de basquete, que já estavam começando, então existiam algumas competições de atletismo, de natação, de basquete, de voleibol. Existia no “Estadão”, era ginásio do Estado, doutor Júlio Prestes. Existia lá um professor chamado Hélio Ítalo Serafino, o Hélio Serafino, era entusiasta pelo esporte. Sabendo que eu também gostava disso, que eu nasci numa quadra de esportes na rua Dr. Braquinha, lá era o Clube Atlético do Juventus... Então ele falou: vamos fazer uma Olimpíada Estudantil e nós “bolamos” uma Olimpíada Estudantil. Fizemos algumas com o nome de Olimpíada, depois nós soubemos, que não podia colocar o nome de Olimpíada, era um nome privativo dos Jogos Olímpicos, então nos mudamos para Campeonato Estudantil e depois foram outros nomes[...], eu tenho aqui algumas datas: em 1948, 11 de novembro de 1948 foi a primeira Olimpíada Estudantil. Na somatória dos pontos das diversas modalidades quem ganhou foi o Colégio Estadual.

O professor Otto afirmou que essa Olimpíada Estudantil continuou sendo realizada em anos posteriores, porém o início das competições escolares somente foi possível porque existia no Colégio do Estado Dr. Júlio Prestes de Albuquerque (Estadão) um grêmio

estudantil muito atuante, e vários alunos já participavam de torneios fora do ambiente escolar e de jogos amistosos, inclusive em outras cidades da região. Também porque as atividades esportivas desenvolvidas eram orientadas por professores de outras áreas e colaboradores, pois havia poucos professores especialistas em Educação Física atuando nas escolas naquele momento. Segundo o professor Otto:

[...] o grande propulsor do esporte estudantil sorocabano foi um grêmio que existiu no Estadão, o Grêmio Varnhagem. O Grêmio Varnhagem foi que trabalhou bastante pelo esporte, e o Edésio Del Santoro³ que estava se formando na Escola Normal Municipal, Escola Normal Livre, e que era um grande craque. Então o Edésio pegou essa turma para treinar, e conseguiu fazer um trabalho muito bom de treinamento com a sua equipe de basquete, tanto assim que ele disputou o campeonato do interior, Grêmio Varnhagem, que representava Sorocaba. Ele disputou e ficou campeão com essa equipe, ganhou de um monte [...].

Ressaltou ele, ainda, que a iniciativa possibilitou o aparecimento de equipes que passaram a representar Sorocaba em eventos esportivos, com destaque para a equipe feminina de basquete, treinada pelo professor Newton Corrêa da Costa, tornando-se a principal equipe do Brasil na década de 1950. O professor Newton passou a responder, a partir de 1949, pela Diretoria Municipal de Esportes. Criou várias competições esportivas em Sorocaba, que se tornaram tradicionais nos anos seguintes. De acordo com o professor Otto:

[...] competição organizada começou com a Olimpíada Estudantil, agora o importante disso é que em 1949, aproveitando-se dessas revelações [...], o “Campineiro” que jogava na seleção masculina de basquete começou a treinar, o que ele chamou de “minhoquinhas”. Eram as meninas que estavam começando no basquete, então a Olimpíada Estudantil serviu realmente de mola, de impulso, para

³ Importante figura no esporte de Sorocaba no período. Foi jogador de basquete da seleção sorocabana e técnico da equipe estudantil do Colégio do Estado; também foi responsável pela vinda do professor Newton Corrêa da Costa Júnior para Sorocaba, quando, ao assumir um cargo de diretor de escola em São José dos Campos, veio a conhecê-lo e o convidou para jogar na equipe de basquete de Sorocaba e dirigir a Diretoria Municipal de Esportes (DME). A DME era o órgão administrativo municipal responsável pela organização das atividades esportivas e das equipes representativas de Sorocaba na época.

essa equipe feminina. Apareceram muitas jogadoras. Bom, aí depois aconteceu algo muito interessante, o “Campineiro” foi nomeado pela prefeitura, como chefe do Serviço Municipal de Esportes, não era divisão ainda, era serviço, tanto que a grande mágoa do “Campineiro” era que não transformavam aquilo em divisão. Foi transformada depois até de Secretaria, hoje tem Secretaria de Esporte. Naquela altura o “Campineiro” queria dar um impulso para o esporte de Sorocaba, ele criou várias competições de modalidades, e deu para cada órgão de divulgação de Sorocaba. O Cruzeiro do Sul ficou com o futebol de salão, a Rádio Cacique ficou com os Jogos Escolares [...], O Cruzeiro, o futebol de salão está até hoje no jornal Cruzeiro do Sul [...] foi a única competição que perdurou até hoje. A Folha Popular ficou com os torneios de trios de basquete, a Rádio Vanguarda, ficou [...] com o voleibol [...]

A participação do professor Otto na preparação e realização da primeira Olimpíada Estudantil exigiu o seu total envolvimento, realizando contatos com os envolvidos, montagem de tabelas de jogos, escalação de juizes, além de estar presente nos locais de competição, durante a sua realização. A colaboração de voluntários foi fundamental na realização de eventos esportivos (escolares ou não escolares), segundo afirmou o professor Otto, pois, não havia naquele momento a profissionalização na área esportiva. Nas suas palavras:

Eu e o Helio Serafino, íamos à quadra, escalávamos Juiz, fazíamos tudo, fazíamos o certame inteirinho [...] o treinamento havia, mas eram curiosos. O Estadão começou a vir com a Educação Física [...] o Estadão que começou, e o Getulio Vargas que era municipal e que tinha [...] lá o Nilton Petroni. O Nilton sabia basquete, vôlei. Nas outras escolas tinha um professor de Educação Física, mas na época a Educação Física estava começando. O professor de Educação Física nem entrava nas salas de professores, não tinha uma participação. No entanto, foi a Educação Física que abriu as portas para as reivindicações na escola, precisava de qualquer coisa, era o professor de Educação Física que ia fazer.

Para procurar compreender o significado dessas competições escolares, tanto para os alunos como para os professores, perguntamos ao entrevistado qual foi, no seu juízo, a percepção desses participantes. O professor Otto afirmou o seguinte sobre a participação dos alunos:

Ah, foi boa, foi boa, todos eles gostaram, gostaram e continuaram depois, participaram da primeira e continuaram na segunda, na terceira, na quarta, enquanto teve olimpíadas eles estavam na escola, participaram. A Genésia⁴, ela mesma [...] foi revelada pela Olimpíada Estudantil sorocabana, e era uma craque de bola (basquetebol), ela jogava armando, ela era armadora, mas também fazia ala, uma das alas da seleção de Sorocaba. Quem armava era a Jane, Genésia, depois veio a Maria Helena Cardoso⁵, veio para cá (Sorocaba) também, o “Campineiro” trouxe. Mas a Jane é bom falar das sorocabanas mesmo, a Ritinha era ala, Hélia era ala, a Negrette era ala, pivô tinha Cidão, tinha a Moretto, essas faziam o pivô.

Nos trechos acima, o professor Otto refere-se, mais uma vez, às integrantes do time de basquetebol, da seleção sorocabana, que foi formada pelo professor “Campineiro” a partir das atletas-revelação surgidas na Olimpíada Estudantil, e que vieram a compor, posteriormente também, a seleção brasileira de basquete. Com relação ao significado atribuído aos professores o professor Otto revelou:

Vamos dizer o seguinte: existiam os professores que se entusiasmavam com a idéia. Pegaram, vestiam a camisa dessas competições, porque gostavam disso, eram professores realmente com vocação e tinha professor que não queria muito, não queria nada com nada, porque era trabalho. Na hora que o professor tem que ir à noite, numa quadra, para dirigir um time de basquete, que ele deve ter treinado antes, ele deve ter ido à quadra, então ele vai dirigir fora do horário, tem essas coisas todas, implicam, mas foi positivo, eu vejo como muito positivo.

De acordo com o professor Otto, havia professores entusiasmados com as realizações, porém alguns não gostavam de ir aos eventos agendados fora do horário de aula (por vezes à noite). Mesmo assim, fica patente nas palavras do professor que a recepção foi positiva da parte dos professores participantes.

⁴ A Genésia, Ritinha, Negrette, Cidão, Maria Helena, Jane, Moretto e Hélia foram algumas das jogadoras da equipe de Sorocaba, que se tornara campeã de vários campeonatos regionais e nacionais naquela época.

⁵ A Maria Helena Cardoso se tornaria, anos depois, técnica da seleção brasileira de basquete. Com Paula e Hortência fazendo parte de sua seleção conquistou inúmeros títulos internacionais.

Também interrogamos o professor Otto sobre as impressões a respeito de sua participação na organização e realização da primeira Olimpíada Estudantil. Ele respondeu o seguinte:

Na olimpíada estudantil, eu acho que ela foi, a mola propulsora para o esporte de Sorocaba, ela começou como estudantil, mas acabou fornecendo elementos para a escolha (seleção de equipes representativas). Lamentavelmente, não tivemos os universitários, porque os universitários teriam um plantel maravilhoso, até porque teve duas olimpíadas, dois jogos aqui chamados FILOMED, filosofia e medicina, que apresentou resultados excelentes. A seleção de Sorocaba de atletismo nasceu dos universitários [...]

Perguntou-se ao professor Otto como ele interpretou a instalação do regime militar de 1964, e qual relação ele poderia estabelecer entre a política desenvolvida pelo governo, a partir daquele momento, e a realização de eventos esportivos no âmbito escolar; e especificamente, **se havia a percepção de manipulação política agindo sobre o esporte escolar**. As considerações do professor são deste teor:

Eu acho que está faltando para o governo, todos os governos, não estou falando deste ou daquele, um pouco mais de investimento esportivo eu acho que deviam investir mais, eles dão verbas às vezes uma porção de atividades [...] Manipulação política, político sempre manipula tanto que eu sou contrário a político no esporte, eu acho que o esporte pode tirar proveito da política, e fazer com que o governo politicamente, invista em termos esportivos. Esse negócio de dar calção, dar medalha, dar bola, dar uniforme, e vem cobrar isso depois na véspera da eleição, isso é lamentável, eu sou contra isso, eu acho que quem quer ajudar ajuda, independente de retorno político. Infelizmente tem muito político fazendo isso, que jamais foram esportistas [...] Eu acho que a partir de 1964 o problema que o Brasil viveu foi estritamente político, não havia uma programação de esporte escolar, não havia, se houve algum investimento nessa área, foi casual, não foi nada de planejamento “vamos planejar o esporte escolar”, nada, não houve.

Procurar compreender a relação entre política e esporte, particularmente do esporte estudantil, tomando-se como referência a opinião do depoente, é um aspecto de suma importância no nosso trabalho, e o que foi apreendido nas palavras do professor, é que não houve, para ele, qualquer intervenção governamental significativa na área do esporte estudantil. Podemos afirmar, então, que a propalada ação governamental de cunho conspiratório, difundida por alguns historiadores da Educação Física, não encontra respaldo nas considerações feitas pelo depoente, muito embora ele se refira negativamente ao eventual envolvimento de políticos no esporte, que por vezes oferecem materiais esportivos ao eleitorado visando angariar votos.

Perguntamos ao professor se passou a haver um número maior de eventos esportivos escolares a partir de 1964, em Sorocaba. O professor Otto afirmou

Eu acho que caiu bem, eu acho que não teve uma competição estruturada para isso, não teve, o que é lamentável, pode até ser que eu esteja falando uma coisa errada, existem ainda umas competições, se eu não me engano, do Estado (governo estadual).

Vale lembrar, ainda, que através do Grêmio Varnhagem (que existia no Colégio do Estado “Dr. Júlio Prestes de Albuquerque”), e por iniciativa de simpatizantes das atividades esportivas, foi possível treinar alunos e participar de jogos e campeonatos fora do ambiente escolar. Isto foi confirmado pelo professor Otto. Foi também o que pudemos constatar ao pesquisar o jornal Cruzeiro do Sul da década de 1940. O professor Otto revelou, por exemplo, que a equipe feminina de voleibol (que participou dos Jogos Intercolégiais de Santos em 1941) era treinada por uma professora voluntária: “*Quem treinava essa turma era dona Guiomar Novaes, professora de trabalhos manuais, não tinham professores de Educação Física*” – assim disse o professor Otto. Havia na década de 1940 várias competições no

município de Sorocaba e o Grêmio Varnhagem estava presente em algumas delas com alunos do Colégio do Estado.

Antes de 1964, período que boa parte da historiografia aponta como o marco principal do desenvolvimento dessas atividades escolares, Sorocaba tinha uma atividade esportiva bastante representativa no âmbito estadual e nacional. Isso somente foi possível, ainda segundo os professores Otto e Newton, em razão das atividades esportivas desenvolvidas nas escolas de Sorocaba. O professor “Campineiro” foi um dos principais responsáveis pelo avanço de Sorocaba no campo esportivo, quer na formação e treinamento de equipes locais, quer na elaboração e realização de eventos esportivos dentro e fora da escola.

No âmbito escolar, o professor “Campineiro” foi o idealizador dos I Jogos Esportivos dos Grupos Escolares de Sorocaba, no ano de 1959. Abordaremos em seguida a entrevista concedida pelo professor “Campineiro”, levando em consideração os principais aspectos por ele apresentados no que se refere às realizações de competições esportivas entre escolas do município. O professor “Campineiro” nasceu em São Paulo e veio para Sorocaba para assumir a Diretoria Municipal de Esportes (D.M.E.), que foi por ele chamada Comissão Central de Esportes (C.C.E.)⁶ no ano de 1949. Assim se apresentou o professor “Campineiro”:

Estou em Sorocaba desde 1949, como atleta comecei no Clube Campineiro de Regatas de natação lá em Campinas, meus pais mudaram-se para São Paulo. Mudando para São Paulo fui para o Corinthians para jogar nas equipes juvenis. Passei para equipe intermediária, até chegar na equipe principal, e sendo campeão do Estado, em 1947, 1948, 1949, na seleção paulista quando, por intermediário do professor Edésio Del Santoro que já jogou em Sorocaba, e era diretor de escola em São José dos Campos. Sorocaba foi me buscar, então em 1949 é que eu vim para trabalhar na Comissão Central de Esportes, e sendo técnico de basquetebol feminino e jogador de basquetebol, sendo já em 1949 campeão por Sorocaba nos Jogos Abertos de Rio Claro, e voltando a sê-lo em 1950, quando Sorocaba

⁶ A Comissão Central de Esportes (CCE) é atualmente um órgão adjunto à Secretaria Municipal de Esportes de Sorocaba (SEMES), com dotação própria de verbas e responsável especificamente pelas equipes representativas do município. Tem por finalidade, principalmente, administrar as equipes e a participação de Sorocaba nos Jogos Regionais e Jogos Abertos do Interior (competições entre cidades no estado de São Paulo).

patrocinou os Jogos Abertos do Interior em 1950 e teve a inauguração do Ginásio Municipal de Esportes, quando era prefeito de Sorocaba o Dr. Gualberto Moreira.

A vinda do professor “Campineiro” justificou-se por sua experiência, acumulada como atleta de basquetebol, como treinador e também como organizador de eventos esportivos na cidade de São Paulo. O professor “Campineiro” aduz, em seu depoimento, algumas informações que corroboram outras, feitas pelo professor Otto. Por exemplo, a do seu envolvimento na organização e realização de eventos esportivos na cidade de Sorocaba envolvendo as emissoras de rádio e jornais locais. O professor enfatizou também o aspecto educacional das práticas esportivas nas escolas, inclusive como aspecto da prevenção contra o envolvimento de crianças e adolescentes na criminalidade. Sobre a organização de campeonatos escolares, afirma:

Eu já fazia minha atividade de planejamento, atividade direta, organizando inclusive campeonatos escolares dos Grupos Escolares de Sorocaba, campeonatos de Parque Infantis, isso já realizava dentro do próprio Corinthians, lá em São Paulo. Organizava campeonatos de atividades dentro de um grupo imenso de praticantes de basquetebol no Corinthians. Eu tinha essa facilidade de organização de competições como eu fazia dentro da Diretoria Municipal de Esportes, onde antes de ser desligado, eu fazia campeonatos inúmeros, como os jogos dos Grupos Escolares, os jogos dos Parques Infantis, o campeonato de basquetebol, os campeonatos de voleibol da cidade. Nós tínhamos provas ciclísticas, nós tínhamos competições homenageando todos os Jornais e as Emissoras de Rádio da cidade. Fui organizador inclusive do Torneio Aberto de Futebol de Salão Cruzeiro do Sul, o torneio mais destacado e conhecido de Sorocaba e São Paulo, e conceituado no mundo inteiro. Eu sempre tive a vida toda ligada ao esporte e às competições esportivas.

Ao ser questionado sobre o seu envolvimento nos I Jogos dos Grupos Escolares, relatou o seguinte:

Na Diretoria Municipal de Esportes, na participação escolar, nós idealizamos os jogos dos Grupos Escolares em Sorocaba em 1958, então foi realizado durante 10 anos até 1968, quando me tiraram o Ginásio de Esportes. Eram praticamente as escolas estaduais as participantes, e não dispunham de professores especializados para a prática de Educação Física nessas séries. Acho que hoje já existem professores especializados com essas séries. Mas os jogos escolares eram realizados entre os alunos da 1ª à 4ª séries, e para terem essas atividades eu achava imprescindível que os alunos fossem regimentados por professores que os orientassem, a terem as atividades antecipadamente, pois seria desumano, que os alunos comparecerem às atividades sem estarem orientados, algo preparado para as competições. Nós tínhamos no Ginásio de Esportes uma quantidade imensa de jogadores, de atletas, de jovens, meninos e meninas, que praticavam o basquetebol, e tinham condições de serem orientados, de serem encaminhados, para as diversas unidades escolares da cidade. E os professores de Educação Física das escolas, das outras séries superiores, muitos deles por nós eram recebidos também beneficentemente, para colaborar com alunos dessas séries. E outro capítulo [...] é que no 7º BP (Batalhão de Polícia Militar), nós tínhamos dos chefes dessa unidade militar uma colaboração imensa, que com o oferecimento dos próprios policiais com capacidade de também estarem sendo cedidos para trabalharem nesses Grupos Escolares. Então era “uma coisa”, uma união fantástica de parte a parte: da criançada, de adolescentes, de soldados, de jogadores, que sem ônus nenhum para a prefeitura, se uniram no trabalho e preparo dessa criançada, então era um acontecimento fantástico. Tinham até esportistas que vinham do Rio de Janeiro para assistir a realização dessa competição. Sorocaba era movimentada de maneira fantástica, nos Jogos Escolares. Nós tínhamos no centro da cidade um desfile de abertura com carros alegóricos, desfile de rainha, baliza e tudo. Sem falsa modéstia, era o acontecimento cultural e esportivo “principal” da cidade no centro da cidade. Tinham bandas e fanfarras, e os jogos se desenvolviam de maneira a mais significativa possível. Os jogos e as disputas de atletismo eram realizados no antigo Scarpa⁷, na avenida Afonso vergueiro. Para completar tudo isso, nós tínhamos a festa de encerramento no Ginásio de Esportes, com a coroação da “rainha dos jogos”, as princesas também. Na festa de encerramento, havia bailados, com música, então era um acontecimento que pautava por “encantamento”, por alegria, por confraternização, então mexia muito com a criançada e os incentivava no esporte e na confraternização.

Com relação às pessoas envolvidas na organização declarou:

⁷ A A.A. Scarpa funcionou até o início da década de 1980, e ao longo de sua existência sediou inúmeras competições de natação, futebol e atletismo.

Quem organizava os jogos era a Diretoria Municipal de Esportes, e nós convidávamos os diretores das escolas participantes, eles ficavam cientes de como era feito, como nós organizávamos. Eles opinavam, eles assistiam as organizações que nós estávamos fazendo. Então todo o cronograma, toda a organização, todo o regulamento, foram organizados com a consideração da parte deles. Eles preferiam deixar a nosso critério a organização e davam a sua opinião favorável ou desfavorável [...], era tudo organizado, consciente com a consideração da parte de todos os diretores e dos próprios professores de Educação Física.

É bastante eloqüente o relato do professor “Campineiro”, destacando que o evento contava com a colaboração de muitas pessoas da sociedade local, não ficando restrita a profissionais ligados especificamente ao ambiente escolar. Ao contrário, muitos colaboradores atuavam em outras atividades profissionais como os militares, por exemplo. Isso se deveu ao fato de não existir nos Grupos Escolares (1^a à 4^a séries) o profissional especialista em Educação Física. Fica, aliás, bem caracterizado em suas palavras o aspecto **colaboracionista**, já destacado anteriormente pelo professor Otto. Neste ponto, também há a afirmação do professor “Campineiro” de que ao chegar a Sorocaba, já havia uma intensa atividade esportiva, capitaneada pelo Grêmio Varnhagem, presidido, então, por João Guariglia, um colaborador e incentivador do esporte escolar. Sobre esse assunto, assim se manifestou:

Realmente eu vim para Sorocaba em 1949, e a cidade já tinha uma atividade intensa de basquetebol, era o esporte principal da cidade e o esportista João Guariglia, era um dos esportistas ferrenhos dentro do esporte, dentro da atividade estudantil, ele era presidente do Grêmio Varnhagem. O Grêmio Varnhagem era uma instituição estudantil reunindo os escolares de Sorocaba, ele como presidente do Grêmio Varnhagem, patrocinava o campeonato escolar da cidade, reunindo os grêmios locais sem estar ligado a qualquer instituição oficial, nem da prefeitura, nem do Estado. Havia sim os jogos estudantis em Sorocaba, e eram organizados pelo Grêmio Varnhagem.

O depoimento do professor “Campineiro” não retrata de maneira direta a realização da I Olimpíada Estudantil de Sorocaba, ou das demais realizadas – como foi o caso do professor Otto e que pudemos constatar suas realizações – mas reconhece que o Grêmio Varnhagem era a principal agremiação atuante na cidade; que havia, sim, uma intensa atividade esportiva no município já naquele momento (1949), e, igualmente, no ambiente escolar.

Na última entrevista, o professor José Carlos de Almeida apresentou uma opinião diferente da dos professores “Campineiro” e Otto Wey a respeito do grêmio: afirmou que quando esteve no colégio “Estadão”, em 1951, “*o Grêmio Varnhagem tinha pouca repercussão dentro da escola nesta época, era meio apagado*”. Isso indica que o período de maior repercussão do Grêmio Varnhagem antecedeu ao ano de 1951, pois as afirmações dos professores “Campineiro” e Otto Wey foram efusivas quanto à importância deste grêmio estudantil na história do esporte estudantil de Sorocaba. Como o professor ficou à frente da Diretoria Municipal de Esportes até 1968, perguntamos-lhe se tinha conhecimento de outras realizações. Respondeu que:

[...] como eu era ligado aos Jogos Escolares, eu estava ligado praticamente ao meu setor, que era na Diretoria Municipal de Esportes. Nesse setor, nos Jogos Escolares, dos Grupos Escolares, é que eu estava ligado agora nos negócios (competições) do Estado eu não estava envolvido, porque eu fiquei ligado à Prefeitura Municipal e fui destituído em 1969, do Ginásio Municipal de Esportes, mais tive, ainda, indiretamente ligado à prefeitura, até 1979.

A resposta do professor “Campineiro” não deixa claro que tipo de realização havia, relacionada ao governo do Estado, porém apresenta indícios de que elas existiam. A realização dessas competições aconteceu através do órgão estadual: Departamento Regional de Educação Física e Esportes (DREFE) — como pudemos constatar posteriormente, no jornal Cruzeiro do Sul e através da entrevista concedida pelo professor José Carlos. Falaremos a respeito dessas competições mais adiante.

Para procurar compreender o significado dessas competições escolares, tanto para os alunos como para os professores, perguntamos ao professor “Campineiro” qual foi, no seu entendimento, a percepção dos participantes dos Jogos dos Grupos Escolares. Dessa maneira supomos poder aproximar-nos do que teriam representado para eles esses eventos, através das impressões do professor “Campineiro”. O professor afirmou o seguinte sobre a participação dos alunos:

Eu sempre acreditei, e via o entusiasmo dos escolares, então era uma alegria fantástica. Edson, você vai ter a oportunidade de ver, eu tenho dois álbuns, porque eu sempre tive no Ginásio de Esportes impresso álbuns fotográficos, álbuns de recortes, eu tive “milhões” desses relatórios guardados no Ginásio de Esportes que “eles” deram sumiço. Desculpa falar a verdade, mas deram sumiço, eu só consegui reaver dois álbuns dos jogos dos Grupos Escolares, fora algumas coisas que eu tenho comigo em casa. Então, era uma alegria total da criançada, durante as disputas, durante as confraternizações, e principalmente ainda durante os desfiles, durante as festividades. E a criançada quando se vê incentivada, se vê apoiada é uma coisa “bárbara”. Eu fui diretor durante três anos, 1993, 1994 e 1995, diretor da Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus Escolástica Rosa de Almeida, da Vila Haro, era a única escola estadual que tinha uniforme pronto, agasalho próprio, que foi escolhido pelos próprios alunos. Era a única escola estadual que desfilava no centro de Sorocaba no aniversário de Sorocaba, no sete de setembro. Eu tinha 1300 alunos e posso dizer que nesses três anos eu não tive caso, problema com “um aluno sequer”, “um aluno sequer”. Eu conseguia resolver todos os casos. Meu horário de trabalho na escola era de manhã e de tarde, eu acabava indo de manhã e de tarde, sábado, domingo e feriado, eu era escravo da escola, mas eu compensei, acredito ter compensado, ter satisfação proporcionada pela escola, pelos alunos e tenho orgulho de ter sido diretor dessa escola sem ter problema com um aluno sequer, durante três anos que eu convivi com 1300 escolares.

Embora o professor tenha-se referido a um período relativamente recente (década de 1990), nesta passagem da entrevista com o professor “Campineiro”, fazem-se referências a alguns aspectos muito interessantes. Segundo as impressões do professor, em primeiro lugar, destaca-se a ótima receptividade por parte dos alunos ao participarem de eventos esportivos

escolares sob incentivo dos professores. Em segundo, o aspecto realçado pelo professor de não se preservarem documentos na administração pública. Com relação à prefeitura municipal de Sorocaba, confirmamos esta afirmação do professor, pois ao consultamos a Secretaria Municipal de Esportes de Sorocaba, no início da pesquisa, informaram-nos, de que não havia registros disponíveis sobre competições escolares no período. Recebemos a mesma resposta negativa ao consultarmos a Delegacia Regional de Esportes de Sorocaba (antigo DREFE). Os dois álbuns de fotografias, aos quais o professor se refere, foram por ele cedidos para realizarmos cópias de algumas fotos, e que apresentaremos nos anexos do trabalho.

Com relação à passagem em que se refere a “eles”, o professor “Campineiro” se dirige diretamente aos políticos responsáveis pela sua demissão do cargo de diretor do Departamento Municipal de Esportes, em 1968. Outro aspecto importante a ser destacado é em relação à disciplina dos alunos ao se envolverem em atividades esportivas e cívicas: as revelações do professor “Campineiro” indicam que não havia atos de indisciplina, e que os alunos colaboravam com o professor, proporcionando-lhe uma condição favorável à condução das atividades, porém não ficou claro nas palavras do professor o que ele define por *indisciplina*. Com relação à participação de professores e diretores o professor “Campineiro” disse o seguinte:

Os diretores das escolas, parece incrível, eles me disseram: “Campineiro” você esta louco, você vai movimentar essas escolas, os diretores, vão ser totalmente contrários a essa realização. Foram fantásticos os diretores [...], todas as escolas estavam presentes, todas as escolas, diretores, foi uma confraternização fantástica. Conseguimos fazer ver aos diretores, o benefício que isso iria representar. Não sei se hoje os diretores das escolas de primeira a quarta séries iriam receber isso, mas se conscientizarem eles, se falarem com eles, se explicarem direito, e eu acho que tudo vai do diálogo, da explanação e de por eles ao par de que isso representa informação da integração de outros escolares.

Verificamos, novamente, a ênfase dada pelo professor “Campineiro” à positiva receptividade por parte dos participantes; também repete o que já havia afirmado o professor Otto, ou seja, de que o evento tornava-se possível graças ao envolvimento de muitas pessoas colaborando para a organização e realização. As afirmações dos dois entrevistados não revelam nenhuma situação contraditória marcante, isto é, ao que parece tudo teria ocorrido de maneira muito satisfatória. Perguntamos ao professor “Campineiro” sobre o golpe de 1964 e sua relação com os eventos esportivos escolares, e também sobre a posição dos professores frente ao Regime:

Todo mundo achou, o próprio nome esta falando, era uma decisão autoritária, em que não foi recebida condignamente, porque tudo que é autoritário, eu sei porque vivi na própria carne dessas decisões autoritárias, eu me oponho. Fui destituído do Ginásio de Esportes coisa que não poderia acontecer porque meu cargo era lá, como diretor da Diretoria Municipal de Esportes, isso constava lá. Eu poderia recorrer judicialmente, mas achei que não deveria fazer porque, eu estava num lugar contra a vontade do executivo. Então eu entraria em choque. Tudo acabaria não rendendo suficientemente bem uma atividade contra gosto da autoridade superior. O governo autoritário procurou de todas as formas estar imbuído em todas as atividades, então havia aquela revolta de maneira geral contra o que eles estavam realizando, é uma coisa que deixava desgostoso todo mundo.

Com relação à postura dos professores frente ao regime militar, sua resposta foi:

Os professores, sempre no caso brasileiro, justamente, a gente fala que o brasileiro é revoltado, mas não chega a uma revolução [...] não chega ao êxtase, se fosse outro país já partia para revolução total. A gente vê nos outros países aí o quebra-quebra ou levante, já partem para ignorância, mas o brasileiro é mais dividido, temeroso. Ele se revolta, mas não leva as coisas para o desiderato final, então foi uma revolta que foi se concretizando pouco a pouco, unindo-se todos os partidos [...] então, não houve uma concretização que pudesse impedir aquela ditadura, que se concretizasse, porque as forças vigentes estavam muito divididas, então com a divisão a coisa difícil de organizar.

O professor “Campineiro” sugere que o regime militar teve no autoritarismo o aspecto mais negativo de sua trajetória, e inclusive associa a sua sumária demissão de dirigente municipal em 1968 a este aspecto, o que no decorrer da entrevista foi várias vezes, por ele lembrado. Há indícios de que esta demissão marcou significativamente a carreira profissional do professor. Ele afirmou também que os professores não tiveram força ou união para combater as determinações do regime militar; porém, neste aspecto, não faz nenhuma alusão que caracterize a manipulação do Regime frente aos professores de Educação Física, através dos eventos esportivos no âmbito escolar.

Na última entrevista, com o professor José Carlos de Almeida, procuramos seguir o roteiro de entrevista planejado, porém procuramos efetuar algumas perguntas necessárias para preencher algumas lacunas surgidas no decorrer da pesquisa. Pedimos ao professor para falar sobre a sua trajetória profissional e da sua ligação com o DREFE, órgão que dirigiu por um período de trinta anos:

Eu me formei em Educação Física pela Universidade de São Paulo em 1949, na época eu pertencia à equipe de remo da universidade. O primeiro lugar que eu lecionei foi em 1949, antes da formatura, na Associação Cristã de Moços (ACM) de São Paulo, e no “Estado” foi em 1950, na cidade de Nova Granada. Eu fui nomeado, em três de março de 1954, delegado regional de Educação Física, só delegado de Educação Física, falo isso porque mudou a denominação ao longo do tempo. Em 1954, eu também lecionava na escola municipal “Getúlio Vargas”, onde fui nomeado. Eu gostava muito do que eu fazia na Delegacia de Esportes, muito, muito, tanto é que eu fiquei lá ininterruptamente durante trinta anos [...], foi uma época gostosa que tive muito contato com o povo, com autoridades, com a “rapaziada”, com muitos funcionários, enfim, foram boas as lembranças.

O professor José Carlos foi o único com quem tivemos contato durante a pesquisa, que já era formado em Educação Física no período anterior ao golpe de 1964. Consideramos este aspecto relevante na medida em que reforça os indícios de que a Educação Física possivelmente foi desenvolvida nas escolas de Sorocaba por professores leigos, nas décadas

de 1940 e 1950 principalmente. O objetivo central do nosso trabalho se encontra em pesquisar as competições estudantis que existiram em Sorocaba. Porém, é importante levantar pistas em relação aos personagens que participaram com as suas escolas nos eventos realizados na cidade. Reconhecemos, nesse sentido, os limites da nossa pesquisa, que neste momento não nos permitem elaborar uma investigação mais aprofundada, a fim de identificar esses agentes e proceder com eles a uma coleta de entrevistas. Lembramos que a primeira faculdade de Educação Física surgida em Sorocaba foi em 1972, segundo informações do professor “Campineiro”, que também afirmou que até esta data havia faculdades de Educação Física somente nas cidades de São Paulo e Bauru. Entendemos, portanto, que foi a partir dessa data que o número de professores nessa área começou a satisfazer às demandas em Sorocaba. Perguntamos ao professor José Carlos a respeito da sua relação com o DREFE, e ele fez as seguintes declarações:

Nós fiscalizávamos a Educação Física dentro das escolas, fossem particulares ou estaduais, mas alguns anos depois a Educação Física, que era disciplina e que fazia parte integrante da educação, que faz parte até hoje, foi para a Secretaria da Educação. Então, o nosso ficou sendo Departamento de Educação Física e Esportes.

Ao longo da pesquisa encontramos alguns indícios de que em Sorocaba havia competições escolares organizadas pelo governo estadual da década de 1950 (Campeonato Colegial de Esportes) e na entrevista questionamos o professor a este respeito. Quanto a isso ele falou o seguinte:

Já era, nesta época, desde que nós começamos no Departamento de Educação Física já existia o Colegial, fomos nós que implantamos na cidade e na região o Campeonato Colegial de Esportes, que lidava com todos os estabelecimentos de ensino. Tinham diversas modalidades: voleibol, bola ao cesto, atletismo, natação, etc., o futebol veio depois.

Com esta informação pudemos preencher uma lacuna que estávamos encontrando desde o início do trabalho, pois somente o professor José Carlos afirmou com segurança a existência do Campeonato Colegial de Esportes na década de 1950 em Sorocaba. Segundo disse, foi ele (através do DREFE) que implantou essa competição estudantil em Sorocaba e região, a partir de 1954. Esta competição é até hoje (com atual denominação de Olimpíada Colegial) a competição oficial do governo estadual, e tem envolvido, historicamente, disputas entre escolas das redes estadual, municipal e particular.

A organização do Campeonato Colegial de Esportes feita pelo DREFE contava com alguns colaboradores, pois segundo o professor José Carlos havia poucos funcionários disponíveis no órgão que comandava. Dessa maneira, o professor reforça as afirmações feitas anteriormente pelos professores Otto e “Campineiro”: havia sempre a participação de pessoas simpatizantes dessas atividades que, pertencendo ou não ao meio escolar, colaboravam gratuitamente para que as competições ocorressem. Da mesma maneira que fizemos anteriormente com os outros professores, perguntamos ao professor José Carlos quais foram os significados por ele atribuídos às participações dos professores e alunos, e por fim com relação à sua própria participação. Com relação aos professores, ele se referiu da seguinte maneira:

Ah! Eles gostavam muito, eles esperavam as datas, nós mandávamos os ofícios e eles mandavam as inscrições, e marcávamos as reuniões. Uma coisa que eu gostava muito de fazer era mudar os locais de reunião com os professores. Eu fazia reunião na faculdade, eu fazia no SESI, eu fazia no Sorocaba Clube, eu fazia no Gabinete de Leitura, eu ficava mudando, inclusive eles aproveitavam para conhecer também os locais. Eles gostavam [...]

E com relação à participação dos professores:

Olha, na época inclusive a Delegacia Regional de Ensino dava bastante apoio. Eles gostavam, os professores gostavam muito de viajar, de viajar com as crianças, e era o meu medo, mas a receptividade era boa! Tanto é que todos os anos, todas as escolas participavam, era uma ou outra escola que não participava, porque era muito “fraquinha”, não tinha apoio, ou não tinha material esportivo, às vezes nós não tínhamos material esportivo para dar para todas as escolas. Mesmo porque, quando nós tomávamos conta da Educação Física, o material esportivo quem deveria dar era a Secretaria da Educação, mas eles não davam nada [...]

Já quanto à sua participação afirmou:

Eu gostei muito de todos os anos que eu trabalhei, eu só não gosto até hoje, e não gostei por ele [governo] não ter valorizado a classe dos professores, até hoje é a mesma coisa. Talvez uma faculdade, ou uma escola particular valorize o professor, mas o governo federal, estadual, jamais valorizou. Tanto é que você vê que “de vez em sempre” tem essas greves dos professores, seja no município, no Estado, e nunca as reivindicações deles são atendidas.

Foi possível verificar, com as afirmações do professor, uma vez mais, que todos os envolvidos no processo gostavam de participar das competições estudantis, incluindo as organizadas por um órgão oficial do Estado. Apesar da opinião do professor se encontrar no mesmo diapasão das anteriores, ele foi o único que destacou um importante aspecto, a saber: a desvalorização da categoria de professores das escolas públicas. Em sua opinião, ao que parece, este processo não é recente, já se vem manifestando ao longo de anos, desde o período em que iniciou a sua carreira profissional. Outra questão fundamental era saber do professor José Carlos se, na sua opinião, a partir do regime de 1964 houve a percepção de que havia alguma intenção política velada, no sentido de manipulação dos professores através das competições estudantis. O professor foi enfático ao responder:

Não, não, nós nem tomávamos conhecimento disso, é como se não tivesse existido Revolução, é como se não tivesse existido Anistia, é como se não tivesse existido poder militar, nada, é como se fosse tudo a mesma coisa. Inclusive nós éramos

muito moços na época e lidávamos com a criançada, e nem tomávamos conhecimento dessas atividades, nem conversávamos sobre isto não.

É como se não tivesse existido nada, nem conversávamos sobre isto, nem lembrávamos [...] [risos]. Nós continuamos nossas atividades normais, como se nada existisse, nunca em nenhuma competição se tratou deste problema político, principalmente depois que os militares tomaram conta.

Nas suas palavras, fica claro que não havia nenhuma relação entre esporte estudantil, Educação Física com a política, pois as atividades foram desenvolvidas durante o regime militar da mesma maneira que o período anterior. Reafirmamos que as opiniões dos professores Otto e “Campineiro” foram do mesmo teor, **indicando que não é possível estabelecer uma relação de poder em que se possam posicionar os agentes na condição de vítimas do governo. Ao contrário, há indicativos positivos de que eles foram sujeitos de suas próprias ações, orientadas por algumas determinações oficiais, é certo, mas que não deixaram, de nenhuma maneira, marcas negativas na memória dos agentes.**

O professor José Carlos forneceu outras informações que ampliaram o nosso conhecimento sobre acontecimentos históricos ocorridos durante os primeiros anos em que atuou profissionalmente em Sorocaba. Primeiramente o professor afirma que foi através dele que a modalidade de futebol de salão chegou à cidade, após ter trabalhado na ACM de São Paulo, onde a modalidade já era praticada no ano de 1949:

Em 1951 eu lecionei substituindo por um ano no “Estadão”, havia esquecido deste detalhe! Foi quando, eu aprendi em 1949 o futebol de salão, e eu trouxe para Sorocaba em 1951. Na realidade fui eu que trouxe porque os alunos e a cidade desconheciam o que era o futebol de salão, então o primeiro jogo de futebol de salão que aconteceu em Sorocaba foi entre as crianças do “Estadão”. Eu trouxe isto naturalmente porque em 1949, quando eu fui lecionar na ACM em São Paulo, aí em 1951 como eu tinha aprendido lá e gostava bastante, e que era um jogo realmente de salão, que naquela época jogavam sete de cada lado. Trouxe [...], nem sabia que aqui não tinha. O futebol de salão veio de outros países e quem introduziu foi a ACM, e a criançada gostou, gostaram mais do futebol de salão do que jogar bola ao cesto, vôlei, etc. E de lá acho que foi expandindo, expandindo que eu nem

observei isso. Eu sei que o primeiro jogo foi no “Estadão” em 1951, isso eu tenho certeza porque nunca ninguém tinha ouvido falar o que era futebol de salão [...] isto é histórico, não é? [risos]

Outra informação apresentada pelo professor foi em relação à realização, por alguns anos dos Jogos Intelectuais e Esportivos. Encontramos no jornal Cruzeiro do Sul referências a essa competição na parte esportiva, no ano de 1964. Falaremos mais adiante a respeito das reportagens encontradas no jornal. Quanto aos Jogos especificamente Intelectuais, perguntamos ao professor como foram realizados, e ele nos respondeu:

Estes Jogos devem ter começado em 1962, ou 1963, e fizemos até 1965, 1966. Fizemos poucos, por causa de falta de local, não era fácil, era muito trabalhoso, inclusive dependíamos de outras pessoas para fazer as provas. E nós fazíamos quase todos os anos no Clube União Recreativo [...]. Mas eram perguntas normais da educação que faziam parte. Então colocávamos Jogos porque nós tomávamos conta de um departamento, de uma delegacia que lidava com isso. No Recreativo cada um ficava com a sua mesinha.

Questionado sobre o tema da competição, o professor afirmou que era:

O mais diverso possível, alguns professores que faziam o tema. Tinha até coisa de jogo no tema que eles aprendiam nos anos que antecederam. Por exemplo, se eles estavam nos Jogos Intelectuais até a oitava série, era tudo matéria da oitava série. Era premiado, dava medalhas, tudo isso.

Encontramos aqui referências que indicam ter havido competições que extrapolaram o campo esportivo com esse evento, que foi capaz de mobilizar professores de outras áreas de conhecimento e da participação de alunos, que poderiam não ser necessariamente praticantes de modalidades esportivas.

A última informação importante, colhida na participação do professor José Carlos, é com relação aos relatórios anuais que ele afirmou ter feito ao longo dos trinta anos que esteve

à frente do DREFE, atual Delegacia Regional de Esportes e Recreação. Esta informação obtivemos, preliminarmente, através do primeiro contato, via telefone, que fizemos com o professor. Quando questionado sobre esses relatórios o professor disse:

Eu, em todos os anos de 1954 até 1984, quando eu fiquei na delegacia, tudo que era feito eu ia guardando durante o ano: relatórios, etc. E coisas que eu lembrava eu colocava, e fazia um relatório e encaminhava para a Coordenadoria, e depois a Coordenadoria conhecia e me devolvia. Eu devia ter quando me aposentei uns 27 ou 28 relatórios, muito bem encadernados, bem feitos. E eu trouxe para minha casa e era uma pilha de relatórios, e resolvi doar para a biblioteca da Faculdade de Administração⁸.

O professor informou, ainda, que posteriormente outras pessoas estiveram na biblioteca da referida faculdade e não conseguiram localizar esses relatórios. Entretanto, de posse de um exemplar desses relatórios anuais (do ano de 1967), o professor decidiu, gentilmente, doá-lo à nossa pesquisa. Os Jogos dos Grupos escolares de 1967 foram realizados numa parceria entre o D.M.E. da prefeitura municipal de Sorocaba, dirigido pelo professor “Campineiro”, e o DREFE, dirigido pelo professor José Carlos.

Para finalizar este diálogo com os agentes, informamos que após o término do nosso trabalho, efetuiremos a doação deste relatório anual ao Museu do Esporte, que está em formação, resultado de parcerias entre TV TEM, Prefeitura Municipal de Sorocaba, Panathlon Club de Sorocaba e UNISO, cuja sede se encontra no campus Seminário da universidade. No nosso entendimento, é fundamental que um documento tão importante como este possa ficar num local de fácil acesso, num local em que possa ser catalogado e preservado, pois se outros tivessem agido da mesma maneira, não teríamos encontrado tantas dificuldades em pesquisar em documentos oficiais do poder público.

⁸ A Faculdade de Administração à qual se refere o professor José Carlos, integra a Universidade de Sorocaba, situada no campus Trujilo.

2.4 Jornal Cruzeiro do Sul

No início da pesquisa, ao depararmos com a dificuldade de encontrar documentos oficiais no poder público, passamos a buscar outras fontes. Decidimos, assim, nos dirigir ao Gabinete de Leitura de Sorocaba, local em que se encontra boa parte do acervo histórico do município de Sorocaba. Nessa empreitada, o jornal Cruzeiro do Sul se tornou a principal fonte de informações, pois este periódico demonstrou freqüente interesse em divulgar em suas páginas, reportagens mencionando inúmeros eventos esportivos realizados na cidade. Procuramos informações no jornal Diário de Sorocaba, mas não encontramos nenhuma que pudesse contribuir significativamente para nossos propósitos. Vale ressaltar a dificuldade em manipular esses jornais mais antigos, em função do avançado estado de deterioração do acervo. Tínhamos que fazer uso de luvas e mudar as páginas com muito cuidado para não rasgá-las. Isso demanda muito tempo. O que facilitou o nosso trabalho de pesquisa foi o uso de máquina fotográfica digital, permitindo copiar algumas reportagens, pois não há no local acesso ao material no formato digitalizado, e também não é permitido retirá-lo do Gabinete de Leitura.

Iniciamos a procura a partir da década de 1930, pois não tínhamos ainda, naquele momento, qualquer referência do período em que começaram as primeiras competições interescolares. O que foi possível verificar é que havia a realização de inúmeras competições locais, naquela década; por exemplo: torneios de basquetebol, futebol de campo, corridas pedestres, corridas de bicicletas, torneios de pingue-pongue e de xadrez.

Com relação ao esporte estudantil, a única referência encontrada refere-se ao Grêmio Varnhagem, que participava das competições abertas na cidade, porém não havia nenhuma menção à realização de competições interescolares.

Conseguimos agilizar nossa pesquisa após a realização da primeira entrevista com o professor “Campineiro”. Ele situou a realização das primeiras competições estudantis no final da década de 1950. Constatamos, posteriormente, que já houvera outras competições a partir do final da década de 1940, com as informações fornecidas pelo professor Otto Wey Netto. Enaltecemos a clareza e precisão desse professor, que na atual condição de pesquisador e escritor do esporte sorocabano, pôde colaborar significativamente na pesquisa, ao precisar datas e personagens que fizeram parte da história do esporte estudantil local, no final da década de 1940.

A pesquisa realizada no jornal Cruzeiro do Sul confirmou as afirmações apresentadas pelo professor Otto. Constatamos que a I Olimpíada Estudantil foi organizada pelos professores Otto Wey Neto e Hélio Serafini. O início das competições foi em 07 de novembro de 1948 e a finalização em 14 de novembro de 1948. As modalidades disputadas foram as seguintes:

- Basquetebol ou Cestobol
- Futebol de Campo
- Voleibol
- Pingue-pongue
- Damas
- Xadrez
- Natação

As modalidades: basquetebol e voleibol foram realizadas nas quadras do S.C. Bandeirantes e da A.A. Scarpa; o futebol foi realizado no Estrada F.C.; o Xadrez e as Damas foram realizados no Xadrez Clube de Sorocaba; o Pingue-pongue no S.C. Sorocabano, e finalmente a Natação na A.A. Scarpa.

As escolas participantes e suas respectivas classificações finais foram:

- Colégio Estadual “Dr. Júlio Prestes de Albuquerque” – 1º colocada
- Escola Normal Municipal “Getúlio Vargas” – 2º colocada
- Instituto Educacional Ciências e Letras – 3º colocada
- Escola Industrial “Fernando Prestes” – 4º colocada
- Organização Sorocabana de Ensino (OSE) – 5º colocada
- Curso Ferroviário – 6º colocada

Posteriormente à entrevista do professor “Campineiro”, verificamos em consulta ao jornal que os I Jogos dos Grupos Escolares foram realizados de 03 a 11 de novembro de 1959, e não em 1958 como havia relatado o professor. A proposta inicial da competição era a de disputar oito modalidades esportivas, mas em função de dificuldades na preparação dos alunos a tempo, houve a realização de somente duas modalidades: basquetebol e futebol de salão.

Ao pesquisar as edições do jornal do ano de 1964 encontramos a publicação da realização dos II Jogos Intelectuais e Esportivos, a partir de 25 de abril daquele ano. Houvera no ano anterior (1963) a realização da primeira edição. A organização deste evento era feita pelo Departamento Regional de Educação Física e Esportes (DREFE) e colaboração da Subcomissão de Esportes Estudantis da Comissão Central de Esportes (C.C.E.). As modalidades disputadas no ano de 1964 foram: basquetebol, voleibol, futebol de salão, tênis de mesa, natação, atletismo e xadrez, nas categorias mirim, infantil e juvenil.

A pesquisa demonstrou que, antes do golpe de 1964, já havia a realização de competições escolares organizadas por órgão oficial do governo estadual (DREFE). É mais uma confirmação de que a cidade de Sorocaba já tinha, no âmbito escolar, uma atividade esportiva consolidada, com a participação de inúmeras escolas e em várias modalidades esportivas. Tudo indica que o fenômeno da “esportivização” escolar – propalada pela historiografia da Educação Física dos anos 1980 e 1990 – teria ocorrido muito antes em Sorocaba. Discutiremos esta questão no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 3 JOGOS ESCOLARES: HERANÇA CULTURAL

Escutadas as vozes daqueles cujas vidas se confundiram (e se confundem ainda) com as origens dos jogos estudantis sorocabanos, interessa-nos agora discutir em que medida, e de que forma, a experiência singular destes agentes no campo esportivo estudantil se relaciona com a produção historiográfica da Educação Física, produzida nos anos de 1980 e 1990. Esperamos realizar, neste momento, aquilo que Oliveira (2001) definiu — e para o que conclamou novos pesquisadores — como a *crítica da crítica*. Nossa pretensão é a de travar um diálogo com os historiadores, pois o estudo do conteúdo dos depoimentos que colhemos nos capacita — segundo cremos — a apresentar conclusões, em certa medida, *divergentes* daquelas a que chegaram esses autores. Oliveira (2001, p.354) nos auxilia nesta questão ao dizer:

Essa *crítica da crítica* é um fenômeno bastante recente na Educação Física brasileira e deve ser incentivada. Mas não devemos perder de vista que os críticos de ontem, dos anos 1980, inauguraram um debate capaz de abalar as bases teóricas mesmas da Educação Física escolar. Penso que a entrada em cena do esporte é parte de um processo de consolidação da Educação Física com prática social. Isso não é bom ou ruim; é um fato. Fato para o qual contribuíram os professores de Educação Física no seu fazer diário. Entendido como processo, o fenômeno da esportivização da Educação Física escolar talvez tenha atingido o seu ápice nos anos 1970.

Nossos esforços não se esgotam nesta discussão; pretendemos também levantar outras questões que surgiram no decorrer do trabalho, e que podem vir a abrir um novo campo de investigações. Gostaríamos, pois, de ver encetadas outras pesquisas, pois não pudemos tratar satisfatoriamente de muitos aspectos dos assuntos investigados em nosso trabalho, em função dos limites de sua abrangência.

3.1- A singularidade do esporte estudantil sorocabano

Descrever a trajetória do esporte estudantil sorocabano, e por extensão, de todas as competições realizadas naquele tempo, é uma tarefa que exige um esforço que se acha além dos limites dessa etapa de nossa pesquisa, pois as primeiras jornadas estudantis se encontram no final da década de 1940 (como verificamos anteriormente), o que significa mais de meio século de existência. É um lapso de tempo demasiado longo para procedermos a análises mais profundas. Porém, é possível fazer algumas considerações a respeito, tomando-se como referência as participações dos nossos colaboradores com seus depoimentos, as outras fontes consultadas e — como nos parece também legítimo — **a nossa própria experiência** na área da Educação Física e nas competições escolares. É importante lembrar que a trajetória profissional dos depoentes é longa e permitiu-lhes atravessar várias fases históricas da Educação Física em Sorocaba. A recuperação da memória desses agentes nos auxilia a trafegar com a necessária segurança no terreno da história das competições escolares locais.

As várias competições escolares que aconteceram em Sorocaba, nos anos do período estudado, devem ser compreendidas como sendo **fenômenos singulares**, próprios apenas do município, o que significa dizer que as realizações locais podem não encontrar casos similares em outras localidades, nem serem a **expressão local** de um fenômeno **nacional**, de mesmas características e ocorrendo na mesma temporalidade. A pesquisa realizada nas fontes mostrou que o marco inaugural foi o ano de 1948, quando da primeira Olimpíada Estudantil, e estendeu-se por vários anos.

Encontramos no jornal Cruzeiro do Sul reportagem que data de agosto de 1959 indicando a ocorrência desta competição, já com a denominação de **Campeonato Estudantil**, e organizada pela Comissão Central de Esportes (CCE), através da subcomissão de esportes estudantis. A

partir de 1954, ocorreu a primeira edição do Campeonato Colegial de Esportes, uma competição oficial do governo estadual, que com o passar dos anos acabou por tornar-se a competição mais tradicional e mais conhecida no âmbito escolar. Trata-se de um evento que está presente há mais de meio século na nossa cultura.

Como dissemos, esta competição é desenvolvida atualmente com o nome de Olimpíada Colegial, embora tenha algumas diferenças em relação às primeiras edições. Lamentamos não ser possível discutir neste trabalho as modificações que ocorreram nesta competição ao longo do tempo, mas cabe destacar alguns aspectos pertinentes às nossas análises. Houve, também, a realização dos Jogos Intelectuais e Esportivos, a partir de 1963, e que se estendeu até 1966. Outra competição escolar que deixou sua marca foi a dos Jogos dos Grupos Escolares, cuja primeira edição foi em 1959, e se estendeu até 1968.

Procuramos identificar características peculiares a cada uma dessas competições, e elementos que pudessem ser comuns às realizações contempladas na pesquisa. Em relação à criação da I Olimpíada Estudantil, podemos destacar que, neste período, o principal aspecto era a participação de pessoas voluntárias no treinamento, na preparação e na realização das primeiras edições do evento. Como não havia a presença do profissional especialista em Educação Física em boa parte das escolas, eram professores leigos que ministravam as aulas. Aliás, não foi possível identificar na pesquisa quais dos personagens citados (com exceção do professor José Carlos) já eram professores especialistas em Educação Física naquele tempo. Por exemplo, o professor Edésio Del Santoro, que foi um importante incentivador do esporte no Grêmio Varnhagem, existente no “Estadão”, responsável pelo treinamento de inúmeros estudantes, formou-se na Escola Normal Livre. Tornou-se professor formado, porém não na especialidade de Educação Física, mas era jogador de basquete da Seleção Sorocabana, e essa ligação com o esporte possivelmente lhe permitiu trabalhar com os alunos da escola. Portanto, os indícios

mostram que os profissionais atuantes na Educação Física escolar no final da década de 1940 eram leigos, e a relação deles com as atividades esportivas no interior da escola se dava como consequência de terem alguma ligação com o esporte na cidade ou fora dela. Através da fala dos entrevistados é possível afirmar que, a maioria desses colaboradores do esporte escolar eram atletas ligados às equipes representativas do esporte sorocabano.

Outra peculiaridade relacionada à I Olimpíada Estudantil é o vínculo estabelecido com o Grêmio Varnhagem, que teve grande importância na realização da primeira edição desse evento. As informações encontradas demonstram que as atividades desenvolvidas nesse grêmio permitiram fornecer um bom número de alunos bem preparados para essa competição, e também prover de bons atletas as equipes representativas do esporte sorocabano. As competições transcorreram em finais de semana, e no período noturno durante os dias normais. Esta informação foi encontrada no jornal Cruzeiro do Sul e sugere que, possivelmente, as pessoas envolvidas tinham atividades diárias distintas da atividade esportiva na qual colaboravam. Em nossa investigação, ficou comprovada a participação do órgão público, ou seja, a Prefeitura Municipal de Sorocaba, através da CCE, na realização da primeira edição da Olimpíada Estudantil. Encontramos, ainda, nas reportagens do jornal Cruzeiro do Sul, a indicação de que havia nos locais de competição a presença de grande público, que participava com o intuito de incentivar os colegiais. Há claros indícios de que tomou tanto a alunos e professores, como ao público em geral, o sentimento de entusiasmo, alegria e satisfação suscitadas pela participação nesta jornada esportiva, criada por *dois jovens entusiastas*, como se referiu o jornal Cruzeiro do Sul aos professores Otto Wey Netto e Hélio Serafino.

O Campeonato Colegial de Esportes, instituído pelo DREFE a partir de 1954, caracterizou-se, entre outras coisas, por ser uma competição oficial do Governo do Estado de São Paulo, cumprindo, num calendário local, as competições determinadas pelas instâncias

superiores. A classificação dos melhores participantes locais permitia seguir na competição, para as fases seguintes já programadas, até chegar ao nível máximo, que eram as finais estaduais, envolvendo as melhores escolas de todo o estado. Dessa maneira, obrigavam-se professores e alunos a realizar treinamentos regulares no decorrer do ano, a fim de prosseguir na competição até as fases finais. Quanto a esse aspecto, não pudemos identificar o exato período em que o governo oficializou a criação das turmas de treinamento para disputar o Campeonato Colegial de esportes. O professor José Carlos conjectura que as turmas surgiram apenas na década de 1980, o que não se ajusta com o que pensamos¹. Assim, acreditamos que esta prática teve, possivelmente, seu início entre o final da década de 1960 e início da de 1970, pois nas fontes consultadas não se acha nenhuma menção que nos permita averiguar o assunto com precisão. O DREFE possuía em seu quadro, mesmo que poucos, alguns funcionários aí designados com a função de desenvolver o calendário da Coordenadoria de Esportes e Lazer, órgão central localizado em São Paulo, e cooperar nas outras realizações locais. Basicamente, desenvolviam-se competições nas mesmas modalidades esportivas das edições anteriores da Olimpíada Estudantil, como basquete, vôlei, atletismo, pingue-pongue, natação, futebol de salão e xadrez.

Os Jogos dos Grupos Escolares foram uma competição escolar de importante destaque na cidade, segundo concluímos das fontes consultadas. Sua primeira edição foi realizada no ano de 1959, e em 1968 deixou de existir. A criação desse evento no calendário escolar local se deveu à iniciativa do professor “Campineiro”, que contou com o apoio dos diretores das escolas, e para tornar possível este projeto, contou ainda com a colaboração de inúmeras pessoas. Como não havia aulas regulares de Educação Física nos Grupos Escolares, a preparação das crianças somente se tornou viável por meio da colaboração de voluntários, que desenvolviam os treinos

¹ Nosso posicionamento firma-se, tendo em vista a nossa própria participação nessas turmas de treinamento **já no ano de 1973** (para ingresso no Campeonato Colegial de Esportes, nas modalidades de basquete e atletismo)

nas próprias unidades de ensino ou no Ginásio Municipal de Esportes. Uma característica peculiar dessa competição foi a realização de desfiles de carros alegóricos na festa de abertura, além da eleição da rainha dos Jogos e da festa de encerramento, que contava, aliás, com a apresentação de grupos de dança. Foi possível constatar, ainda, a presença de grande público nas atividades realizadas nesse evento. O envolvimento de um grande número de colaboradores e de alunos permitiu deixar na lembrança dos participantes “*o sentimento de alegria e encantamento*”, como rememora o professor “Campineiro”.

Em 1963, houve a primeira das poucas realizações dos Jogos Intelectuais e Esportivos, competições organizadas pelo DREFE. Constavam no programa dessas competições, além das modalidades esportivas, as provas de conhecimento de matérias do currículo escolar. Essa iniciativa local teve sua última edição no ano de 1966. Um importante traço desse evento era envolver professores de outras áreas de estudo, que participavam através da elaboração das questões das diferentes provas. Outra particularidade era a de que possibilitava a participação de alunos menos capacitados em modalidades esportivas, comumente praticadas no meio escolar, mas que tinham boas notas nas matérias incluídas nas provas. Infelizmente, pela dificuldade de envolver muitos professores de várias áreas, a competição em poucos anos deixou de se realizar em Sorocaba.

É digno de nota também que a incidência de eventos esportivos estudantis em Sorocaba **foi resultado de um movimento da cultura local**, apresentando em comum o fato de as iniciativas terem partido, basicamente, de pessoas simpatizantes ou praticantes de atividades esportivas. A participação de dirigentes esportivos locais e de órgãos municipais ou do Estado ocorreu, é certo. Entretanto, as informações colhidas revelaram uma imensa mobilização de pessoas interessadas em promover atividades esportivas com os estudantes, no interior e fora da escola. Ficou clara a determinação dos agentes em superar as dificuldades existentes no interior

da escola, como a falta de um profissional especialista e de espaço adequado à prática de esportes, a carência de recursos materiais e de regulamentação específica que garantisse a prática de atividades físicas. Apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas pelos agentes, foi possível proporcionar aos alunos o treinamento e a participação em diversas atividades, que em várias ocasiões foram realizadas no período noturno e nos finais de semana, para não prejudicar as atividades profissionais dos colaboradores nem as atividades normais do expediente escolar. O trabalho voluntário, o companheirismo, a superação, a alegria, o encantamento, certamente, foram algumas das marcas que ficaram na memória de pessoas envolvidas no esporte escolar sorocabano, nas décadas de 1950 e 1960. Entendemos que o trabalho realizado pelos agentes foi indubitavelmente árduo e exaustivo, mas também foi prazeroso e compensado pelos alunos, através do empenho, do entusiasmo e da alegria estampada em seus rostos.

3.2 Equivocaram-se os historiadores?

Ao iniciarmos essa discussão sobre a produção historiográfica da Educação Física, cabe lembrar que não desconsideramos o fato de o esporte ter-se tornado uma atividade quase exclusiva nas práticas físicas escolares, a partir da década de 1960, tendência que continua presente até os dias de hoje, como acentua Malaco:

O período de 1969-1979 é uma fase de crescimento do Esporte, associado à Educação Física e esta relação permanece inalterada até nossos dias. Muitos professores entendem a diferença entre Esporte e Educação Física, mas não suas possibilidades enquanto área de estudo acadêmico. Seu discurso é um e a prática, outra; há ainda o predomínio de modalidades esportivas com fins competitivos nas aulas de Educação Física. (1994, p.56)

A discussão sobre o esporte na escola tem recebido considerável atenção de inúmeros estudiosos da Educação Física, e produziu diferentes interpretações quanto às suas finalidades. Como discutimos anteriormente, parte desses trabalhos relaciona as atividades esportivas escolares do período pós-1964 às políticas de governo. Esses autores afirmam, por exemplo, que as competições escolares ganharam atenção especial, como consequência de uma grande orquestração engendrada nos redutos de poder do regime militar. Segundo essa óptica, o regime se utilizava estrategicamente das práticas escolares como ótima oportunidade de desviar a atenção da juventude quanto às questões sociais e às mobilizações políticas, ao mesmo tempo em que propalava os benefícios da prática esportiva e do preenchimento do tempo livre do trabalhador com atividades lúdicas e saudáveis.

A Educação Física ganhou um aparato legislativo a partir de 1964, em virtude do zelo que o regime dedicou a essa área educativa. Relativamente ao desporto estudantil, por exemplo, o Decreto n.º 66.967, de 27 de julho de 1970, criou o Departamento de Educação Física e Desportos, órgão este ligado ao MEC. A intenção do governo, através do DED, era descobrir novos talentos esportivos no meio escolar. Para muitos críticos, o governo procurava consolidar nas práticas da Educação Física brasileira uma tendência que se refletira nos países mais desenvolvidos, resultando aqui, portanto, num transplante cultural. De acordo com essa tendência, as escolas tornar-se-iam verdadeiros clubes, constituindo-se em **celeiro de alunos-atletas**. Segundo este propósito, as aulas de Educação Física e os treinamentos esportivos produziriam, então, os atletas necessários ao país para elevá-lo à condição de potência esportiva internacional. E isso teria ocorrido, todo o tempo, obedecendo-se ao fito conspiratório — lembram os críticos. Deve-se considerar que realmente o aparato oficial procurou estruturar a Educação Física e o desporto nacional. O que não se deve afirmar, no entanto, é que o seu uso se

deu de maneira **conspiratória**, como se alega. Procuramos esclarecer essa questão, tomando como referência as afirmações de Oliveira:

Poderíamos, então, afirmar que a estratégia oficial funcionou? Do ponto de vista da veiculação e divulgação de uma concepção de Educação Física baseada na prática esportiva, creio que não restam dúvidas. Quanto à consolidação dessa concepção no interior das aulas de Educação Física veremos que nem tudo ocorreu como foi planejado ou proposto. Se por um lado, por vários motivos a escola não se tornou um lugar privilegiado para se formar atletas, por outro lado, o esporte calou fundo no imaginário dos professores escolares. Eu diria, então, que parcialmente as iniciativas oficiais lograram êxito. A consequência mais nefasta de tal política para a Educação Física escolar talvez tenha sido a consolidação de práticas isentas de qualquer tipo de reflexão sobre o seu sentido por parte dos professores. (2001, p.151)

Presumimos, portanto, não ter sido possível, em larga escala, pôr em prática no interior da escola as recomendações oficiais em relação ao esporte escolar. Uma das situações mais contraditórias era a inexistência de infra-estrutura física e material adequada nas escolas. Ora, como poderíamos forjar futuros campeões para o país, se não havia condições mínimas para uma tarefa tão complexa?

Já abordamos este aspecto anteriormente, e devemos aqui reforçar a tese de que se realmente o esporte escolar tivesse logrado êxito, como afirmaram os críticos, e assim também o governo da época o desejava, teríamos hoje herdado um significativo rol de recordistas colegiais e, quiçá de campeões olímpicos. No entanto, a difícil realidade encontrada na história do esporte representativo escolar e olímpico do Brasil, demonstra quão pertinentes são as afirmações de Oliveira: o esporte ganhou peso nas práticas cotidianas das aulas de Educação Física; também influenciou a criação de turmas de treinamento (que eram desejadas por muitos alunos) e, por conseguinte, promoveu sim um processo de seleção dos mais hábeis alunos das escolas para as disputas interescolares; aduzimos, aliás, nossa própria experiência prática dos anos de 1970, para confirmar esse fato, recordando que elas gozavam de enorme prestígio no imaginário da comunidade estudantil naquele momento. Mas daí a afirmar, como o faz a crítica historiográfica,

que a Educação Física escolar tenha-se reduzido, pura e simplesmente, ao treinamento esportivo visando o “esporte de alto nível”, afirmar que as escolas tornaram-se clubes de treinamento, é seguramente um exagero e uma impropriedade, sem respaldo em dados positivos que o possam afiançar. Ao contrário, como demonstra o relatório da SEED/MEC de 1981, o próprio governo admitiu que o planejamento colocado em prática durante a década de 1970, para elevar a posição esportiva do país através do esporte escolar, não logrou êxito como se esperava. Oliveira comenta essa situação:

O que mudou em mais de dez anos de ofensiva esportiva “contra” a Educação Física escolar por parte do governo central? Quase nada! Ao mesmo tempo, a SEED/MEC reconhece que os atletas dos Jogos Estudantis Brasileiros (JEBs) não eram oriundos da instituição escolar, mas preparados em clubes. Isso é a confissão explícita de que o modelo gestado durante dez anos antes não vingara em sua plenitude. A criação dos Clubes Escolares era uma clara tentativa de recuperar a ênfase inicial da escola como forjadora de campeões olímpicos. Essa intenção ainda hoje não saiu do papel. (2001, p.155)

A demonstração do equívoco dos historiadores, ao terem considerado a escola como um clube esportivo, transparece nas próprias considerações oficiais de governo, acima descritas. Na realidade a preparação daqueles que lograram vencer as competições estudantis em nível nacional, ocorreu em clubes particulares, distantes do meio escolar. É possível que a iniciação esportiva dos futuros campeões tenha ocorrido na escola, mas o aprimoramento técnico somente foi desenvolvido em outro local, mais adequado à elevação do nível de **performance** de cada atleta estudantil.

Outro aspecto presente na historiografia, e que nos parece passível de refutação, é o fato de os autores terem negado ao esporte a sua capacidade educativa. Segundo Oliveira, para eles:

O esporte é tido como uma *possibilidade*, desde que *a serviço do homem e da sociedade*. O esporte de competição, porém, seria a antítese dessa possibilidade educativa. Por outro lado, nenhum dos autores tem o cuidado de dimensionar o esporte em uma perspectiva

não competitiva, se é que isso é possível! Embora ampliem a compreensão da Educação Física para além do esporte, na discussão em torno deste se prendem à dimensão competitiva, de alto nível. Não conseguem ou não procuraram definir uma outra possibilidade para o esporte que não seja essa. Quando falam de um esporte recreativo, por exemplo, confundem-se ao tentar caracterizá-lo como esporte, jogo ou recreação. Juntamente com os jogos, as danças, a ginástica, o excursionismo, as artes marciais, etc., o esporte poderia vir a ser uma possibilidade educativa. Mas para muitos não o é! O que poderá conferir-lhe o estatuto de *educativo* é negação do esporte de rendimento, de alto nível, de competição extremada; o que viria em seu lugar ficamos sem saber. Até porque, esporte sem competição deixa de ser esporte. (OLIVEIRA, 2001, p.132)

A discussão sobre os usos — e porque não dizer dos abusos do esporte — é bastante pertinente. Refletir sobre a apropriação que os governos fizeram, e ainda o fazem, do esporte como fenômeno de mídia, de massa, o esporte como **espetáculo**, é importante e necessário. Mas realmente, o que não se pode negar é sua capacidade educativa, ao ser amplamente utilizado no âmbito escolar. Para além do ensino da técnica e dos fundamentos das modalidades esportivas, o esporte tem, historicamente, contribuído de inúmeras formas no processo educativo como um todo. E se fosse verdade que ele trouxera em seu bojo apenas elementos nocivos, seguramente sua prática teria sido abominada do ambiente escolar, como, por exemplo, foram eliminadas as marchas e evoluções das aulas de Educação Física. Essas práticas eram muito comuns nas aulas de Educação Física na década de 1970, e a partir dos anos 1980 deixaram de fazer parte do cotidiano escolar. Entretanto, as turmas de treinamento e os campeonatos escolares fixaram suas raízes e estão aí até hoje.

É evidente que os campeonatos escolares passaram por algumas modificações ao longo dos anos. Atualmente, por exemplo, não existem mais os desfiles de abertura pelas ruas da cidade de Sorocaba, com bandas, fanfarras e carros alegóricos. Também não se faz mais a eleição da rainha das competições escolares; mas, a mais emblemática de todas as ausências atuais é a das torcidas nos ginásios esportivos e nos locais de competição! É sabido que a competição escolar oficial do Estado de São Paulo (a Olimpíada Colegial) não permite a presença de torcidas nos

locais das competições, sob pena de desclassificação da escola! Ora, diante disso é preciso perguntar, então: onde foram parar os carros alegóricos, os desfiles, as bandas, as rainhas e, sobretudo, as torcidas? Quais condições determinaram, historicamente, essas mudanças? Estas são algumas das importantes questões que foram surgindo no decorrer da pesquisa, e que não podemos responder de imediato, exatamente porque elas requerem uma mais ampla e rigorosa investigação, impossível agora.

3.3 – Competições escolares como resultado de demandas socioculturais

Contrariando a tradição crítica de parte da literatura historiográfica em Educação Física, que freqüentemente insistiu na tese conspiratória do regime militar para com essa área escolar, Oliveira prefere sustentar que a ocupação da área da Educação Física, pelos militares, ocorreu em função de condições históricas conjunturais, e que esta intervenção procurou atender às necessidades socioculturais da época, pois:

[...] muito do que foi sistematizado pela norma legal era demanda dos próprios especialistas em Educação Física, os professores escolares. Faço essas considerações para novamente contrapor-me à literatura que se acostumou a imputar ao governo militar todas as mazelas da Educação Física escolar no Brasil... Parece-me claro que a busca de hegemonia pressupõe a conformação social. E esta se dá pela conformação cultural. Dentro das tendências em oposição a luta na história, dentro das possibilidades históricas manifestas em cada período específico, o grupo (ou grupos) que exercem o poder político, necessariamente procuram conformar práticas culturais capazes de contribuir para a manutenção e perpetuação desse poder. A Educação Física não escapou, historicamente, a essa dinâmica. Creio que é possível afirmar que a Educação Física brasileira não recebia nem mais nem menos atenção dos governos ditatoriais do que outras práticas culturais. Ela era *apenas mais um elemento* contemplado na tentativa levada a cabo pelos governos autoritários no sentido da reorganização da cultura. (OLIVEIRA, 2001, p.207)

As considerações do autor reforçam a nossa posição, ao considerarmos que a tese mais apropriada para explicar o fenômeno do surgimento dos Jogos Escolares em Sorocaba, a partir de

fins dos anos 1940, é a que afirma que tudo aconteceu **como resultado das demandas sociais e culturais locais**. No decorrer do trabalho, logramos constatar, que em nenhum momento as fontes apontaram para algum traço de conotação político-ideológico na realização dos eventos em Sorocaba, inclusive no período do regime militar.

Em todas as fontes consultadas, não foi possível estabelecer uma relação entre o esporte estudantil praticado no período, com qualquer tipo de manipulação política, inclusive nas oportunidades em que as competições foram determinadas por políticas oficiais, como o Campeonato Colegial de Esportes, por exemplo. O esporte estudantil teve a sua importância determinada por fatores locais, fruto da cultura esportiva da população da cidade e das iniciativas singulares de pessoas da comunidade, ou seja, de demandas locais. Essas afirmações valem, neste município, principalmente, para as décadas de 1940 e 1950, pois a partir da década de 1960 e, sobretudo, na década de 1970, as competições escolares foram incorporadas pelos governos e, portanto, passaram a fazer parte do ideário oficial da Educação Física em geral. Os críticos da Educação Física empenham-se em afirmar que esse ideário teria sido absorvido de maneira homogênea no terreno educacional. Lamentavelmente, não levaram em conta aquilo que procuramos o tempo todo contemplar em nossa pesquisa: a experiência singular dos agentes das atividades pedagógicas, fossem eles formados ou não, especialistas ou não, ou simplesmente colaboradores que simpatizavam-se com essas ações desenvolvidas por “jovens entusiastas” do esporte.

A relação entre o ideário oficial e a prática dos professores encontra nas palavras de Oliveira importante significado:

O ideário oficial não se realizou em sua plenitude, por uma simples questão: a experiência singular dos professores é impossível de ser reduzida a prescrições de qualquer natureza. A falta de recursos, a referência às condições “naturais” da aula [...]

uma realidade adversa às formas de organização da aula prevista na lei, todos esses são aspectos que conviviam com o “discurso” do esporte e da competição. Mas esse discurso, ao transportar-se para a prática cotidiana, ganhava um elemento absolutamente impossível de ser esquematizado: a experiência singular ou de grupo de professores. É essa experiência que faz com que a história tenha sido mais rica do que vimos por muitos anos na historiografia. Toda e qualquer tentativa nesse sentido esquemático tende a esbarrar naquilo que a realidade tem de mais fugidio, de mais imponderável: a singularidade dos indivíduos que a constroem cotidianamente. (OLIVEIRA, 2001, p.363)

Essa singularidade é, para a nossa pesquisa, a pedra angular, pois permite-nos olhar para as experiências construídas pelos personagens, a partir dos significados, dos sentidos construídos por eles próprios, o que realmente torna possível ampliar a compreensão da realidade para além das explicações esquemáticas. A singularidade das iniciativas de pessoas entusiastas do esporte em Sorocaba pôs em movimento uma bela e, sem dúvida, inesquecível história de realizações.

Em conclusão, afirmamos que a consistência e a precisão das informações colhidas nos depoimentos atestam as considerações que edificamos ao longo do texto, permitindo-nos discordar da interpretação histórica contrária, e propor reflexões que — esperamos — sejam levadas adiante por outros pesquisadores, a quem atraia o fascinante tema das práticas esportivas escolares e as experiências de vida de seus mentores.

CONCLUSÃO

Analisando os depoimentos produzidos e os artigos da imprensa encontramos um conjunto de evidências que nos permitiu realizar algumas análises e chegar a algumas conclusões. Uma evidência marcante encontrada nas entrevistas foi o tom de saudosismo presente nas falas dos depoentes, enaltecendo freqüentemente a beleza e o entusiasmo das competições realizadas. Isso se manifestou, assim entendemos, porque os depoentes tiveram um envolvimento muito intenso com os eventos, e também porque contaram com a colaboração de muitas pessoas, que não só tornou possível a realização dos projetos, como ajudou a engrandecer a participação dos estudantes nas competições. Consideramos esta uma outra evidência importante, pois, a participação voluntária de “entusiastas” , como os define o professor Otto, caracteriza os acontecimentos como sendo produzidos por um movimento estritamente local. Havia nas primeiras edições dos Jogos Escolares a presença de órgão oficial de governo, porém não havia uma política preestabelecida para o setor estudantil, caracterizando-as, portanto, como resultado de iniciativas particulares de pessoas interessadas em implantar em Sorocaba uma prática escolar inovadora. Os idealizadores desses eventos foram movidos por um sentimento pessoal de paixão pelo esporte, e aproveitando-se de condições favoráveis (alunos interessados em praticar esportes, atletas, colaboradores e espaço físico disponível para treinamentos e competições), uniram forças para tornar possível a realização de seus inovadores projetos.

Há também evidências de que as escolas de Sorocaba tinham poucos professores especialistas em Educação Física, sobretudo na década de 1940. A atividade era exercida na escola por professores leigos, pois, segundo depoimento do professor “Campineiro” naquele tempo havia faculdade de Educação Física somente em São Paulo (USP) e em Bauru, tornando mais difícil o acesso de interessados em atuar na área. Portanto é possível concluir, nesse aspecto,

que as atividades esportivas eram exercidas nas escolas eminentemente por colaboradores (atletas ou professores de outras áreas, que tinham algum conhecimento de modalidades esportivas). Como já consideramos anteriormente, abre-se aí um campo de pesquisa, pois entendemos ser necessário investigar a participação dos professores leigos que atuaram naquele tempo, bem como investigar as ações dos colaboradores. Nesse sentido, chama a atenção o fato de já existir naquele tempo o trabalho voluntário nas escolas públicas de Sorocaba. Abre-se aí, também, um fértil campo de pesquisa: investigar como foi historicamente construída a participação de voluntários nos projetos escolares em Sorocaba, sobretudo no campo esportivo, como foi destacado pelos entrevistados, um tema que somente será possível desenvolver em etapa futura.

Outra evidência marcante, encontrada nas fontes orais, é a desvinculação dos eventos escolares a quaisquer manobras políticas, de qualquer instância governamental, municipal, estadual ou federal. Na pesquisa, tivemos particular interesse em saber a opinião dos entrevistados sobre esta questão de cunho ideológico: as respostas de todos coincidiram em que em nenhum momento, inclusive após o início da ditadura militar de 1964, os professores de Educação Física e os alunos foram, de alguma maneira, manipulados para atender a interesses estranhos à atividade esportiva escolar. Vale lembrar que as afirmações apresentadas neste momento estão respaldadas nos depoimentos realizados, nos documentos encontrados e na literatura específica consultada, o que não nos permite tomá-las como a representação **da** realidade vivida pelos profissionais da Educação Física no período; mas a representação de **uma** realidade local vivida pelos agentes que aqui atuaram.

É possível afirmar que o fenômeno ocorrido em Sorocaba foi **particular**, em contraposição ao resultado de um fenômeno global e generalizante, como foi largamente considerado pela historiografia da Educação Física produzida nos anos 1980 e 1990, ou seja, teriam ocorrido os Jogos Escolares exclusivamente como reflexo das determinações do Estado.

Essa produção historiográfica desconsidera o sujeito concreto e a ação social efetivamente realizada na escola; esses teóricos não foram verificar como foram desenvolvidas as práticas dos professores no interior da escola, naquele tempo. O que procuramos realizar neste trabalho, através da investigação oral e consulta de reportagens de jornais, permitiu reconsiderar as afirmações desses autores.

A tese que defendemos é a de que as demandas sociais e culturais foram as determinantes nas iniciativas tomadas pelos agentes envolvidos; portanto, **cai por terra** a teoria conspiratória defendida pelos críticos da Educação Física dos anos 80 e 90. É sintomático vermos confirmar-se nos depoimentos que nenhum dos agentes defendeu qualquer vínculo entre o esporte estudantil e a manipulação política em qualquer momento histórico. Assim sendo, é possível afirmar que os agentes direcionaram suas ações almejando beneficiar a população estudantil da cidade, certos de estarem atendendo às demandas surgidas no interior das atividades cotidianas escolares.

Em nosso trabalho também verificamos que na cidade de Sorocaba havia uma significativa presença de atividades esportivas desenvolvidas por inúmeras agremiações e em diversas modalidades, já nos anos 1930. A consolidação das competições escolares veio depois desse período, e se pode conjecturar que a existência dessas atividades esportivas na cidade tenha interferido na criação dos Jogos Escolares. O esporte de representação da cidade era de tal porte, na década de 1950, que Sorocaba destacava-se em várias modalidades esportivas, particularmente no basquete feminino. Tanto assim que nos Jogos Abertos do Interior do Estado de São Paulo, a cidade figurava sempre entre as três primeiras classificadas. Desafortunadamente, hoje a cidade de Sorocaba não consegue se classificar nem mesmo entre as vinte primeiras colocadas dessa competição, o que significa reconhecer que realmente naquele tempo ela era uma potência esportiva do Estado de São Paulo e do país, inclusive.

Há indicações de que a destacada posição conquistada pela cidade no cenário esportivo teve uma intrínseca relação com as competições e com as atividades esportivas firmadas no ambiente escolar. Essa relação entre o esporte de representação e o esporte estudantil carece de um estudo mais demorado, atendendo, por exemplo, ao professor Otto Wey Netto, que afirmou em seu depoimento ter sido o esporte estudantil a “mola propulsora” do esporte de representação sorocabano. Segundo o professor, eram as escolas que alimentavam as equipes competitivas locais. É preciso investigar como era feita a seleção dos estudantes, quem eram os agentes que realizavam esse processo, e quais resultados se verificaram, efetivamente, através dessas ações.

Seguindo essa mesma direção, encontramos no depoimento do professor José Carlos de Almeida, a indicação de que o futebol de salão foi trazido para Sorocaba graças à sua intervenção pessoal, resultado experiência acumulada na ACM (Associação Cristã de Moços) de São Paulo com essa atividade. O “Estadão” teria sido a primeira escola, assim como também o primeiro local da cidade a praticar o futsal. Vale lembrar que a cidade de Sorocaba é considerada por alguns especialistas¹ como a **capital nacional** do futebol de salão, em função de haver aqui um enorme número de praticantes, e também de se realizar nela o torneio “Cruzeirão”. Torneio esse, aliás, idealizado pelo professor “Campineiro” em 1960 e promovido pelo jornal Cruzeiro do Sul. No decorrer dos anos, ele se tornou o maior torneio do mundo em número de equipes participantes, cifra que ultrapassa a de trezentas equipes anualmente. Atualmente esse esporte é o mais requisitado pelos estudantes, nas aulas de Educação Física. Tal fato nos permite considerar que ele conquistou importante espaço no meio escolar. Como teria ocorrido a trajetória dessa ocupação no ambiente escolar? Quais as implicações desse processo na conquista da destacada

¹ Segundo declarações divulgadas no jornal Cruzeiro do Sul, do jogador de futsal da seleção brasileira: “Falcão” (considerado pela FIFA o maior jogador do mundo na atualidade), a cidade de Sorocaba é o maior pólo de praticantes dessa modalidade no país, tanto assim que ele deseja encerrar a carreira na cidade em 2010. Deseja também permanecer na cidade para e iniciar a carreira de técnico e formar aqui uma equipe profissional, sob seu comando.

posição nacional alcançada pelo município de Sorocaba? Essas são também outras questões que pudemos levantar no decorrer da pesquisa, e que necessitam ser estudadas.

Por fim, cumpre dizer que intentamos escrever parte da história dos Jogos Escolares de Sorocaba, seguramente mais rica do que nos foi possível apresentar. A nossa impressão final foi de gratificação ao encontrarmos nas memórias dos agentes uma riqueza de elementos esclarecedores, que buscávamos. Não menos gratificante foi compartilhar com eles o sentimento manifesto de alegria, de satisfação e de entusiasmo, todas as vezes que mergulharam no passado de suas singulares experiências.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Gilberto. **Vencer ou morrer**: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Feperj Mauad, 2002.

BELTRAMI, Dalva Marim. **A Educação Física no âmbito da Política Educacional no Brasil pós – 64**. 1992. Dissertação (Mestrado) – Programa de Estudos Pós – Graduados em História e Filosofia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BETTI, Mauro. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

CARMO, Apolônio Abadio. **Educação Física**: crítica de uma formação acrítica. 1982. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, 1982.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física no Brasil**: a história que não se conta. Campinas: Papirus, 1988.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

GERMANO, José Willington. **Estado militar e educação no Brasil (1964 –1985)**. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora Unicamp, 1993.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **O Método Francês e a educação física no Brasil**: da caserna à escola. 1992. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós – Graduação em Ciências do Movimento da Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

GOODSON, Ivor. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA. **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1995.

GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas**. São Paulo: Ática, 1987.

GHIRALDELLI Jr., Paulo. **Educação física progressista**. São Paulo: Loyola, 1988.

MIRANDA, Nilmário; TIBURCIO, Carlos. **Dos filhos deste solo**. São Paulo: Editora Fundação Perceus Abramo, 1999.

MALACO, Lais Helena. **O Currículo de Educação Física e as disciplinas humanísticas, segundo a perspectiva de alunos e docentes**. 1994. Dissertação (Mestrado) – Programa de Estudos Pós – Graduados em História e Filosofia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994.

MANHÃES, E. **Política e esportes no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

MELO, Vitor Andrade de. **História da educação física e do esporte no Brasil: Panoramas e Perspectiva.** São Paulo: IBRASA, 1999.

PALAFIX, Gabriel Humberto Muñoz. **Educação Física no Brasil: aspectos filosóficos-pedagógicos subjacentes á política nacional em ciência e tecnologia para esta área no período 1970-1985.** 1990. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduados em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1990.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda **A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968-1984) e a experiência cotidiana de professores da Rede Municipal de Ensino de Curitiba: entre a adesão e a resistência.** 2001. Tese (Doutorado) – Programa de Estudos Pós – Graduados em História e Filosofia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

PIRES, Roberto Gondim. **A influência da Escola Nacional de Educação Física e Desporto (Rio de Janeiro) no Desenvolvimento da Educação Física na Bahia, Décadas de 1940-1970.** 2001. Dissertação (Mestrado) – Programa de Estudos Pós – Graduados em História e Filosofia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **A revolução faltou ao encontro.** São Paulo: Brasiliense, 1989.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A fúria de calibã.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

APÊNDICES

Primeira entrevista

Entrevista realizada em 20 de novembro de 2005, com o professor Newton Corrêa da Costa Júnior, que tem por *pseudônimo* Campineiro, como é comumente chamado.

Professor, eu gostaria de identificar alguns dados pessoais, de como foi a vinda do Sr. a Sorocaba

Meu nome é Newton Corrêa da Costa Júnior, e nasci em 17/fev/1925, em São Paulo.

Estou em Sorocaba desde 1949, como atleta, comecei no Clube Campineiro de Regatas de natação lá em Campinas, meus pais mudaram-se para São Paulo e como toda criança, eu tinha uma agremiação, eu não torcia pelo Corinthians de São Paulo não, torcia pelo Corinthians de Campinas, então eu fiquei corintiano lá em Campinas, eles torciam pra Ponte Preta ou para o Guarani, ou Mogiana, eu para ser do contra torcia par o Corinthians, que era o time menor de todos. Mudando para São Paulo fui para o Corinthians para jogar nas equipes juvenis. Passei para equipe intermediaria, e até chegar na equipe principal, e sendo campeão do estado, em 1947, 1948, 1949, da seleção paulista quando, por intermediário do professor Edésio Del Santoro que já jogou em Sorocaba, era diretor de escola em São José dos Campos. Sorocaba foi me buscar, então em 1949 é que eu vim para Sorocaba, trabalhar na Comissão Central de Esportes, e sendo técnico de basquetebol feminino e jogador de basquetebol, sendo já em 1949, campeão por Sorocaba nos Jogos Abertos de Rio Claro, e voltando a sê-lo em 1950, quando Sorocaba patrocinou os Jogos Abertos do Interior em 1950 e teve a inauguração do ginásio municipal de esportes quando era prefeito de Sorocaba o Dr. Gualberto Moreira.

Qual instituição que o senhor se graduou em Educação Física, e em que ano?

E por paradoxal que possa parecer, eu só tinha cursos técnicos e era correspondente e trabalhava lá em São Paulo em firma industrial, trabalhei no Corinthians e não tinha curso superior, não tinha nada. Eu fui técnico da seleção paulista e da brasileira e nunca tinha formação superior, e em 1968 fui técnico da seleção brasileira. Na seleção paulista fui seis vezes técnico, e seis vezes campeão brasileiro, sem contar que fui técnico da seleção de Sorocaba. Fui inúmeras vezes campeão dos Jogos Abertos, e em 1972 eu fui técnico da seleção brasileira lá no Chile. Para ser técnico da seleção brasileira precisava ter curso superior e eu não tinha curso superior, então foi como técnico da seleção brasileira o Paulo Arrobono que cedeu a sua condição de técnico formado, ele foi como assessor, mas o técnico era eu, então fomos campeões sul-americanos. Pela primeira vez ganhamos o sul-americano lá no Chile. Eu não tinha o curso superior e era considerado, desculpa a modéstia, o melhor técnico da América do Sul, então como eu trabalhava e era diretor dos esportes de Sorocaba, e para conciliar a minha situação eu não podia fazer faculdade de Educação Física, porque só existia faculdade de Educação Física em Bauru e em São Paulo, eu complementei meus estudos de primeiro e segundo graus, apesar de que tinha estudo técnico e fui fazer a primeira faculdade de Educação Física que abriu na região, foi em Itapetininga. Fiz o vestibular na faculdade de Itapetininga e em Sorocaba ainda não existia, quando abriu em Sorocaba, logo dois meses depois eu me transferi, e me formei pela primeira turma pela faculdade de Educação Física de Sorocaba a partir de 1972. E acabei sendo professor de basquetebol na própria Faculdade de Educação Física de Sorocaba, e complementei minha formação em Pedagogia na faculdade de Itu. Fiz um ano e pouco na Faculdade de Direito de Itu. Mas por atividades inúmeras que eu desempenhava e por divergências políticas acabei, acabei não, me tiraram do Ginásio de Esportes de Sorocaba, e me obrigaram a deixar a seleção de Sorocaba e eu fui obrigado, eu era, e sou até hoje fanático por basquetebol. Eu gosto de todos os esportes, mas eu nasci com sangue dentro do basquetebol, eu fui treinar Piracicaba, conquistar

outros títulos para Piracicaba, já que me tiraram até do Ginásio de Esportes, ainda fiquei dois anos na Faculdade de Direito de Itu. Antes do diploma da faculdade de Sorocaba eu acompanhava tudo que era basquetebol, acompanhava tudo que era esporte, então eu tinha, uma biblioteca imensa e acompanhava todos os esportes, eu tinha livros pedagógicos de todas as modalidades, como até hoje acompanho todas as modalidades, então nunca me faltou cabedal ou conhecimento para organizar todas as disputas como eu fazia na Diretoria Municipal de Esportes. Eu já fazia minha atividade de planejamento, atividade direta, organizando inclusive campeonatos escolares dos Grupos Escolares de Sorocaba, campeonatos de Parque Infantis, isso já realizava dentro do próprio Corinthians, lá em São Paulo, organizava campeonatos de atividades dentro de um grupo imenso de praticantes de basquetebol no Corinthians, então eu tinha essa facilidade de organização de competições como eu fazia dentro da Diretoria Municipal de Esportes, onde antes de ser desligado, eu tinha campeonatos inúmeros, como os jogos dos Grupos Escolares, os jogos dos Parques Infantis, o campeonato de basquetebol, os campeonatos de voleibol da cidade. Nos tínhamos provas ciclísticas, nós tínhamos competições homenageando todos os Jornais e as Emissoras de Rádio da cidade. Fui organizador inclusive do torneio aberto de Futebol de Salão Cruzeiro do Sul, as disputas do torneio mais destacado e conhecido de Sorocaba e São Paulo, e conceituada no mundo inteiro. Eu sempre tive a vida toda ligada ao esporte e às competições esportivas. Acredito, que se nós tivermos possibilidades de gerar toda criança para a sadia prática do esporte, conscientizando de que é uma atividade, que consegue unir e levar ao bom caminho as crianças e adolescentes, nós conseguiremos, se não terminarmos de uma só vez por toda essa criminalidade, esse mau caminho, com nossos jovens com nossa criança e os próprios adultos e melhorar muita coisa em prol do nosso Brasil.

Como o senhor falou, o senhor teve uma formação técnica e participou de organização de competições, eu gostaria que o senhor contasse alguma coisa sobre essa participação em competições escolares, a partir de que ano o senhor começou a participar dessas competições, na organização?

Na diretoria municipal de esportes, na participação escolar, nós idealizamos, os jogos dos Grupos Escolares em Sorocaba em 1958 então foi durante 10 anos até 1968, quando me tiraram o Ginásio de Esportes. Eram praticamente, as escolas estaduais e não dispunham de professores especializados para a prática de Educação Física nessas séries, e acho que hoje já existem professores especializados com essas séries. Mas os jogos escolares eram realizados entre os alunos da 1ª à 4ª séries, para terem essas atividades eu achava imprescindível que os alunos fossem regimentados por professores que os orientassem, a terem as atividades antecipadamente, pois seria desumano, que os alunos comparecerem às atividades sem estarem orientados, algo preparado para as competições. Então, nós tínhamos no ginásio de esportes uma quantidade imensa de jogadores, de atletas, de jovens, meninos e meninas, que praticavam o basquetebol, e tinham condições de serem orientados, de serem encaminhados, para as diversas unidades escolares da cidade, e os professores de Educação Física das escolas, das outras séries superiores, muitos deles por nós eram recebidos também, beneficemente, para também colaborarem com alunos dessas séries. E outro capítulo que eu nem quero mencionar, é que no 7º BP (Batalhão de Polícia Militar), nos tínhamos dos chefes dessa unidade militar uma colaboração imensa, que com o oferecimento dos próprios policiais com capacidade, e também estarem sendo seguidos para também trabalharem nesses Grupos Escolares. Então, era “uma coisa”, uma união fantástica de parte a parte de criançada, de adolescentes, de soldados, de jogadores, que sem ônus nenhum para a prefeitura, se uniram no trabalho e preparo dessa criançada, era um acontecimento fantástico.

Tinha até esportistas que vinham do Rio de Janeiro para assistir a realização dessa competição. Sorocaba era movimentada de maneira fantástica, os jogos escolares, nós tínhamos no centro, um desfile de abertura com carros alegóricos, desfile de rainha, baliza e tudo. Sem falsa modéstia, o acontecimento cultural e esportivo “principal” da cidade no centro da cidade. Tinha bandas e fanfarras, e os jogos se desenvolviam de maneira, a mais significativa possível. Os jogos, e as disputas de atletismo eram realizadas no antigo Scarpa ali na Afonso vergueiro. Para completar tudo isso, nós tínhamos a festa de encerramento no Ginásio de Esportes, com a coroação da “rainha dos jogos”, e as princesas também. Na festa de encerramento, havia bailados, com música, então era um acontecimento que pautava por “encantamento”, por alegria, por confraternização, então coisa mexia muito com a criançada, e os incentivava no esporte e na confraternização.

Esse desfile, esses eventos, eram todos relacionados aos Grupos Escolares, especificamente aos Grupos Escolares?

Especificamente dos Grupos Escolares, e nesse período não é me “auto-elogiando”: eu não tinha diplomação alguma de curso superior.

Eu gostaria de saber se houve nesse período, mesmo o senhor não tendo participado, se o senhor tinha conhecimento de alguma outra competição em nível escolar e, especificamente, se já existia o chamado Campeonato Colegial de Esportes, nesse momento?

Realmente eu vim para Sorocaba em 1949, e a cidade já tinha uma atividade intensa de basquetebol, era o esporte principal da cidade. E o esportista João Guariglia, era um dos

esportistas ferrenho dentro do esporte, dentro da atividade estudantil, ele era presidente do Grêmio Varnhagem, o Grêmio Varnhagem era uma instituição estudantil reunindo os escolares de Sorocaba. Ele, como presidente do Grêmio Varnhagem, patrocinava o campeonato escolar da cidade, reunindo os grêmios locais sem estar ligado a qualquer instituição oficial, nem da prefeitura, nem do Estado, então havia sim os jogos estudantis em Sorocaba organizado pelo Grêmio Varnhagem, que era uma agremiação estudantil da cidade.

Eu gostaria de saber quais foram as modalidades esportivas, que fizeram parte dessas primeiras competições que o senhor se refere?

Como eu estava muito ligado, ainda, a isso especificamente, as modalidades eram mais aquelas constantes principalmente dos Jogos Abertos do Interior: basquetebol, voleibol, futebol de salão, de uma maneira mais rudimentar, futebol acho que praticamente era mais rudimentar, já estava começando o futebol de salão, e atletismo, natação. Aliás, com natação eu devo mencionar um esportista que pouco hoje se fala, a quem Sorocaba deve muito na prática da natação quando nos tínhamos a piscina do Scarpa: João Ribeiro era um esportista integrado, um crente da natação, muitos nadadores de Sorocaba, muita gente de Sorocaba passou pela mão de João Ribeiro. João Ribeiro, era um verdadeiro esportista, que se integrava, que lutava, que se esforçava, e Sorocaba devia fazer uma referência maior do trabalho que João Ribeiro representou para o esporte, para a natação de Sorocaba naqueles áureos tempos.

Durante o período, do início do regime militar em 64, havia turmas de treinamento para as competições escolares, especificamente para a participação nas competições escolares?

Justamente é isso aí, como eu ligado aos jogos escolares, eu estava ligado praticamente ao meu setor, que era na Diretoria Municipal de Esportes, nesse setor, nos Jogos Escolares, dos Grupos Escolares. Agora, nos negócios (competições) do Estado eu não estava envolvido, porque eu fiquei ligado à Prefeitura Municipal de Esporte e fui destituído em 1969, do Ginásio Municipal de Esportes mais tive ainda indiretamente ligado à prefeitura, até 1979. Antes disso eu prestei concurso do Estado como professor de Educação Física, e em 1977 eu ingressei no Estado como professor de Educação Física e, posteriormente, voltei a participar de novo concurso como professor de Educação Física no Estado. Posteriormente, como concursado, passei a ser diretor de escola estadual, onde eu me aposentei, compulsoriamente, por idade (70 anos).

E qual foi a receptividade dos estudantes, dos alunos, quanto à realização desses jogos, como que os estudantes recebiam, como eles viam essa participação nos jogos?

Eu sempre acreditei, e via o entusiasmo dos escolares, então era uma alegria fantástica. Edson você vai ter a oportunidade, eu tenho dois álbuns, porque eu sempre tive no Ginásio de Esportes impresso álbuns fotográficos, álbuns de recortes, eu tive *milhões* de, *de milhões* desses relatórios guardados no Ginásio de Esportes que eles deram sumiço. Desculpa falar a verdade, mas deram sumiço, eu só consegui reaver dois álbuns dos jogos dos Grupos Escolares, fora algumas coisas que eu tenho comigo em casa. Então, era uma alegria total da criançada, durante as disputas, durante as confraternizações, e principalmente ainda durante os desfiles, durante as festividades. E a criançada quando se vê incentivada, se vê apoiada é uma coisa “bárbara”. Eu fui diretor durante três anos, 1993, 1994 e 1995 diretor da Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus Escolástica Rosa de Almeida, da vila haro, era a única escola estadual que tinha uniforme pronto, agasalho próprio, que foi escolhido pelos próprios alunos. Era a única escola estadual que

desfilava no centro de Sorocaba no aniversário de Sorocaba, no sete de setembro. Eu tinha 1300 alunos e posso dizer que nesses três anos eu não tive caso, problema com “um aluno sequer”, “um aluno sequer”. Eu conseguia resolver todos os casos. Meu horário de trabalho na escola era de manhã e de tarde, eu acabava indo de manhã e de tarde, sábado, domingo e feriado, eu era escravo da escola, mas eu compensei, acredito ter compensado, ter satisfação proporcionada pela escola, pelos alunos e tenho orgulho de ter sido diretor dessa escola sem ter problema com um aluno sequer, durante três anos que eu convivi com 1300 escolares.

Para os professores que participavam desses jogos, o que o senhor poderia dizer do que representou para eles a realização dessas competições escolares?

Os diretores das escolas, parece incrível, eles me disseram: campineiro você está louco! Você vai movimentar essas escolas, os diretores, vão ser totalmente contrários a essa realização. Foram fantásticos os diretores, você pode fazer um pensamento assim: escolas Padilha, “Estadão”, Vila Angélica, Visconde. Todas as escolas estavam presentes, todas as escolas, diretores, foi uma confraternização fantástica. Conseguimos fazer ver aos diretores, o benefício que isso iria representar. Não sei se hoje os diretores das escolas de primeira a quarta séries iriam receber isso, mas, se conscientizarem eles, se falarem com eles, se explicarem direito, e eu acho que tudo vai do diálogo, da explanação e de por eles ao par de que isso representa informação da integração de outros escolares.

O que representou especificamente esses jogos para o senhor?

Os jogos? Até hoje representou e representa, eu encontro até hoje muita gente que tem a idade não muito diferente da minha não, e que hoje fala: “Campineiro” eu joguei nos jogos, nos seus jogos escolares e para mim é uma satisfação grande, eu joguei isso , eu joguei aquilo, joguei aquilo outro. A minha filha tem hoje mais de 50 anos e participou dos Jogos dos Grupos Escolares. Então, é uma satisfação de encontrar gente, até hoje, que participou dos jogos dos Grupos Escolares, isso gera uma lembrança muito grande, uma valorização de que valeu a pena porque foi a integração, foi a educação que esteve ligada aos jovens. Já foi comprovado que já naquele tempo se tivesse tido seqüência, assim desde tempos anteriores: os jogos só benefícios trazem. Hoje eu já escrevi para o Chalita, como secretario da Educação, e não tive resposta: criticando a maneira como é hoje realizada a Educação Física nas escolas. A Educação Física hoje é realizada na mesmo período (não sei se o professor Edson esta de acordo comigo), que é realizada a Matemática, o Português, a Ciências. Termina a aula de Português, entra a aula de Educação Física, depois começa a aula de Matemática, o aluno esta com a mesma vestimenta, está de sapato, está de calça jeans ou outra coisa. Faz a Educação Física, e depois vai à aula de Matemática, nem se recupera direito, nem vai tomar banho, nem nada. Vai para a quadra, masculino e feminino, tudo junto. Não dá tempo nenhum, mesmo que o professor tenha boa vontade de querer fazer uma aula de Educação Física correta, produtiva: não há tempo, não há tempo e não há condições, nem para o aluno e nem para o professor. Escrevi isso para o Chalita, que está errado a maneira que é feita a Educação Física, e não obtive resposta nenhuma. Antes era feita (a aula de Educação Física) em período diferente, hoje, justifica que foi aumentado o número de matérias, que o aluno tem que trabalhar. Eu não sei como pode ser resolvido isso, mas que não está certo em prol da Educação Física, em prol do estudo, em prol da integração escola-professor, escola-aluno, em prol do esporte lazer, não está certo. Algo tem que ser feito, tem que ser corrigido, eu escrevi para ele (Chalita), e ele disse que é muito democrático, e isso, e aquilo. E

coloquei mesmo como diretor, eu como professor de Educação Física na escola, eu fazia muitas coisas que ele ponderou colocar agora. Essas atividades de fim de semana, eu já fazia há muito tempo antes, esta escola de recuperação, eu já fazia há muito tempo antes. Então, mesmo que ele conteste, ache ruim de eu colocar algumas coisas lá (carta) que eu contestei, acho que está errado, ele devia, pelo menos acusar o recebimento das minhas ponderações.

Qual a relação que esses jogos escolares, essas competições escolares, tiveram nas suas práticas na Educação Física enquanto professor?

Os jogos escolares, eu como professor, foi fabuloso porque justamente consegui conquistar meus alunos, a participar dos jogos, a respeitar os adversários a se incentivarem, a terem gosto pela prática esportiva, a ver que na prática de educação física. Eles podem, e tem condições de executá-la e ir para um esporte ou outro. Posso ponderar aí o seguinte: eu sempre me entreguei especificamente ao basquetebol, mas eu defendo a prática de todos os esportes, eu acho que o pai da criança deve incentivar seus filhos a praticar todos os esportes. O aluno, o filho dele (pai) opte, se for o caso, para um, ou outro esporte, mas a seu critério, o praticante contumaz, o praticante efetivo futuramente, as que tenham oportunidades de amanhã ter condições de praticar os esportes de todas as modalidades em si. Outra coisa que eu acho um absurdo, que acontece em Sorocaba, nós temos mais de dezenas de centros esportivos, e não temos uma piscina, aliás, temos só no Centro Esportivo Pinheiros. Acho que nem esta sendo usada, é a coisa absurda, eu acho que a criança quando nasce além de aprender a andar, ela tem que aprender a nadar. Acho que todos os países do mundo mais adiantados, não tenham um habitante que não saiba nadar. No Brasil, eu acho que a maioria não sabe nadar, eu acho que é um absurdo não saber nadar. Aconteceu lá no norte, aquelas embarcações tiveram acidentes, e a maioria dos que estavam nas

embarcações acabaram morrendo, porque não sabiam nadar. Além de ser uma das realidades mais benéficas que pode existir para qualquer habitante, qualquer pessoa é a natação, que movimenta todo o corpo, todos os movimentos do corpo. É uma das práticas mais sadias que pode haver. Eu sou do basquetebol, mas sou obrigado a reconhecer, que a prática mais necessária, que pode ser benéfica para o corpo humano, é a natação. Mas não temos em todos os centros esportivos de Sorocaba uma piscina. Um dos secretários que nós tínhamos em Sorocaba, que é hoje ainda o secretário do Vitor Lippi (atual prefeito de Sorocaba), deu uma afirmação, uma vez que perguntaram para ele: porque Sorocaba não constroeu piscinas nos centros esportivos? “Porque Sorocaba não tem condições de manter um salva-vidas em cada piscina”. E isso é um absurdo dos absurdos.

Eu gostaria de saber quem que participava da organização dessas competições escolares, da qual o senhor fez parte naquele período?

Quem organizava os jogos era a Diretoria Municipal de Esportes, e nos convidávamos os diretores das escolas participantes, eles ficavam ciente de como era feito, como nós organizávamos. Eles opinavam, eles assistiam as organizações que nós estávamos fazendo. Então todo o cronograma, toda a organização, todo o regulamento, estavam sendo organizados com a consideração da parte deles. Então, eles preferiam deixar a nosso critério a organização, e davam a sua opinião favorável ou desfavorável, e para reorganizar não havia discordância. Então, era tudo organizado, consciente com a consideração da parte de todos os diretores e dos próprios professores de Educação Física, e das séries seguintes que se prontificavam a colaborar com os diretores.

Como o senhor falou, essas competições elas entraram pela década de 60 e chegaram até o período de 64?

Até 1968 depois em 1969 eu fui desligado do Ginásio de Esportes, então eles cancelaram tudo isso aí porque isso estava acabado.

Essas competições elas passaram a existir durante a década de 60?

Eles cancelaram tudo.

A partir de 59?

Depois quando eu saí de lá, e só continuaram com campeonato varzeano que era tradicional, e com o torneio de futebol de salão Cruzeiro do Sul que dava Ibope, que dava dinheiro.

Agora uma pergunta específica. Como que o senhor interpretou a instalação do regime autoritário a partir de abril de 64, ou conhecido como golpe militar de 64?

Todo mundo achou, o próprio nome esta falando, era uma decisão autoritária, em que não foi recebida condignamente, porque tudo que é autoritário, eu sei porque vivi na própria carne dessas decisões autoritárias, eu me oponho. Fui destituído do Ginásio de Esportes coisa que não poderia acontecer porque meu cargo era lá, como diretor da Diretoria Municipal de Esportes, isso constava lá. Eu poderia recorrer judicialmente, mas achei que não deveria fazer porque, eu estava

num lugar contra a vontade do executivo. Então eu entraria em choque. Tudo acabaria não rendendo suficientemente bem, uma atividade contra-gosto da autoridade superior.

Durante o regime militar, havia a percepção de que as competições escolares poderiam estar sendo usadas como instrumento de manipulação política do governo autoritário, que se instalara no país como um todo?

O governo autoritário procurou de todas as formas estar inbuído de todas as atividades, então havia aquela revolta de maneira geral contra o que eles estavam realizando, é uma coisa que deixava assim: desgostoso todo mundo. E quando houve o regime militar, todas as atividades, em qualquer ramo, em qualquer setor estavam para mais cedo ou mais tarde, ocasionar uma revolta popular ou política. Acontecendo na volta daquela manifestação, que aconteceu lá no vale do Anhangabaú, com as eleições Diretas Já.

E qual foi a percepção, em função da existência dessa manipulação, qual foi a reação dos professores frente ao regime militar, naquele período a partir de 64?

Os professores, sempre no caso brasileiro, justamente, a gente fala que o brasileiro é revoltado, mas não chega a uma revolução, meio assim, meio que não chega ao êxtase, se fosse outro país já partia para revolução total. A gente vê nos outros países aí o quebra-quebra ou levante, já partem para ignorância, mas o brasileiro é mais dividido, temeroso. Ele se revolta, mas não leva as coisas para o desiderato final, então foi uma revolta que foi se concretizando pouco a pouco, unindo-se todos os partidos, e foi possível estar se concretizando a eleição de Tancredo Neves. E então, aquela fatídica morte do presidente eleito que não chegou a assumir.

Então naquele momento em 64, não existia de uma maneira organizada uma possibilidade de resistência, ao regime, por parte dos professores?

Não tinha, justamente, havia muita divisão, então não houve uma concretização que pudesse impedir aquela ditadura, que se concretizasse, porque as forças vigentes estavam muito divididas, então com a divisão a coisa fica difícil de organizar. O Brasil tem a vantagem, e em parte desvantagem: é um país muito grande, então é difícil acontecer uma união, era muito longo o entendimento entre uma parte e outra. Esses dias, esses dias não, ontem, houve o julgamento daquela mãe americana morta lá no Pará (Doroty Stang), e os criminosos foram condenados e os comandantes também vão ser julgados e certamente serão condenados, eles foram condenados porque? Porque aquela representante americana é duma nação, muito conhecida muito destacada, então chamou a atenção do mundo todo, e os seus criminosos, os seus mandantes puderam ser identificados, e serão certamente condenados, integralmente. Nós da Faculdade de Educação Física de Sorocaba, nós tivemos dois companheiros, um casal, que estiveram lá no Pará também, naquela oportunidade em que nós formamos, eles também foram adquirentes de um terreno lá no Pará. Foram crucificados, foram sacrificados da mesma maneira, foram jogados em um poço, foram mortos cruelmente. E até hoje, nada foi estabelecido, quem foram os mandantes, quem foram os criminosos, porque eram dois desconhecidos de Sorocaba, dois simples professores de Educação Física de Sorocaba. Se fossem umas pessoas conhecidas de outros países, de países como o da América do Norte, o caso seria certamente elucidado.

As suas últimas considerações a respeito das competições, suas considerações finais.

Minha consideração final, é que eu estou fazendo, estou arregimentando um livro sobre a *época de ouro* do basquetebol feminino, especialmente de Sorocaba, a participação de equipes, com o seu crescimento, as suas glórias, suas vitórias. E lembrando uma passagem rápida pelo basquetebol de Piracicaba e São Bernardo do Campo, então estou organizando um livro com umas pinceladas que dizem respeito ao Clube Atlético Votorantim, que Sorocaba para disputar competições oficiais tinha que o fazer em nome de uma agremiação. Então, foi definido o Clube Atlético de Votorantim, que naquele tempo, Votorantim pertencia a Sorocaba, de como eram as competições, não eram de campeonatos oficiais, eram de Jogos Abertos do Interior, Jogos Regionais. Nós disputávamos em nome de Sorocaba. Então estou arregimentando esse livro, e certamente, eu pedi esse patrocínio inicial para ser feito por intermédio das organizações consideradas a maior: o Grupo Votorantim, mas eles nos disseram que só o fazem em sentido de formação profissional, e espero que consiga obter o apoio da FUNDEC de Sorocaba, para realizar esse livro. Com esse livro, eu pretendo concretizar o meu objetivo maior, para servir de base para o trabalho que eu pretendo fazer junto ao Ministério de Esportes, e mesmo ao Comitê Olímpico Brasileiro, para que nós tenhamos, dentro do esporte brasileiro em geral, um incentivo maior. Não apenas a formação de um grupo de atletas, mas que tenha uma prática esportiva, do esporte de maneira geral: a todas as crianças, todos os adolescentes, mas que seja uma prática geral não apenas para selecionar os melhores. Os melhores serão selecionados, mas que todo mundo tenha a aprendizagem, quer do basquetebol, quer da natação, quer do voleibol, quer do handebol, mas que todo tenha aprendizagem “para valer”. Os professores que forem ministrar essas aulas também tenham vontade, gabarito, tenham o conhecimento, também para ministrar essas aulas, com toda eficiência, com todo setor de gabarito psicológico, para incentivar os praticantes. Quando a gente for assistir, os jogos da seleção brasileira de basquete, de vôlei, tudo, aquelas centenas de pessoas assistindo os jogos, aqueles que tiverem na arquibancada, sejam pessoas com

competências, para desenvolver, não com a mesma qualidade daquele que esta na quadra, mas com competência de dizer “eu também sou capaz de fazer”. Não de cem por cento, mas pelo menos 40, 30, 20 % , do que os que estão realizando na quadra. Eu fico até meio desajeitado quando eu vejo as competições sendo realizadas na China, na Alemanha, quando tem competição de alguma modalidade, ou de ginástica olímpica, ou de outra modalidade. Nos intervalos dessas competições, eles apresentam 100, 200, 300, 400 atletas fazendo não com a mesma competência dos que vão se apresentar, mas fazendo uma demonstração quase que total, um gabarito de demonstração coletiva, e todos aqueles movimentos que vão ser apresentados pelos artistas principais. Aquela demonstração coletiva que encanta, que dá um show, para quem vai assistir. Nós não vemos isso da parte das nossas competições. São quase todos, os habitantes daqueles países orientados, são capacitados a realizar aqueles movimentos, que eles aprendem desde a escola. Nós temos as Olimpíadas, o Brasil tem 180 milhões de habitantes, cuba tem 30 milhões, chega no resultado da competição, o Brasil consegue cinco medalhas de ouro, cuba tem trinta, então o que isso significa? O Brasil vai disputar as Olimpíadas, o Brasil tem técnico para competição de basquete, de voleibol, o resto vem tudo de fora. O Brasil não tem técnicos de todas as modalidades. Temos a USP que forma *milhões* de coisas, a USP não forma técnico para nada, os técnicos de futebol que nós temos não são formados na USP, os técnicos de voleibol que nós temos não são formado na USP, os técnicos de basquetebol não são formados na USP, eles se formaram da experiência que eles tiveram das atividades próprias. Na própria USP não tem. Então, nós temos que formar qualitativa e quantitativamente, não só atletas, mas também os professores. Nós temos que nos unir, e não só o camarada achar que ele é bom, todo mundo tem que ser bom, e assim nós teremos, futuramente, a quantidade e a qualidade para todo mundo ser atleta, aí sim você não precisar peneirar nada, você vai peneirar futuramente. Se você tem 10 milhões de praticantes, é lógico que você vai tirar depois, é muito mais fácil tirar dez dali, do que

você ficar treinando 10, 10, 10. Amanha você perde 1, 2, 3, machucado e você não tem mais jogador. O Ronaldinho gaúcho é o melhor jogador do mundo, e se o Ronaldinho, hoje se machucar, vamos precisar dele no campeonato mundial, no estamos “roubados”. Quem vai substituir o Ronaldinho gaúcho? Eu acho que é difícil arrumar um substituto para o Ronaldinho gaúcho. O Ronaldo (Fenômeno) também, o Ronaldo é uma porcelana, encosta nele e ele está quebrado. Nós precisamos de quantidade, nós temos que ter todo mundo fazendo esportes, de maneira geral, que é benéfico para o corpo, benéfico para a mente e benéfico para o país. É como eu sempre digo: quem pratica esporte não vai dar trabalho, quem pratica esporte vai ser, certamente, um bom cidadão do futuro.

Muito obrigado professor.

Segunda entrevista

Entrevista realizada com o professor Otto Wey Neto

A entrevista foi realizada em 09 de março de 2006. Ele atuou como professor, diretor de escola, radialista e secretário de município, entre outras atividades.

Professor Otto, o que o Sr. sabe a respeito de das primeiras competições esportivas ocorridas em Sorocaba?

Em 14 de novembro de 1948 eu era vice-diretor do Getulio Vargas, eu comecei lá como professor de didática e entrei no Getulio Vargas em 1945, e logo depois em 1948, começo de 1948, eu fui para vice-diretor. Nas escolas de Sorocaba existiam boas equipes principalmente de basquete, que já estavam começando, então existiam algumas competições de atletismo, de natação, de basquete, de voleibol. Existia no Estadão, era ginásio do Estado, doutor Júlio Prestes, acho que nem era doutor Julio Prestes de Albuquerque em 1948, o nome parece que veio depois. Existia lá um professor chamado Hélio Ítalo Serafino, o Hélio Serafino, era “entusiasta” pelo esporte. Sabendo que eu também gostava disso, que eu nasci numa quadra de esportes na rua Doutor Braguinha, lá era o Clube Atlético do Juventus, e meu pai é fundador do Juventus. Então ele falou: vamos fazer uma Olimpíada Estudantil e nós “bolamos” uma Olimpíada Estudantil. Fizemos algumas com o nome de Olimpíada, depois nós soubemos, que não podia colocar o nome de Olimpíada, era um nome privativo dos Jogos Olímpicos. Então nós mudamos para Campeonato Estudantil, depois foram outros nomes. No começo algumas delas, eu tenho aqui algumas datas: em 1948, 11 de novembro de 1948 foi a primeira Olimpíada Estudantil, na somatória dos pontos das diversas modalidades quem ganhou foi o Colégio Estadual. Depois em

1949 foi realizado a segunda Olimpíada, eu só tenho aqui o basquete. Em 1952 foi realizada a quinta Olimpíada Estudantil, eu não tenho os outros resultados, o campeão foi o colégio Ciências e Letras. E em 1953 foi realizada a sexta Olimpíada, e também foi o Ciências e Letras que ganhou. Agora eu tenho aqui, por exemplo, o resultado da Olimpíada Estudantil Sorocabana, do Jornal Cruzeiro do Sul, esse de 1953, aqui estão os resultados do atletismo, e apareceram bons “elementos”. Depois que eu fui lá pra Secretaria da Educação, do prefeito Armando Panunzio, fui secretário da educação dele durante 9 anos, e 2 anos do prefeito Crespo, depois 8 anos do prefeito Panunzio, depois 2 anos do prefeito Dr. Pitico. Então, eu saí da escola, eu fiquei mais na parte burocrática, na parte administrativa, e lá a gente não tinha condições de estar realizando coisas, se bem que ainda ajudei muito nos esporte. Eu acho que o grande propulsor do esporte estudantil sorocabano foi um grêmio que existiu no “Estadão”, o Grêmio Varnhagem. O Grêmio Varnhagem foi que trabalhou bastante pelo esporte, e o Edésio Del Santoro que estava se formando na Escola Normal Municipal, Escola Normal Livre, nem era Getulio Vargas ainda, e que era um grande craque, que tinha uma irmã que jogava basquete naquela ocasião, depois teve outra, a Milu casou-se com o doutor Antonio Moreira, a Teodolinda Del Santoro. Então o Edésio pegou essa turma para treinar basquete, e conseguiu fazer um trabalho muito bom de treinamento com a sua equipe, tanto assim que ele disputou o campeonato do interior, Grêmio Varnhagem, que era Sorocaba, mas tinha que ser um clube (na disputa). Ele disputou e ficou campeão com essa equipe, ganhou de um monte, eu tava fazendo agora uma resenha...

Então, já existiam competições entre cidades em nível escolar nesse período?

Entre cidades não, mas aqui na cidade bastante, podia ter um jogo amistoso, uma equipe daqui que foi jogar em Itapetininga, em Piedade, isso acontecia muito, e Votorantim era Sorocaba. Mas

competição organizada começou com a Olimpíada Estudantil, agora o importante disso é que em 1949, aproveitando-se dessas revelações, aí é o caso da Jane, da Genésia, da Ritinha, da Moreto, então aproveitando, a Hélia que era do “Estadão”, o “Campineiro” que jogava na seleção masculina, começou a treinar, o que ele chamou de “minhoquinhas”. Eram as meninas que estavam começando no basquete, então a Olimpíada Estudantil, serviu realmente de mola, de impulso, para essa equipe feminina. Apareceram muitas jogadoras, na escola do Industrial revelou duas irmãs a Cida e a Margarida, excelentes, e por sinal eu to querendo saber a sobrenome delas, eu não tenho ainda, preciso descobrir isso. Bom, aí depois aconteceu algo muito interessante, o “Campineiro” foi nomeado pela prefeitura, como chefe do Serviço Municipal de Esportes, não era divisão ainda, era serviço, tanto que a grande mágoa do “Campineiro” era que não transformavam aquilo em divisão. Foi transformada depois até em secretaria, agora tem Secretaria de Esporte. Naquela altura o “Campineiro” queria dar um impulso para o esporte de Sorocaba, ele criou várias competições de modalidades, e deu para cada órgão de divulgação de Sorocaba. O Cruzeiro do Sul, ficou com o futebol de salão, a Rádio Cacique ficou com os Jogos Escolares, a Rádio Cacique que chegou a fazer alguns Jogos Escolares. O Cruzeiro do Sul, o futebol de salão está até hoje no Cruzeiro do Sul, desde aquela época, foi a única que perdurou até hoje. A Folha Popular ficou com os torneios de trios de basquete, a Rádio Vanguarda, ficou se eu não me engano, com voleibol, e a Rádio Cacique com o infantil. Quem mais? Eu sei mesmo que ele dividiu (os eventos).

E o ciclismo, corrida?

Ciclismo ficou com o Diário de Sorocaba.

Natação tinha também?

Não natação ele não fez, ciclismo ele deixou para o Diário de Sorocaba que, aliás, todas essas entidades de comunicação, chegaram fazer alguns eventos desses, o vôlei a Rádio Vanguarda fez alguns torneios de vôlei, o ciclismo o Diário de Sorocaba fez alguma provas.

Corrida de pedestre teve também?

A corrida pedestre não foi dessa safra do “Campineiro”. Agora, o meu livro eu pretendia lançar agora, mas, não vai dar tempo, eu pretendia a lançar até 2, 3 de abril, não vai dar tempo, vou ter que lançar mais no fim do ano, eu queria lançar pela LINC (lei de incentivo à cultura da prefeitura municipal de Sorocaba), a LINC me dava...

Mas tem um prazo para entregar?

É, mas tem um prazo para entregar os originais, eu não tenho originais, até dia 3 de abril, então menos de um mês, eu estou aqui ainda com um monte de coisas para escrever. Então eu sei que foi pena! Esses Jogos Infantis, da Rádio Cacique, a Cacique fez bonito nesses jogos, eu to falando neles, porque você esta falando nos Jogos Escolares, aliás, chamaram esses jogos de escolares. Você deve encontrar lá na Rádio Cacique. Eu vou ter um capítulo neste livro, nem comecei ainda, sobre esportes estudantis, estou juntando material para poder depois escrever.

Professor qual foi a sua relação profissional, com a criação dos primeiros Jogos Escolares, em Sorocaba, ou alguns desses jogos?

A minha relação era com a Olimpíada Estudantil sorocabana, diretamente.

Através do Getulio Vargas?

Eu e o Helio Serafino, íamos à quadra, escalávamos Juiz, fazíamos tudo, fazíamos o certame inteirinho. Já nos do “Campineiro” eu não tive participação, porque era do Serviço Municipal de Esportes, tinha gente que fazia, ele fazia lá.

Nesse período o senhor se recorda quais modalidades eram disputadas nesses jogos que o senhor teve uma direta relação?

Nesses jogos eles disputavam, basquete, futebol, como sempre a minha ganhava (Getulio Vargas). Futebol, basquete masculino, basquete feminino, assim que a Genésia jogava para o “Estadão”...não sei se era do Estadão ou do Ciências e Letras. A Jane era da OSE, a Hélia era do “Estadão”, a Moreto do Estadão, a Ritinha era do “Estadão”. E... que mais... basquete masculino, basquete feminino, atletismo.

O voleibol existia?

O voleibol, muito fraquinho, mas tinha. Essa semana eu consegui identificar essa equipe de voleibol (neste momento o professor Otto me mostra uma foto de uma equipe de voleibol feminino). Era uma seleção de Sorocaba, que foi disputar os Jogos Abertos do Interior em 1955, em Piracicaba, eu não tinha o nome de nenhuma. E a eu trouxe essa moreninha aqui (neste

momento o professor Otto aponta para uma das jogadoras existentes na antiga foto), eu lembrei dela que me informaram, eu estava atrás dela, e ela veio essa semana aqui em casa. É a Terezinha Cafundó, aí ela identificou para mim quase todas, quando ela identificou uma aqui que foi minha secretária, na secretária de educação, a Lais. Ela “matou” (identificou) o restante.

Neste período, já existiam turmas específicas de treinamento?

Não, o treinamento havia, mas eram “curiosos”, pois essa turma que foi para Santos em 1941 (refere-se a uma foto que mostra uma equipe de voleibol feminino que participou de jogos intercolégiais em Santos), que eu falei que não jogava nada, só duas que sabiam jogar, Amelinha Castanheiro que morreu há um mês atrás, e a Elzinha Barreiro, que mudou de Sorocaba, e eu não sei onde está. Quem treinava essa turma era dona Guiomar Novaes, professora de trabalhos manuais, não tinha professores de Educação Física. O Estadão começou a vir com a Educação Física, aí veio o Amaral, não sei se você lembra do Ribas. O Ribas era um baixinho, professor de Educação Física, o Amaral foi “entusiasta”, eu tenho até uma fotografia dele aí desfilando nos Jogos Abertos do Interior. No Estadão que começou, e o Getulio Vargas que era municipal e que tinha, foi meu técnico lá um tempo o Nilton Petroni. O Nilton sabia basquete, vôlei. Nas outras escolas todas elas tinham um professor de Educação Física, mas na época a Educação Física estava começando. O professor de Educação Física nem entrava nas salas de professores, não tinha uma participação, no entanto foi a Educação Física, que abriu as portas para as reivindicações na escola. Precisava de qualquer coisa, era o professor de Educação Física que ia fazer.

Como foi a receptividade dos estudantes em relação a esses eventos?

Ah, foi boa, foi boa, todos eles gostaram, gostaram e continuaram depois, participaram da primeira e continuaram na segunda, na terceira, na quarta, enquanto teve olimpíadas eles estavam na escola, então participaram. A Genésia ela mesmo foi revelada pela Olimpíada Estudantil sorocabana, e era uma craque de bola (basquetebol), ela jogava armando, ela era armadora, mas também fazia ala, mas as alas da seleção de Sorocaba. Quem armava era a Jane, Genésia, depois veio a Maria Helena Cardoso, veio para cá também, que o “Campineiro” trouxe, mas a Jane, é bom falar das sorocabanas mesmo, a Ritinha era ala, Hélia era ala, a Negrete era ala, pivô tinha a Cidão, tinha a Moreto, essas faziam o pivô. Naquele tempo o basquete tinha 2 alas, 1 pivô e duas defesas, hoje não, hoje marca tudo correndo, cada um..., ou é marcação individual ou então dentro da zona eles fazem individual.

E para os professores da época, o senhor tem idéia do que representou para eles, mesmo os que colaboraram?

Vamos dizer o seguinte, existiam os professores que se entusiasmavam com a idéia: pegaram, vestiam a camisa dessas competições, porque gostavam disso, eram professores realmente com vocação. E tinha professor que não queria muito, não queria nada com nada, porque era trabalho. Na hora que o professor tem que ir à noite, numa quadra, para dirigir um time de basquete, “que ele deve ter treinado antes”, ele deve ter ido à quadra, então ele vai dirigir fora do horário, tem essas coisas todas, implicam, mas foi positivo, eu vejo como muito positivo.

Para o senhor o que representou esses Jogos Escolares, já que o senhor vivenciou?

Na olimpíada estudantil, eu acho que ela foi, a mola propulsora para o esporte de Sorocaba, ela começou como estudantil, mas acabou fornecendo “elementos” para a escolha (refere-se à formação de equipes de representação da cidade de Sorocaba). Lamentavelmente não tivemos os universitários, porque os universitários teriam um plantel maravilhoso, até porque teve duas olimpíadas, dois jogos aqui chamados FILOMED, filosofia e medicina, que apresentou resultados excelentes. A seleção de Sorocaba de atletismo nasceu dos universitários, eu estou com alguns recordes aqui, o Euro de Oliveira Mello, o Euro (direito) o recorde sorocabano de 100 metros é dele ainda 11 segundos cravados, o Dimas Aguiar Cintra da medicina, 1,90 em altura, esta certo que hoje uma mulher salta mais do que isso...E outra coisa, não temos pista, Sorocaba não tem pista de atletismo, então o recorde parou. O Rui Amparo que depois se formou médico, o Rui Amparo é o maior impulso que eu vi até hoje, porque ele saltava a altura com a tesoura, hoje não, hoje se salta de costas, hoje se salta de peito. O Rui de Amparo era o recordista sorocabano de salto triplo, parado, parava no tempo.

Das organizações, quais eram as pessoas que participaram?

Tudo voluntário, quando eu trabalhei no SESI, de 1950 até 1984, organizando competições esportivas, eu tinha uma equipe que trabalhava para mim. Nenhum era funcionário do SESI, mas na hora que eu precisava, eu ligava para um e para outro. E aqui nós tivemos muitos abnegados em Sorocaba. Eu estou fazendo, levantando a travessia de Sorocaba a nado, no tempo que o nosso rio permitia. Foram feitas 13 travessias, só não teve uma em 1964, mas a outras todas realizadas, e era o Orlando Pereira que fazia isso e não ganhava nada.

A partir de 1964 esses jogos continuaram no mesmo ritmo?

Eu acho que caiu bem, eu acho que não teve uma competição estruturada para isso, não teve, o que é lamentável, pode até que seja que eu esteja falando de uma coisa errada, existem ainda umas competições se eu não me engano, do Estado.

Era Campeonato Colegial de Esportes...

O próprio DEFE, do Departamento de Educação Física e Esportes, o próprio DEFE estimula isto ainda é a secretaria do Estado.

Tem uma parceria agora, Estado e prefeitura...

Ainda tem uma porção de coisas...Inclusive você que esta fazendo mestrado, há uma controvérsia, em termos de esporte competitivo para criança, até hoje se discute, que a criança não devia sofrer o stress da competição, da vitória. Na hora que você “bota” um moleque na pista de atletismo, numa baliza de natação, você ta querendo que ele ganhe, e ele sobe lá pra ganhar, então ele treme. Eu tive um sobrinho, que hoje é médico, que ficava urinando na calça, nervosismo da competição. Ganhava, ganhava todas, mas ficava com medo de perder. Você tem amizade com o Dado (professor Carlos Eduardo Walter)? O Dado defende, inclusive trouxe um professor aí para discutir esta matéria...

José Elias Proença da USP?

Não, teve um outro aí, ele também esteve...E defende essa tese que o esporte tem que ser recreação pra criança.

Depois de uma certa idade de 14 anos para cima, eles já têm noção de que aquilo é uma competição. E ele foi educado para competir, porque o importante não é vencer, o importante é competir, competir bem.

Como o recorde temporário 1964, eu gostaria de saber do senhor, como o senhor interpretou a instalação de regime militar a partir de abril de 1964, o regime político do país?

Eu acho que está faltando para o governo, todos os governos, não estou falando deste ou daquele, um pouco mais de investimento esportivo eu acho que deviam investir mais, eles dão verbas às vezes a uma porção de atividades. Sorocaba não tem pista, por que? Se pedir um terreno para o prefeito, ele tem que arrumar um terreno para fazer uma pista, aliás, eu quando fui secretário, o CIC (estádio municipal de futebol) era para ser uma pista. O São Bento entrou na divisão especial, falaram que o campo era pequeno, cortaram a pista. Depois o São Bento caiu, agora o São Bento voltou e quase está caindo de novo.

Havia a percepção de que os Jogos Escolares, os eventos escolares, poderiam estar sendo utilizado, como instrumento de manipulação política, a partir do governo de 1964, aquele governo instalado?

Manipulação política, político sempre manipula tanto que eu sou contrário a político no esporte, eu acho que o esporte pode tirar proveito da política, e fazer com que, o governo politicamente,

invista em termos esportivos. Agora esse negócio de dar calção, dar medalha, dar bola, dar uniforme, e vem cobrar isso depois na véspera da eleição, isso é lamentável, eu sou contra isso, eu acho que quem quer ajudar ajuda, independente de retorno político. Infelizmente tem muito político fazendo isso, que jamais foram esportistas, mas acham que (...), então você vê presidentes de clubes que nunca viram a cor de bola nenhuma, mas querem ser presidentes principalmente de time que esta ganhando.

Mas a partir de 1964 as pessoas que estavam dirigindo o país, havia uma percepção que eles incentivaram o esporte escolar de alguma maneira?

Eu acho que a partir de 1964 o problema que o Brasil viveu foi estritamente político, não havia uma programação de esporte escolar, não havia, se houve algum investimento nessa área, foi casual, não foi nada de planejamento “vamos planejar o esporte escolar”, nada, não houve. Eu acho que o planejamento começa com a instalação, por exemplo, agora o governo quis fazer uma pista de atletismo de alto nível. Fez, em Belém do Pará quando tem um evento internacional, é em Belém do Pará, agora o atleta não esta em Belém do Pará. Não estou diminuindo os paraenses, é que a evolução esportiva nesses estados não foi a mesma, que no sul. Então você pega, por exemplo, os arremessadores de dardo do Sul, os grandes arremessadores de dardos são do Rio Grande do Sul, martelo, peso. Nós tivemos aqui em Itu um rapaz que por sinal já faleceu, o Ulisses Bordini, um velocista, ele saltava a 7,30 metros – 7,50 metros na extensão. Era um homem para estar na seleção brasileira, mas a pista não estava aqui. Sorocaba não tem pista, será que não tem atleta? Tem atleta, o problema é dar condições para que esse atleta pratique o esporte dele, eu fiz atletismo no Scarpa! Mas depois o Scarpa loteou aquilo, por necessidade, eu não estou criticando, a situação muda. Hoje aquela pista do Scarpa está lá com MC Donald's, a

piscina olímpica eles taparam, iam fazer uma piscina olímpica, eu tenho uma fotografia da construção da piscina olímpica, a piscina olímpica não saiu. Faltava o azulejo piscina e a situação mudou. Eu joguei basquete na quadra do Scarpa, eu tinha um time de basquete aqui no meu tempo em 1949. Chamava Espéria por causa do Espéria de São Paulo: nós fizemos o Espéria daqui. Era tudo aluno do Estádio. Eu era o pivô, o Rabelo jogava bem, Rabelo faleceu, era tenente - coronel do exército, Querubim Rosa, chegou a ser ministro da aeronáutica, tem uma turma que cresceu! Eu não sou contra em fazer uma pista em Belém do Pará, mas você vê que há pouco tempo teve um meeting em Belém do Pará. O povo não vai? Vai, estava lotado o Estádio lá, mas 80% não sabiam o que era o salto em altura, o que o salto triplo. O que tem um salto que ele deu uma pisada e já voa, e outro tem que dar três passos, quer dizer, essas situações todas, que São Paulo está melhor para isso. Agora estão equipando o Rio de Janeiro, para os Jogos Panamericanos, tomara que equipem. São Paulo foi reformado agora a pista do Ibirapuera, já fizeram um piso novo, não é bem tartam (tipo de piso emborrachado) é um produto novo.

.

Considerações finais

Eu acho o seguinte, eu sou conselheiro do Monteiro Lobato, ta lá o Pedro que é diretor, e nós estamos fazendo um ginásio com a “cara e a coragem”. Fazendo um ginásio bonito, ainda agora nos estamos (...) O ginásio já esta coberto as paredes já estão feitas, as arquibancadas (...) Nós vamos começar a pensar no piso, estamos nessa fase, para fazer o piso, nó temos que chumbar as buchas. Então eu estou estudando com o Pedrinho uma bucha, aonde irão as paralelas assimétricas, paralelas comuns para salto, para trave de equilíbrio, para cavalo, para argola, temos que ver isso, onde vai ficar. Agora nós já estamos chegando nesse ponto aí, ele está fazendo uma equipe de atletismo. Outro dia uma menina saltou 4,30 metros, menina, filha de pessoas

humildes, ali da vizinhança, uma menina de futuro, 4,30 metros, ela tem professor de Educação Física que são estagiário de faculdades, os estagiários da faculdade, e que estão dando uma mão lá.

Muito obrigado professor.

Terceira entrevista

Entrevista realizada em 10 de junho de 2006 com o professor José Carlos de Almeida

Professor JCA qual foi a sua formação e atividade profissional inicial?

Eu sou natural e resido em Sorocaba, brasileiro, casado, tenho três filhos, ano que vem completo cinqüenta anos de casado. Eu me formei em Educação Física pela Universidade de São Paulo em 1949, na época eu pertencia à equipe de remo da universidade. O primeiro lugar que eu lecionei foi em 1949, antes da formatura, na Associação Cristã de Moços (ACM) de São Paulo, e no “Estado” foi em 1950, na cidade de Nova Granada. Depois em 1953 eu prestei concurso e passei, tinha treze vagas e eu passei em 13º lugar e pude escolher. Escolhi a cidade de Xaporã. Fiquei em Xaporã um ano e pouco, e em 1954 eu voltei para Sorocaba, na época de férias e em 3 de março de 1954 eu já conhecia o pessoal, do Departamento de Educação Física. Eu fui nomeado, em três de março de 1954, delegado regional de Educação Física, só delegado de Educação Física, falo isso porque mudou a denominação ao longo do tempo. Em 1954 eu também lecionava na escola municipal “Getúlio Vargas”, onde fui nomeado. Também fui lecionar na faculdade de Administração em 1974. Eu estou aposentado da faculdade, agora Uniso. Nos últimos anos eu trabalhei no jurídico da prefeitura, porque durante dez anos eu fiquei à disposição do “Estado”, com prejuízo de vencimentos, mas sem prejuízo das vantagens do cargo. Fiquei mais alguns anos no jurídico porque me formei em Direito na primeira turma de Bragança Paulista, na primeira turma, e permaneci lá até quando me aposentei quando era prefeito o Paulo Mendes, em 1992. Eu gostava muito do que eu fazia na Delegacia de Esportes, muito, muito, tanto é que eu fiquei lá ininterruptamente durante trinta anos. Passei governos a partir do Garcês e o último governador que eu passei foi o Franco Montoro. Eu me aposentei do “Estado”, da Delegacia Regional de

Esportes em 1984. Depois desta aposentadoria em 1984, eu fui nomeado por mais quatro vezes, mas por períodos curtos, menores. Às vezes seis meses, às vezes um ano, às vezes um ano dois anos, porque não sei muito bem os meus antecessores não davam muito certo no cargo, então a Coordenadoria (de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo) achava por bem me chamar, me nomear, para dar um novo rumo. Eu dava um novo e depois eles não precisavam mais de mim e eu saía. Foi uma época de trinta anos que passaram rapidamente, foi uma época gostosa que tive muito contato com o povo, com autoridades, com a “rapaziada”, com muitos funcionários, enfim, foram boas as lembranças.

Qual era a função deste órgão que o Sr. dirigiu a partir de 1954?

Quando era Delegacia de Educação Física, naquela época era Inspetoria de Educação Física, por exemplo: Itapeva, Itapetininga, Tatuí, e outras cidades. Nós fiscalizávamos a Educação Física dentro das escolas, fossem particulares ou estaduais, mas alguns anos depois a Educação Física, que era disciplina, e que fazia parte integrante da educação, que faz parte até hoje, foi para a Secretaria da Educação. Então, o nosso ficou sendo Departamento de Educação Física e Esportes, porque depois criaram a Secretaria de Esportes e Turismo, então a delegacia ficou Delegacia Regional de Esportes e Turismo, mas eu só cuidava da Delegacia de Esportes.

Naquele momento a Delegacia Regional de Esportes já era responsável pela realização de competições escolares?

Já era, nesta época, desde que nós começamos no Departamento de Educação Física já existia o Colegial, fomos nós que implantamos na cidade e na região, o Campeonato Colegial de Esportes,

que lidava com todos os estabelecimentos de ensino. Tinham diversas modalidades: voleibol, bola ao cesto, atletismo, natação, etc.

Em 1954 já tinha com este nome Campeonato Colegial de Esportes?

Com este nome. Em 1951 eu lecionei substituindo por um ano no “Estadão”, havia esquecido deste detalhe! Foi quando, eu aprendi em 1949 o futebol de salão, e eu trouxe para Sorocaba em 1951. Na realidade fui eu que trouxe porque os alunos e a cidade desconheciam o que era o futebol de salão, então o primeiro jogo de futebol de salão que aconteceu em Sorocaba foi entre as crianças do “Estadão”.

Era através do Grêmio Varnhagem?

Não, o Grêmio Varnhagem tinha pouca repercussão dentro da escola nesta época, era meio apagado. Eu dava as aulas normais e introduzia coisas novas, dava ginástica e dava muito jogo. Uma das coisas que eu gostava muito para atrair os alunos, eu dava muitos prêmios, dava medalhas, introduzi diplomas que não existiam, diploma de honra ao mérito. A criançada gostava demais. Uma das coisas que também eu gostava nas aulas de Educação Física, quando iam escolher para fazer parte de turmas, eu fazia muito campeonato relâmpago, eu notava que os que não tinham muita aptidão, os gordinhos, que não gostavam de fazer nada, de tomar parte, eu notava que eles não eram escolhidos, quando eram escolhidos os capitães eles achavam ruim, então para eles também ganharem prêmio, eu fazia eles serem os capitães, eu chamava eles na frente, e eles escolhiam os demais Então, eu fazia com que todos da classe ganhassem prêmio, ganhassem medalha, diploma, deu resultado, eles gostavam.

Chama a atenção esta questão do Sr. ter falado de ter trazido o futebol de salão para Sorocaba, eu gostaria que o Sr. falasse mais a respeito disso.

Eu trouxe isto naturalmente porque em 1949, quando eu fui lecionar na ACM em São Paulo, aí em 1951 como eu tinha aprendido lá e gostava bastante, e que era um jogo realmente de salão, que naquela época jogavam sete de cada lado. Trouxe..., nem sabia que aqui não tinha. Veio de outros países e quem introduziu foi a ACM, e a criançada gostou, gostaram mais do futebol de salão do que jogar bola ao cesto, vôlei, etc. E de lá acho que foi expandindo, expandindo que eu nem observei isso. Eu sei que o primeiro jogo foi no “Estadão” em 1951, isso eu tenho certeza porque nunca ninguém tinha ouvido falar o que era futebol de salão...isto é histórico não é? [risos]

Qual foi a relação profissional do Sr., com os primeiros Jogos Escolares que esteve envolvido em Sorocaba?

Quando o Estado de São Paulo distribuiu em regiões administrativas, havia onze regiões administrativas, hoje são doze. A cidade principal da região tomava conta das demais, era implantada a sede regional. Nós aparecíamos porque nós trabalhávamos, e tínhamos um calendário esportivo feito em São Paulo, que eles nos mandavam. E fora as atividades na localidade, como por exemplo, os Jogos Intelectuais, Jogos entre as escolas municipais, Jogos entre as escolas particulares, nós seguíamos o calendário esportivo da Coordenadoria.

O que recomendava este calendário da Coordenadoria (de Esportes e recreação do Estado de São Paulo)?

O calendário recomendava o Campeonato Colegial, as visitas às escolas, a distribuição do material esportivo, que nós adorávamos fazer isso, e tinha os Jogos Regionais e os Jogos Abertos do Interior. As coisas mais importantes do calendário eram estas, que tomavam o ano todo. Uma das coisas que sempre me preocupou bastante, havia muito jogo, eles faziam muita fase, e eu tinha muito medo da criançada viajar de ônibus, viajar de trem, eu me sentia muito responsável, tinha medo que acontecesse alguma coisa, como realmente aconteceu, mas graças a Deus nunca de gravidade. Na época nós tínhamos muito problema de verba, muitas coisas eu fazia com o dinheiro do bolso “para não deixar a peteca cair”.

A partir de 1954, então, o Sr. já estava envolvido no Campeonato Colegial de Esportes e quais foram as modalidades?

No Campeonato Colegial de Esportes tinha vôlei, bola ao cesto, atletismo, natação, depois introduziram o futebol também.

Gostaria que o Sr. falasse sobre os relatórios que fazia.

Eu, em todos os anos de 1954 até 1984, quando eu fiquei na delegacia, tudo que era feito eu ia guardando durante o ano: relatórios, etc. E coisas que eu lembrava eu colocava, e fazia um relatório e encaminhava para a Coordenadoria, e depois a Coordenadoria conhecia e me devolvia. Eu devia ter quando me aposentei uns 27 ou 28 relatórios, muito bem encadernados, bem feitos.

E eu trouxe para minha casa e era uma pilha de relatórios, e resolvi doar para a biblioteca da Faculdade de Administração. Outras pessoas tentaram e não conseguiram localizar, qualquer dia eu vou lá e vou tentar localizar. É impossível terem perdido uma coisa dessas.

Gostaria de saber se havia outras competições?

Havia, uma das coisas que me preocupava muito, e tomei parte uma única vez e não quis mais tomar conta, eram os Jogos Universitários. Havia muita briga, principalmente os alunos da Engenharia e da Medicina, davam muito trabalho. Eu achava que não estava educando ninguém à nada, eles falavam “palavrão”, jogavam latas de bebida na quadra, brigavam demais. Era um horror! Então, eu nunca mais quis participar dos Jogos Universitários, e mesmo quando eu fui professor na Faculdade de Administração participei uma vez e não quis mais, porque era uma coisa horrível, num chegava a nada. Tanto é que os Jogos Universitários acabou por si! Agora, lidar com a criançada é uma delícia, uma gostosura, eu adoro. Principalmente a criançada da primeira e segunda série como era antes, que hoje é quinta e sexta série, era uma delícia! Naquela época eles participavam, perguntavam, etc. Hoje eu nem sei como é a escola, hoje dizem que brigam, dão no professor, negócio de louco! [risos]

Olha, Jogos Infantis dos Grupos Escolares de Sorocaba [referindo-se ao relatório anual das atividades do Departamento de Educação Física e Esportes / Delegacia de Sorocaba que tem em mãos]. Você vai encontrar aqui resultados, escolas que tomaram parte, esse aqui [o relatório] fica de presente para você.

Obrigado! Com relação à organização, como era a organização desses Jogos, quem participava com o Sr.?

Naquela época nós tínhamos poucos funcionários, às vezes nós arrumávamos voluntários. Quem trabalhava comigo era o Rubens Bodomila, a senhora do Alonso Garcia e o “Campineiro”. E nós fazíamos as chaves desses Jogos, etc. mandávamos para as escolas, fazíamos reunião com todas as escolas que participavam, fazíamos o sorteio e começávamos o campeonato. Uma das coisas que eu mais me irritava era do “Estado”, não ter o local apropriado dele, nós vivíamos de empréstimo. Empréstávamos o Ginásio de Esportes, as quadras das escolas. A única coisa que o “Estado” fazia era o calendário, dava os prêmios e dava as medalhas, e o material esportivo, mas o resto era: “no suor, no sangue, na fibra”.

Neste tempo havia turmas de treinamento voltadas para as competições?

Não, as turmas de treinamento foram criadas anos depois. Essas turmas foram criadas nos anos 1980, por aí.

Como eram selecionados os alunos?

Os professores que faziam a triagem, eles que apresentavam seus quadros, a criançada, isso era por conta deles. Mas eles se aprimoravam, eles eram gente boa, eles faziam de tudo, eles gostavam. Você vê que os professores, não só da Educação Física, mas de outras disciplinas, um dos meus sentimentos maiores é que eles sempre foram muito mal reconhecidos, foram muito mal remunerados.

Qual foi a receptividade dos estudantes com a realização a estas competições, do Campeonato Colegial de Esportes?

Ah! Eles gostavam muito, eles esperavam as datas, nós mandávamos os ofícios e eles mandavam as inscrições, e marcávamos as reuniões. Uma coisa que eu gostava muito de fazer era mudar os locais de reunião com os professores. Eu fazia reunião na faculdade, eu fazia no SESI, eu fazia no Sorocaba Clube, eu fazia no Gabinete de Leitura, eu ficava mudando, inclusive eles aproveitavam para conhecer também os locais. Eles gostavam...[risos]

Qual foi a receptividade dos professores com relação ao Campeonato Colegial de Esportes?

Olha, na época inclusive a Delegacia Regional de Ensino dava bastante apoio. Eles gostavam, os professores gostavam muito de viajar, de viajar com as crianças, e era o meu medo, mas a receptividade era boa! Tanto é que todos os anos, todas as escolas participavam, era uma ou outra escola que não participava, porque era muito “fraquinha”, não tinha apoio, ou não tinha material esportivo, às vezes nós não tínhamos material esportivo para dar para todas as escolas. Mesmo porque, quando nós tomávamos conta da Educação Física, o material esportivo quem deveria dar era a Secretaria da Educação, mas eles não davam nada, acho que eles não tinham nem mesmo uma bola de bola ao cesto dentro da Secretaria.

O que representou para o Sr. ter trabalhado nas competições?

Eu gostei muito de todos os anos que eu trabalhei, eu só não gosto até hoje, e não gostei por ele [Estado] não ter valorizado a classe dos professores, até hoje é a mesma coisa. Talvez uma faculdade, ou uma escola particular valorize o professor, mas o governo federal, estadual, jamais

valorizou. Tanto é que você vê que de vez em sempre tem essas greves dos professores, seja no Município , no Estado, e nunca as reivindicações deles são atendidas.

A partir de 1964 nós verificamos no Jornal Cruzeiro do Sul que foram realizados os Jogos Intelectuais e Esportivos, o Sr. poderia falar algo a respeito?

Estes Jogos devem ter começado em 1962, ou 1963, e fizemos até 1965, 1966. Fizemos poucos , por causa de falta de local, não era fácil, era muito trabalhoso, inclusive dependíamos de outras pessoas para fazer as provas. E nós fazíamos quase todos os anos no Clube União Recreativo, inclusive isso aí foi uma idéia muito feliz do professor Peixe, ele que gostava de fazer.

O que compunha esses Jogos?

Era nome de Jogos porque eram intelectuais, mas eram perguntas normais da educação quer fazia parte. Então colocávamos Jogos porque nós tomávamos conta de um departamento, de uma delegacia que lidava com isso. No Recreativo cada um ficava com a sua mesinha.

Qual era o tema da prova?

Os mais diversos possíveis, alguns professores que faziam o tema. Tinha até coisa de jogo no tema que eles aprendiam nos anos que antecederam. Por exemplo, se eles estavam nos Jogos Intelectuais até a oitava série, era tudo matéria da oitava série.

E era premiado?

Era premiado, dava medalhas, tudo isso.

Era um evento local ?

Era só local.

A partir de 1964, o Sr. teve a percepção de que estes Jogos Escolares poderiam estar sendo utilizados como instrumento de manipulação por parte do governo?

Não, não, nós nem tomávamos conhecimento disso, é como se não tivesse existido revolução , é como se não tivesse existido anistia, é como se não tivesse existido poder militar, nada, é como se fosse tudo a mesma coisa. Inclusive nós éramos muito moços na época e lidávamos com a criançada, e nem tomávamos conhecimento dessas atividades, nem conversávamos sobre isto não.

O calendário e as realizações transcorreram sem nenhuma conotação política?

É como se não tivesse existido nada, nem conversávamos sobre isto, nem lembrávamos...[risos]. Nós continuamos nossas atividades normais, como se nada existisse, nunca em nenhuma competição se tratou deste problema político, principalmente depois que os militares tomaram conta.

Considerações finais

As minhas considerações são quando estive, fui convidado em 1997 e trabalhei sob contrato de um ano lá na prefeitura e eu fiz aquele projeto de Lei do FADAS (Fundo de Amparo ao Desporto Amador e Sorocaba). Naquele ano eu lidava com isso, sei que agora eles aprofundaram nesta Lei. Outra coisa que também eu colaborei no tempo do Jânio Quadros, eu fiz o Código de Justiça Desportivo para a Secretaria de Esportes de São Paulo, e o Jânio fez isto como Decreto, e foi bom. Até hoje existe, e usaram, não se usam até hoje. Em 1987, 1986, nós também instituímos o primeiro Código na Secretaria de Esportes de São Paulo, o primeiro Código de Justiça Desportivo do Estado, chamava-se Superior Tribunal de Justiça e nos Jogos eram os Tribunais Regionais de Justiça.

Muito obrigado professor.













SEGUNDA DIVISÃO DE PROFISSIONAIS

CRUZILHO DO SUL

E. G. São Bento X Salitense, para encerrar o 2.º turno do certame

Folga para o Estrada de Ferro que deveria jogar com o Avenida

Com apenas quatro jogos restantes para se assistir domingo próximo, o primeiro jogo do segundo turno da primeira divisão de profissionais foi disputado na noite de sábado, encerrando-se das pedras em perspectiva, o encontro entre o São Bento e a Salitense, na partida disputada no campo da Rua Cel. Nogueira Padilha. O Estrada de Ferro não pôde jogar com o seu adversário, porque o campo da Avenida está fora do jogo.

Domingo último

Grêmio Sta. Terezi-na, 2 X Industrial, 1

Jogando domingo último no campo da Parada do Alto, em Grêmio, ao passo que Baccabian de penal marcou o tento de honra da Industrial. Nessa partida o Grêmio mandou a campo os seguintes jogadores: Antonio Marcos, Fico Torres; Zito (Berinho) e Bi; Mario e Adriano; Berni, Veludo, Gauchão, Adilson (Sergio) e Maurício. A rubricagem esteve a cargo de Adilson Ramonice com boa partida. Na preliminar registrou-se a vitória do Grêmio por 2 a x 1.

CAMPENATO DA CIDADE

Cinco jogos para a rodada de domingo

A Lisorti vai dar sequência ao seu campeonato principal, promovendo domingo, em toda a vizinhança, cinco jogos de futebol nos diversos campos da cidade, sendo quatro deles pela manhã e um à tarde. No único jogo marcado para o horário nobre do futebol no Bisturi, teremos em Santa Rosa o duelo entre Fortaleza X Corinthians; no estádio Severino Figueira da Silva, em Santa Rosa, um bom jogo, consistente em 30-se a rivalidade existente entre os dois contendores: Jogará às 13,30 horas.

Pela manhã, com inicio marcado para às 7,30, teremos os seguintes jogos: Montenegro X Vestrata, no campo da rua Cel. Nogueira Padilha; Parada do

Alto X Tebe, no estádio Dr. Ruy de Castro Rodrigues; Metalarica X Barroca, no campo do Fortaleza e, finalmente, Metalarica X São Bento, no campo do

Jogando amistosamente domingo último, no campo do "Zinzeiral", o E. C. Carito do Rio (do Barroca), derrotou especialmente o campeão do União.

Duco, Toninho, Luiz Lúcio e Zagaio. Os tentos foram marcados por Zagaio. (3), Toninho e Pindeva.

Ginêmas, com boa atuação, Na preliminar marcou para o Cantô do Rio.

1 Jogos dos Grupos Escolares de Sorocaba "Pedro Bonani"

Oito modalidades serão disputadas pelos alunos dos nossos grupos, nas categorias feminina e masculina. Grande desfile dia 31 de outubro. Os senhores diretores dos estabelecimentos devem providenciar com brevidade a inscrição de seus representantes. Outras notas

A Diretoria Municipal de Esportes estará realizando, a partir do dia 31 do corrente, uma grandiosa jornada esportiva reunindo elementos dos nossos grupos escolares. Será uma festa verdadeiramente grandiosa, comemorando os Jogos Escolares e levando-se a uma

abundância que lhes será peculiar. E nem o diretor ou professor dos nossos estabelecimentos se apóia para que deixem de dar a sua contribuição para a realização desta disputa, vinda a honra de nosso município. Já há muitos grupos que já receberam a sua participação. Os JOGOS DOS GRUPOS ESCOLARES DE SOROCABA "PEDRO BONANI", o maior momento de confraternização esportiva, abrindo assim uma nova fase de progresso e realizações para o esporte da Manicobra Paulista. Na infância esta é o mais importante fator de progresso de uma nação, já que o esporte proporciona a formação física, intelectual, moral e social dos indivíduos que serão os futuros dirigentes de amanhã.

Indicamos, portanto, a grandeza contida na nossa Parada. E os Jogos infantis estarão abrigando essa finalidade. São as seguintes as modalidades a serem disputadas nos JOGOS DOS GRUPOS ESCOLARES DE SOROCABA: Futebol, Tênis de Mesa, Natacão (masculino e feminino), Futebol de Salão e Ciclismo (masculino).

DESPITE OBRIGATORIO DIA 31 DE OUTUBRO. Na tarde do último sábado desfilamos, tivemos imponente desfile (obrigatório de todos os grupos participantes, com premios

justificamos, pois, e por isso, o desfile, terá de render grande coisa, e, poderá ser muito interessante. Havrá, ainda, uma boa apresentação.

PLANTÃO Esportivo

DETERMINOU o departamento de arbitros da FPF, não indicar mais juizes para aplicar em Juizadi, devido os informes, indicantes que tem os juizes, ali, os mesmos e ligados, não tem tomado medidas.

ESTA, estipulado em 100 mil, o passe do centro, porém, não disposto pelo Barroca, por medidas disciplinares.

SEM DIVIDA são, varios os problemas que detrona a FPF, com relação ao certame internacional de acesso. Assim como o recurso de Botucatuense, que o TUD deu ao Tupã, e os pedidos de amparo de parafisa, foram

DESPITE OBRIGATORIO DIA 31 DE OUTUBRO. Na tarde do último sábado desfilamos, tivemos imponente desfile (obrigatório de todos os grupos participantes, com premios

Coire usado

Compra-se. Tratar com Colchona, Santo Antonio, a RUA CEL. NOGUEIRA PADILHA, 178 - FONE 1018.

Canto do Rio, 5 X União, 2

Jogando amistosamente domingo último, no campo do "Zinzeiral", o E. C. Carito do Rio (do Barroca), derrotou especialmente o campeão do União.

Plantão Esportivo

DETERMINOU o departamento de arbitros da FPF, não indicar mais juizes para aplicar em Juizadi, devido os informes, indicantes que tem os juizes, ali, os mesmos e ligados, não tem tomado medidas.

ESTA, estipulado em 100 mil, o passe do centro, porém, não disposto pelo Barroca, por medidas disciplinares.

SEM DIVIDA são, varios os problemas que detrona a FPF, com relação ao certame internacional de acesso. Assim como o recurso de Botucatuense, que o TUD deu ao Tupã, e os pedidos de amparo de parafisa, foram

Junta Disciplinar Desportiva da Liga

CORINTIANS RECEBE

Mais uma interessante competição amistosa realizara dominico e conjunto do E.C. Corinthians de Votorantim, nesta sua primeira de pro-campeonato enfrentamento desta feita a representacao do Nitro Quimica F.R.

de São Miguel Paulista, conjunto que tambem integra a 2.a divisao de profissionais.

Os ultimos resultados obtidos pelos corinthians, leva a acreditar em uma nova fase de recuperacao, demonstracao esta

com post tima O Paul tem nhas reza

S. Bento marcha celere para gol de Alfredo decidiu o de

O estadio da rua Aparecida na manha de domingo foi palco do principal acontecimento do futebol amador, na etapa de campeonato, quando São Bento e Estrada mediram forças num derbi de proporções a categoria do espetáculo.

que já havia obtido diante do Metalurgica e Nacional. Peleja a principio jogada em câmara lenta, sem aquela objetividade da procura do gol intermediário. Haja vista que apenas um lance de sensação se verificou nestes primeiros 45 minutos de "luta", e assim mesmo quando restavam somente 30 segundos, quando Miltoninho, deslocado pela direita, cruza forte e rasteiramente. Rodrigues, colocado dentro

ds p o pos tesa Est se co encor inicio lores recen segur açõs a ma final ment mãos A j cantel saltou guu Alfre da co Lopes gol q recla consu xiliar leja realiza Ain prime do a selar Eram do Al nha. r'or e Ma becea te a linha entra do-a, acom, toque abert Ter a fre passa Zézin tranc to su do e

Segundo Jogos Intellectuais e Esportivos

Profundamente modificados os que concerne a idade dos atletas, sabado, dia 25 será inaugurada a segunda edição dos JOGOS INTELECTUAIS E ESPORTIVOS, excelente promoção da Drefe., agora contando com a colaboração da Sub Comissão de Esportes Estudantes da C.C.E., com a realização da competição de Natação. Para melhor aproveitamento dos atletas estudantes a DREFE estabeleceu 3 divisões — de acordo com a idade — para os campeonatos masculino e feminino, e que são as seguintes: MIRIM — para os alunos com 14 anos de idade — nascidos até 1930; INFANTIL — para os alunos com 15 e 16 anos — nascidos em 1949 e 1948; JUVENIL — para os alunos com 17 e 18 anos — nascidos em 1947 e 1946. Os J.I.F. continuam reservados para os estudantes dos cursos diurnos dos Estabelecimentos de Ensino Médio da Cidade, aqueles que assistem às aulas de Ed. Física, e estão sob o controle direto dos respectivos professores de Ed. Física. Logo após a competição de Natação teremos ainda neste ano o inicio dos campeonatos de Voleibol — para as moças — e Futebol de Salão — para os

rapazes —, e Tenis de Mesa — moças e rapazes —, nas três divisões. No segundo semestre serão desenvolvidos os campeonatos de Basquetebol, Xadrez, Atletismo e Provas Intellectuais todos estes para moças e rapazes. Pelo sucesso registrado o ano passado não temos a menor sombra de dúvida em afirmar que os J.I.E. do corrente ano (com as modificações introduzidas) bizarão o êxito anterior. As provas de Natação para o dia 25 são as seguintes: Mirim masc. e fim. — 25 metros nado de costas (crawlado), 25 metros nado de peito (classico), 25 metros nado livre (crawl) e revezamento 3 x 25 metros Medley; Infantil Masc. e fem. — 50 metros nado de costas (crawlado), 50 metros nado de peito (classico), 50 metros Livres (crawl) e revezamento 3 x 50 metros Medley; Juvenil masc. — 100 metros nado de costas (crawlado), 100 metros de peito (Classico), 100 metros nado Livre (crawl) e revezamento 3 x 100 Medley; Juvenil Fem. — 50 metros nado de costas (crawlado), 50 metros de peito (Classico), 50 metros livre (crawl) e revezamento 3 x 50 metros Medley.

do e E do o suas Bent Alfre teio venc tado desp Ur cons o Sá sar pont cam dire qual cert soro Jo com ce; nho má

Brasil e Inglaterra abrem hoje a Taça das Nações

Quatro das mais prestigiosas seleções nacionais de futebol estarão a partir de hoje empenhadas pela disputa da Taça das Nações, mimo representativo a passagem do circunscrito de fundação da Confederação Brasileira de Desportos, troféu todo ele confeccionado em prata com revestimento de ouro avaliado aproximadamente em 2 milhões de cruzeiros.

A CBD, fundada em 8 de junho de 1914, comemorará assim

efetivamente essa marcante data de muita representação para nós brasileiros, promovendo um quadrangular com a presença das principais seleções da Inglaterra, Portugal, Argentina e Brasil.

Esta noite teremos a partida inicial no estádio do Maracanã, portia aguardada com denso interesse de parte da platéia guanabarina e de todo país, pois serão protagonistas brasileiros e ingleses, surgindo o "Emphis Team" com cartel

dos melhores, de onde se destaca vitoriosa a partida disputada no belo estádio estadual da Guanabara.

Confirmadas as escalações dos mediadores para todo torneio, o encontro de logo mais deverá ser dirigido pelo trio Pierre Schwitte (França), como juiz, e Sérgio Bustamante (Chile) e Alberto Tejada (Peru) como bandeirinhas.

No presente torneio será obedecida a Regra III com a substituição de um elemento até os 44 minutos do primeiro período de jogo e do goleiro, este em qualquer momento.

Amanhã, ainda no Maracanã, com início marcado para 15.15 horas, estarão jogando as seleções de Portugal e Argentina sob a direção do apilador holandês, Léo Horn, com os brasileiros Armando Marques e Eunápio de Queiroz com os bastões.



PELE

Escôre igual também na preliminar entre juvenis

As formações do São Bento e São Lourenço, categoria juvenil, voltaram a se defrontar outra vez fazendo a preliminar do São Bento e Paulista, terminando o confronto com o empate de 1 tento.

Mané anotou para o avileense aproveitando-se da falha de Waidemar na tentativa de recuar a bola para o goleiro Gide.

O São Lourenço chegou ao empate através de Sergio depois da infiltração de Vande área dentro, o tiro do lateral tocou em Milton e se ofereceu para o comandante arrematar com sucesso.

Formos o São Bento com: Bino, Adilson, Milton, Gide, Waidemar, Vande, Zequinha, Valdemar e Zé Carlos. Claudiano, Buzamonte, Fazio (Tetrera).

O São Lourenço se compozi com: Gide, Vande, Zequinha, Valdemar e Zé Carlos. Ademir e Colin.

José Leila do Canto e Bor Filho responderam pela defesa de espôrta de quinta-feira em sua Cel. Nogueira.

Reportagem de B. A. I.

Retrospecto dos II Jogos Intelectuais e Esportivos

Os II JOGOS INTELECTUAIS E ESPORTIVOS, promovidos pelo DREEE e contando com a colaboração da C.C.E., que através de sua presidência e várias sub-comissões, vêm emprestando de dedido apoio ao certame, vai tendo prosseguimento com a realização diária de jogos no Ginásio Municipal Dr. Getúlio Vargas e no Instituto de Educação Dr. Julio P. de Albuquerque. Conforme já é domínio público, estes II Jogos congregam os estudantes secundários da cidade com frequência em Educação Física, sendo que neste semestre desenvolveram-se os campeonatos de vôlei feminino, futebol de salão masculino e tênis de mesa masculino e feminino, todos com três divisões: mirim infantil e juvenil.

De acordo com o Regulamento do J.I.E., na modalidade em que apresentarem mais de quatro inscritos, haverá um turno de classificação por dupla eliminatória, apurando-se quatro equipes que disputarão o turno final, que será completo, na modalidade em que houver menos de quatro equipes inscritas, o sistema de disputa será ainda conforme o Regulamento, turno e retorno completos. Desta forma os II Jogos Intelectuais e Esportivos apresentam até o momento o seguinte quadro:

VOLEIBOL MIRIM FEMININO
5 Escolas inscritas: Vila Santana, Getúlio Vargas, Achilles de Almeida, OSE, e I. Educação.
Sistema de disputa: 1 turno de classificação e turno final completo.

Jogos efetuados: Getúlio Vargas 2 x Vila Santana 1, e A. Almeida 2 x OSE, 0. Já garantiram a classificação para o turno final: G. Vargas, I. Educação e Achilles; a outra vaga será preenchida pelo vencedor de Vila Santana e OSE.

VOLEIBOL INFANTIL FEMININO
3 Escolas inscritas: Vila Santana, Getúlio Vargas e I. Educação.
Sistema de disputa: turno e retorno completos.

Jogos efetuados: I. Educação 2 x A. Almeida 1.

VOLEIBOL JUVENIL FEMININO
4 Escolas inscritas: A. Almeida, OSE, I. Educação e Vila Santana.
Sistema de disputa: turno e retorno completos.

Jogos efetuados: A. Almeida 2 x OSE, 0. I. Educação 2 x Santana, 0. I. Educação 2 x A. Almeida, 1. OSE, 2 x Santana, 1. A. Almeida 2 x Vila Santana, 0 e I. Educação 2 x OSE, 0.

Jogos efetuados: I. Educação 5 x V. Santana 1 e V. Santana 5 x A. Almeida 0.

TENIS DE MESA JUVENIL FEMININO
3 Escolas inscritas: I. Educação, A. Almeida e V. Santana.
Sistema de disputa: turno e retorno completos.

Jogos efetuados: I. Educação 5 x V. Santana 0, I. Educação 5 x A. Almeida 0, I. Educação W x A. Almeida 0 e Educação 5 x S. Santana 0.

FUTEBOL DE SALAO MIRIM
7 Escolas inscritas: Ciências, Industrial, OSE, A. Almeida, Salesiano, Anchieta e V. Santana.
Sistema de disputa: 1 turno de classificação e turno final.

Jogos efetuados: Industrial 2 x Ciências 1, OSE, 1 x A. Almeida 0 e Anchieta W x Salesiano 0. Por enquanto, nenhuma Escola garantiu sua classificação para o turno final.

FUTEBOL DE SALAO INFANTIL
8 Escolas inscritas: Ferroviário, V. Santana, Getúlio Vargas, Salesiano, OSE, A. Almeida, Ciências e Industrial.
Sistema de disputa: um turno de classificação e turno final.

Jogos efetuados: Ferroviário 2 x V. Santana 1, G. Vargas 4 x Salesiano 0, OSE, 2 x A. Almeida 1, Ciências 1 x Industrial 0, G. Vargas 3 x Ferroviário 1 e Industrial 6 x A. Almeida 1.

Nesta divisão apenas o G. Vargas já tem assegurada a sua participação no turno final.

FUTEBOL DE SALAO JUVENIL
6 Escolas inscritas: Industrial, G. Vargas, Ferroviário, OSE, Anchieta e A. Almeida.
Sistema de disputa: 1 turno de classificação e turno final.

Único jogo efetuado: OSE, 2 x Anchieta 1.

TENIS DE MESA MIRIM MASCULINO
6 Escolas inscritas: Salesiano, Industrial, Ciências, V. Santana, A. Almeida e OSE.
Sistema de disputa: 1 turno de classificação e turno final.

Jogos efetuados: Ciências 5 x Industrial 1, V. Santana 5 x A. Almeida 0, Salesiano 0 x Ciências 0, OSE, 5 x V. Santana 2, e Salesiano 5 x V. Santana 1.

Para o turno final estão classificadas: Ciências, OSE, Salesiano e o vencedor de Industrial e V. Santana.

TENIS DE MESA INFANTIL MASCULINO
6 Escolas inscritas: Industrial, Ciências, OSE, Salesiano, Anchieta e A. Almeida.



JULINHO

Vitória convincente do C. A. Operário

Na tarde de domingo, no estádio da rua dos Protestantes, em Votorantim, jogaram amistosamente as equipes do C. A. Operário e do Gremio Esportivo Americano, de Vila Formosa, de S. Paulo.

Os rapazes tricôres, vitoriosamente, voltando a atuar de forma categorica, se impuseram diante do time visitante pela contagem de 5 a 0, não havendo contestação alguma outra quanto a legitimidade do fêto dos atletas do clube presidido por Olivino Herrera.

Do conjunto da capital, não conseguiu apesar dos esforços amenizar aquela acachapante contagem.

A ordem dos gols foi a seguinte: aos 17 minutos, Haroldinho cobrando uma falta, inaugura o escôre. Aos 41 minutos, Cuiara, dribla dois adversários dentro da área e quando vai ser enfrentado pelo guarda, dribla-o também e manda para as redes desguarnecidas. Um grande tento.

Na fase final, apesar da reação dos visitantes, aos 19 minutos, Wande tabela com Air e este ultimo aumenta para 3 a 0. Aos 31 minutos, o Operário voltaria a marcar por intermédio de Lanzudo, que recebendo na esquerda lançamento de Air avança e fuzila Soneca; aos 35 minutos, tivemos o ultimo tento desta bonita vitória do Operário, por intermédio de Wande, que recebe a "paga" de Air, quando do terceiro tento. Foi tanta a pressão dos operários

contra o Gremio Americano, que nos ultimos 10 minutos, Soneca, guardião visitante, foi a principal figura dos restantes minutos do jogo. 5 a 0 placar que diz bem da apresentação feliz do C. A. Operário.

As equipes que jogaram: C. A. OPERÁRIO: Osvaldinho (Cavachine) Ticão, Manolo e Nino (Geraldo); Rancheira (Coelho), Chico Preto, Baltazar, Air, Cuiara (Tomito), Wande, Haroldinho (Lanzudo). — GREMIO ESPORTIVO AMERICANO: Soneca, Juliano, Afonso, Cícero, Paulo e Baltazar; Bertinho, Juliano II, Beço, Toco e Toninho. Arbitragem de Benedito Ribeiro, muito boa, auxiliado por Antonio Ramirez.

Na preliminar, o Operário venceu por 3 a 0. (Mauro Gomes).

Camp. Interno do IEIPA

Teve desenvolvimento na noite de terça-feira, na quadra do Instituto de Educação Julio Prestes de Albuquerque, o campeonato interno que alunos daquele estabelecimento vêm realizando, com o encontro entre clássicos e o "dominiquês", vindo a registrar-se a goleada do primeiro pela contagem de 6 a 2, com tentos de Renato, 4, Bueno, e Oriandinho.

Eis como formaram os vencedores: Hercules, Paulinho, Rórick e Paulo Rodrigues; Bueno (Oriandinho) e Renato.

Santana 3 x V. Jardini 2

Jogaram no domingo último as equipes do Santana F.C. e V. Jardini F.C., saindo vitoriosa a primeira pela contagem de 3x2, vitória justa para a esquadra da rua Borba Gato.

O Santana alinhou com: Reinado, Zezinho, Paulo Wilson e Flávio; Eugênio e Dija; Valtier, Cesar, Dorinho e Toninho. Os gols, foram assinalados por Dija, Valtier e Cesar.

Também vitória do segundo quadro do Santana pela contagem de 3 tentos a 1, gols assinalados por Toninho, Anselmo Carlos e Horácio.

Para o segundo quadro formou com: Balano, Decrécio, Jairo Macaré e Nilson; Emílio Antonio Carlos; Daniel, Clóde, (Nê), Horácio, Canhotoiro (Elatri).

Jogaram no domingo último as equipes do Santana F.C. e V. Jardini F.C., saindo vitoriosa a primeira pela contagem de 3x2, vitória justa para a esquadra da rua Borba Gato.

O Santana alinhou com: Reinado, Zezinho, Paulo Wilson e Flávio; Eugênio e Dija; Valtier, Cesar, Dorinho e Toninho. Os gols, foram assinalados por Dija, Valtier e Cesar.

Também vitória do segundo quadro do Santana pela contagem de 3 tentos a 1, gols assinalados por Toninho, Anselmo Carlos e Horácio.

Para o segundo quadro formou com: Balano, Decrécio, Jairo Macaré e Nilson; Emílio Antonio Carlos; Daniel, Clóde, (Nê), Horácio, Canhotoiro (Elatri).

Agora você pode pintar sua geladeira

Em sua própria RESIDEN. CIA - Basta telefonar para 2-2091 e chamar

Sumida

que conta com uma equipe de Pintores especializados para lhe oferecer sempre o melhor serviço

SUA GELADEIRA NÃO SAI DE SUA CASA E FICA OUTRA COMO SE VIESSE DA FABRICA

Instituto de Fraturas e Acidentes SÃO LUCAS

DOENÇAS DOS OSSOS E ARTICULAÇÕES
RADIOGRAFIAS — FISIOTERAPIA

DR. RUY AMPARO
Ex-Médico Interno Parli-
lhão Bernardino Simon-
sen (Serviço do Prof.
Domingos Define)

DR. JOAO ROZAS BARROS
Especialista em Clínica Ortopé-
dica e Traumatológica do Hos-
pital das Clínicas (Serviço de
Prof. Godol Moreira)

RUA CAP. JOSÉ DIAS, 45 — FONE 2-0489 — SOBORCAMA

Máquinas de escrever, somar e de calcular

BALTASAR (Técnico)

Rua Santa Clara, 50 - Tel. 22409

FIMS

Noitada pelo "Bandeirantes" reabre temporada cestobolística

Decisão estadual para sorocabanos assistirem: S. José vs. Geometric Clube

Amanhã, no estado do São Paulo, pelo título estadual de futebol amador estarão jogando a "negra" as equipes do Geometric Clube, de São Paulo e E. C. São José, de Lençóis Paulista.

Veteranos do S. Bento x Espanha

Sugestivo amistoso estará sendo levado a efeito na tarde de hoje no campo beneditino, principalmente para aqueles que apreciam o futebol dessa categoria.

Jogos para amanhã

E. C. Brasil joga na tarde de amanhã, em Vila Hortência, contra o time do campo beneditino, principalmente para aqueles que apreciam o futebol dessa categoria.

Concursos esportivos

Na última sessão da Câmara Federal, o deputado paulista Eválio de Almeida Pito, solicitou rápida tramitação para o projeto que institui os Concursos Esportivos e que se encontra na Comissão de Educação e Cultura daquela Casa do Congresso.

PESCARIA EM MATO GROSSO

Hoje, quinta-feira, dia 23, em que a humanidade comemora uma das maiores festividades religiosas, Corpus Christi, acordamos mais cedo e ainda na cama rendemos graças ao melancólico agradecimento-Lhe por nos permitir estas férias que estão sendo aproveitadas em tanta tranquilidade e sem o mínimo de perigos; como é um dos derradeiros dias que aqui passamos (presentemente, aqui passamos) voluntariamente, não fizemos os preparativos de costume e "baixamos" para o rio sob intensa neblina que não dava visibilidade talvez a 5 metros na frente e mesmo assim "metemos a cara" para a ceia final de aguardar para "valerões" aparecerem para a "refeição" da manhã, no final, para eles, aziaça, e para nós proreitas porque o Seme (urso de sorte) ficou 2 pacus, 2 piarajás e 2 piarajás, havendo mesmo um monstro que exclamamos que o bote estava "bando queco" com 3 peixes de cada lado, na pópa, amarrados; a nossa parte se reduzia a 2 plavas com perto de 1 quilô cada mas que eram "miriarras" se comparados com os do Seme; o Ironicô "embocou" uma Piracaba respeitável e o Chiquinho ficou na mão, so com vontade; preciso deixar consignado que o Ironicô perdeu 2 peixes tambos escouraram as linhas) que acreditamos seriam os maiores até agora, pois todos os peixes nas linhas (antes de saltarem) para "sentir o peso dos bichos" que pareciam não no fundo d'água e davam cada "puxão" de fazer a gente se arrepiar; dizem que todos os pescadores, não mentiram nos seus pedidos para garantir pela nossa felicidade que nós não eramos enormes; o Ironicô até perdeu a cor de ruiva em não embar-

Nossa cidade acolherá, a partir de hoje, as representações de futebol feminino de São José do Rio Preto, São Caetano do Sul e Sorocaba, as quais, juntamente com Sorocaba, decidiram o título da modalidade, pelo Troféu Bandeirantes, esportivamente, em duas modalidades: futebol feminino e jogos de esportes, a primeira, esta noite, e as finais amanhã cedo.

As duas equipes vêm com uma vitória cada uma, surgindo o São José de Lençóis Paulista como equipe mais poderosa. Resultado apertado de 1:0, Paulo e o elástico mirador registrado no segundo encontro, na cancha do S. José.

O início do encontro está previsto para às 14:30 hs., não havendo consequentemente preliminar, a não ser que seja iniciada às 12:30 hs.

Os "olheiros" do São Bento, vão procurar ver em ação "dois elementos" do time de Lençóis Paulista, que, dizem, poderia ser útil ao gremio beneditino.

Quando as piracabanas e rancancenas, sabe-se que as meninas da Noiva da Colina, representando o Clube Regatas, vieram alcançando o primeiro resultado, consolidando sua posição no referido torneio ao vencer o Palestra, de São José do Rio Preto, já mesmo na longínqua cidade de Alta-Paraguariense, e como feito mais recente o título do certame por movido anualmente no Rio de Janeiro pelo Jornal dos Sports.

Já as moças da cidade que este ano realizam o campeonato do Interior, além das "luminárias" sobre Guaratinguetá e Paraguari Paulista para sua organização, vem com a responsabilidade de equipe montada para responder como sede da competição que promoverá em outubro próximo.

Finalmente veremos as meninas da "Manchester Paulista", equipe integralmente formada de jogadoras da categoria mirim, as conhecidas "mitinhoquinhas", que corresponderam e chegaram a impressionar nos compromissos anteriores do

torneio ganhando de mais de 100 pontos em Marília na sua única participação na fase inter-regional. E bem verdade que nesse conjunto assim formado levará desvantagem física diante das demais rancancenas, o que poderá facilmente ser equilibrado em relação a essa possível deficiência com o fator tático que não possui.

PROGRAMAÇÃO DE HOJE

A noitada de hoje deverá ter início imprerivelmente às 20 horas, valendo as duas partidas pela semi-final. Jogarão inicialmente os quintetos de São Caetano e Piracabana, para em seguida preliam Sorocaba e São José do Rio Preto.

FINALIDADE, AMANHÃ CÉDULO — No manhã de amanhã, a partir das 9 horas, teremos a luta entre os perdedores de sábado pelo 3º e 4º lugares, jogando-se em seguida a partida final, jogando inicialmente os quintetos de São Caetano e Piracabana, para em seguida preliam Sorocaba e São José do Rio Preto.

JUIZES DA F.P.B. — Quatro apitadores do principal quadro de juizes da Federação Paulista de Basquetebol deverão estar com a responsabilidade da direção de todas as partidas. Arbitros da categoria aqui estarão para mediar essas partidas desalvas pelo Troféu Bandeirantes, fazendo com que as rodadas se desenvolvam normalmente.

PREÇO DE COLABORAÇÃO

Entende o Departamento Autônomo de Cestebol do São Bento que preços ínfimos sejam cobrados para as duas rodadas, possibilitando dessa maneira que maior contingente de torcedores venha presenciar referidas jornadas, prestigiando e incentivando nossas meninas à grande conquista, ao mesmo tempo que facilitar possa o ces-

Balanco dos II Jogos Intelectuais e Esportivos

Os quatro equipes classificadas para a final foram as seguintes: O.S.E., A. Almeida, C. Vargas e Instituto de Educação.

Logo após a decisão ficou sendo o seguinte a classificação: 1º lugar: A. Almeida, 2º lugar: C. Vargas, 3º lugar: I. Educação, 4º lugar: C. Vargas.

A equipe campeã contou com as seguintes atletas: Miriam Sanchez, Luci Saitou, Rosângela Ricardo, Cristina A. Galhardo, Maria Salvador, Maria Fieri, Roseli Lima, Maria Anesela Police.

Classificaram-se para a final as seguintes equipes: V. Santana, G. Vargas, Instituto de Educação.

Logo após a decisão ficou sendo o seguinte a classificação: 1º lugar: V. Santana, 2º lugar: G. Vargas, 3º lugar: I. Educação, 4º lugar: C. Vargas.

Classificaram-se para a final as seguintes equipes: C. Vargas, F. P. B., Instituto de Educação.

Logo após a decisão ficou sendo o seguinte a classificação: 1º lugar: C. Vargas, 2º lugar: F. P. B., 3º lugar: I. Educação, 4º lugar: C. Vargas.

Classificaram-se para a final as seguintes equipes: C. Vargas, F. P. B., Instituto de Educação.

Logo após a decisão ficou sendo o seguinte a classificação: 1º lugar: C. Vargas, 2º lugar: F. P. B., 3º lugar: I. Educação, 4º lugar: C. Vargas.

Estadua feminina termina com clássico XV x Corinthians

Chega ao seu final hoje, a realização das duas últimas partidas, e certame estadual feminino de cestebol ainda válido pela temporada 63/64, dos quais se sobressai o único encontro que realmente pode chamar a atenção daqueles que acompanham o esporte da cesta, como concorrentes que lutam isoladamente pelo troféu, caso de XV de Novembro de Piracabana e Corinthians.

No cotejo turno, levado a efeito no Parque São Jorge, de Corinthians venceu e se colocou em vantagem na tabela de pontos perdidos, jogando esta noite na Noiva da Colina, onde, naturalmente, as quinistas contam com o "handicap" a seu favor.

Novo triunfo das companheiras de Benedita lhes proporcionará a conquista do título, enquanto a vitória das piracabanas provaverá o empate no primeiro posto, obrigando a realização da partida desempate em campo neutro.

Em cotejo sem qualquer simplificação, preliam em Botucatu o XV de Novembro e o Pinheiros, com as do interior mantendo-se na "lanterninha" do certame, do que escaparão sem companhia se obtiverem sua primeira vitória esta noite.

Espanha venceu Universal: 3 a 2

Na parte da manhã, jogaram domingo último as formações do Espanha do Universal jogando e venceu a vitória "opa nhôa" por 3 a 2, com gol da Massa, Joãozinho e Calo.

Campineiro se dirige ao presidente da ACES

Segundo nos pediu Campineiro para informar, se dirigiu hoje ao sr. Miguel Molina, presidente da Associação dos Cronistas de Futebol de Sorocaba, se colocando à disposição, como seu representante, para este, da Entidade, para uma mesa redonda, presentes ainda os atuais dirigentes do nosso cestebol.

"Na oportunidade", segundo Campineiro, estaria um reporter oportunidade para comprovações e não notas apenas levianas, muito próprias de usar, que assim procuram usar, que querem fugir, que procuram se justificar, e justificar, ocasião em que poderia ele (reporter), se manifestar. MESMO ASSIM, manifestar também que aqui, que escreve, aquilo que diz, representa manutenção efetiva sua".

4a2 para o Brasil contra Juventude

No domingo último, no campo de Vila Tonatinho, jogaram amadoramente as formações de C. Brasil e do Juventude, vindo a registrar-se a vitória fácil, dos rapazes carinhosos, pela contagem de 4 a 2.

Os tenetos dos "brasilheiros" foram anotados por: Bouca 2, Nardo e Ferrelinha, alharão, João-se com Carabajal, Abilio e Zé da Saia; Tombo, Marina e Cid de Escuringo (Pedrinho), Bouca, Nardo, Ferrelinha e Dunga.

No encontro preliminar, o Brasil venceu novamente, por 2 a 1, com esta formação: Ombre, Chido, Lashino, Moacir, Fagundes e Marino; Militino, Joãozinho, João Leite, Gardinho, Zuzi Bô.

O E. C. Brasil está aceitando jogos, em casa ou fora. Informar à rua Benjamin dos Santos, 539.

AVISO

O Clube Atlético Barcelona, avisa todos os membros que desejarem ingressar na sua equipe juvenil, que deverão comparecer sábado às 15 hs., 4 horas (no campo da av. Paizal), a fim de fazerem sua inscrição. Os treinos serão realizados todos os sábados no período da tarde ou noite às 15:30 horas.

COLABORADOR CONOSCO

Comunique pelos telefones 2-3855 ou 2-9147 qualquer irregularidade na entrega do CRUZEIRO DO SUL.

Torneio inicio de salonismo na próxima terça-feira

A Liga Sorocabana de Futebol de Salão abrirá sua temporada oficial para o corrente ano com a realização, na próxima terça-feira, no Ginásio de Esportes, do Torneio Início, o qual marcará a "largada" do certame de 64.

Dois clubes regularizaram sua situação e compõe o número de concorrentes no referido campeonato, estando os jogos do "início" assim distribuídos: 1º jogo — E. C. AVAL vs. A. A. SORCABA; 2º jogo — A. A.

Santa Rita vs. A. A. Função: Miriam. E. C. Jogo — E. P. S. vs. Coritiba e Jogo — J. O. Jogo — Vitória vs. Fluminense F.C. 5.º jogo — J. O. J. vs. São Bento F.S.

Todos os partidas terão a duração de 20 minutos, divididos em dois tempos de 10.

Após o último jogo da noite será feita nova sorteio para as semi-finais que serão efetuadas dia 2 de julho, quinta-feira próxima.

FUTEBOL DE SALÃO INFANTIL

Classificaram-se para a final as seguintes equipes: C. Vargas, C. Vargas, Instituto de Educação.

Logo após a decisão ficou sendo o seguinte a classificação: 1º lugar: C. Vargas, 2º lugar: C. Vargas, 3º lugar: I. Educação, 4º lugar: C. Vargas.

Classificaram-se para a final as seguintes equipes: V. Santana, G. Vargas, Instituto de Educação.

Logo após a decisão ficou sendo o seguinte a classificação: 1º lugar: V. Santana, 2º lugar: G. Vargas, 3º lugar: I. Educação, 4º lugar: C. Vargas.

Classificaram-se para a final as seguintes equipes: C. Vargas, F. P. B., Instituto de Educação.

Logo após a decisão ficou sendo o seguinte a classificação: 1º lugar: C. Vargas, 2º lugar: F. P. B., 3º lugar: I. Educação, 4º lugar: C. Vargas.

Classificaram-se para a final as seguintes equipes: C. Vargas, F. P. B., Instituto de Educação.

Logo após a decisão ficou sendo o seguinte a classificação: 1º lugar: C. Vargas, 2º lugar: F. P. B., 3º lugar: I. Educação, 4º lugar: C. Vargas.

Classificaram-se para a final as seguintes equipes: C. Vargas, F. P. B., Instituto de Educação.

Logo após a decisão ficou sendo o seguinte a classificação: 1º lugar: C. Vargas, 2º lugar: F. P. B., 3º lugar: I. Educação, 4º lugar: C. Vargas.

Amanhã: início da disputa da Taça São Roque